



UCSAL
**UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO SALVADOR**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PÓS-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA

**O TEAR DAS RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

SALVADOR

2019

MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA

**O TEAR DAS RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador para obtenção da titulação de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dra. Ana Cecília de Sousa Bastos

SALVADOR

2019

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

S729 Souza, Mariza Carla Monteiro
O tear das relações entre primos na contemporaneidade / Mariza Carla
Monteiro Souza. – Salvador, 2019.
144 f.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria
de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade
Contemporânea.

1. Família 2. Parentesco 3. Primos 4. Primandade 5. Narrativas Familiares
I. Bastos, Ana Cecília de Sousa Bittencourt – Orientadora II. Universidade
Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2-055.72

TERMO DE APROVAÇÃO


Mariza Carla Monteiro Souza

**“O TEAR DAS RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA
CONTEMPORANEIDADE.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 27 de março de 2019.

Banca Examinadora:


Prof.^a Dr.^a Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof.^a Dr.^a Sinara Dantas Neves - (UNINASSAU)


Prof.^a Dr.^a Miriã Alves Ramos de Alcântara - (IFBA)


Prof.^a Dr.^a Sumaia Midlej Pimentel Sá - (UCSAL)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FABEP - Família, (auto)biografia e poética na

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LILASC - Biblioteca Virtual em Saúde

MEC - Ministério da Educação (MEC)

CNPQ - Conselho Nacional de Pesquisa ou Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNS/MS - Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde

CPS - Centro de Políticas Sociais

FGV - Fundação Getúlio Vargas

RCAAP - Repositório Científico de Acervo Aberto

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

UCSAL - Universidade Católica do Salvador

UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau

AGRADECIMENTOS

A minha lista de gratidão é imensurável, pois envolve todos os seres que direta e indiretamente foram fios a tecer o meu tear de relações para chegar até aqui. No entanto, gostaria de expressar deferências especiais e registrar algumas considerações importantes nesse processo construtivo, pois reconheço que não fiz nada sozinha, mas que contei com uma imensa rede de apoio que foi chegando a cada fase da minha vida.

O primeiro agradecimento é a Deus pelo dom da vida, sua guiança e por ter me dado a dádiva de “SER” e “TER” primos. Certamente a escolha dessa temática é o meu acerto de contas com a família como fundamenta a epistemologia sistêmica, porque para quem herdou os genes da primandade dos avós maternos e se casa com o primo do primo, como eu, não poderia entender de outro jeito a rota que me conduziu consciente e inconscientemente para a elaboração desse estudo. E para tanto, o divino se encarregou de enviar os parceiros e recursos necessários em cada etapa da minha história.

Aos meus pais, Sidô Monteiro (in memoriam) e M^a Nilza Carneiro com quem aprendi a valorizar o sentido de família e, junto com os meus tios, me propiciaram relações tão próximas com meus primos. Aos meus irmãos Mário Sérgio, Ana Verena, Andreia e Osvaldo Sidnei e a todos os meus primos e primos dos meus primos, pela parceria na escola da primandade.

A minha orientadora Ana Cecília Sousa Bastos, que me acolheu, acreditou e me transformou em pesquisadora da primandade, respeitando o meu ritmo, limitações, reconhecendo e valorizando potencialidades em meio às minhas inconstâncias e mudanças ao longo do projeto.

Ao querido esposo Tonivaldo Fh e a amada filha Laíse Monteiro, pelo apoio incondicional, cuidados e mimos que me deferiram a todo tempo nesse denso e conflituoso projeto de vida, tolerando minhas oscilações de humor, impaciência, agitação, ansiedade, apreensões e ausências; ajudando-me a escrever muitas páginas com gestos de incentivo e compreensão na complexidade que cada etapa me exigiu.

A minha parceira Elaine Cartaxo por nosso destino ter sido traçado na secretaria da UCSAL, e que durante esse percurso acompanhou as minhas angústias e dificuldades; e assim,

tecemos nossos diálogos permeados pelas sentenças de reconhecimento para o que era "*possível*", e que "*cada agonia tinha a sua hora*".

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL e ao grupo de pesquisa Família, (Auto)biografia e Poética (FABEP/UCSAL/CNPQ), que me ajudaram a compreender as tramas que a família tece, entre aportes teóricos e pesquisas científicas. E às Professoras Elaine Rabinovich e Ana Cecília Bastos, pelo convite e minha inclusão nesse seleto grupo de pesquisadores, bem como a Lorena Cardoso, pelo acolhimento nessa reta final.

A minha afetuosa banca, pelas preciosas contribuições e olhar pontual das Professoras Sinara Dantas, Sumaia Sá e Miriã Alcântara, que dedicaram atenção, cuidado e incentivo na produção deste estudo, compreendo o limite do tempo e credibilidade na relevância dessa temática para a academia.

Aos participantes que confiaram e compartilharam suas histórias de vida, intimidades e até segredos de família, enriquecendo esse estudo com suas especificidades e sentimentos de primandade, a minha carinhosa atenção.

A Claude Schlup meu primo por afinidade, por seu serviço de tradutor (juramentado por mim) e por nos acolher em sua casa de praia propiciando a expressão e vivências de nossa primandade, sendo anfitrião da família extensa, como também pela convivência mais próxima com Fátima, minha prima-irmã, e pela confiança de me nomear "prima tutora" do meu amado Philippe Schlup.

Aos colegas Camila Barreto, Cristina Soares, Julimar Pinheiro e Luiz Alberto que compartilharam seus acervos bibliográficos, ao Prof. Eduardo Evangelista pela revisão e a todos os meus amigos e ex-colegas de trabalho que acompanharam e torceram por essa conclusão, ao me verem deixando em stand by a carreira profissional.

A querida Sandra Meneses, por sua escuta clínica, seu olhar cuidadoso, diferenciado e encorajador, que me possibilitou aberturas, fazendo acolher e transformar o que era possível no momento, ajudando-me a sustentar esse projeto de vida em meio a tantas rupturas e "nãos" que recebi, dando-me sua presença de alma e todo suporte emocional necessário, para que pudesse sustentar o meu sim diante de mim mesma.

A todos, a minha eterna gratidão.

RESUMO

O contexto contemporâneo é dotado de transformações na estrutura, formação e nas interações relacionais na família; frente à sua complexidade, instabilidade e impermanência que repercutem sobre o parentesco. Destarte, identificou-se lacunas e certa incipiência entre os estudos em ciências sociais envolvendo o protagonismo dos primos. Assim, visando minimizar a distância entre o aporte científico e a realidade social vigente, buscou-se através do objetivo geral: conhecer e descrever como membros (genitores e seus filhos) de duas gerações diferentes da família, compreendem através das suas experiências, as relações entre primos. O presente estudo, de natureza qualitativa e de caráter exploratório, foi realizado na cidade de Salvador – BA, com famílias de classe média, tendo como participantes dez primos, pertencentes a cinco famílias. A técnica utilizada para coleta de dados foi a de entrevista narrativa, tendo como delineamento o estudo de casos múltiplos, cuja análise de dados partiu da construção de três categorias temáticas: concepções de família, o sentido de ter e ser primo, família frente à mudança, com o aporte teórico na epistemologia sistêmica. Evidenciou-se que as relações entre primos passam por uma dinâmica que compreende momentos de aproximações e distanciamentos, de retração transgeracional, conseqüente da diminuição do número de irmãos entre as gerações, na atualidade, afetando a dinâmica relacional nas famílias: nuclear, de origem e extensa, na vida cotidiana. No entanto, graças às festas de família e aos recursos tecnológicos existentes, essas interações têm se tornado cada vez mais sistemáticas, propiciando estreitamento dos laços relacionais, tanto em contexto urbano como rural. As conclusões fortalecem a compreensão inicial de que a temática da primandade é rica de elementos, aqui objeto de investigações preliminares, que abrem novas possibilidades e compreensões acerca do fenômeno social emergente sobre a diminuição da quantidade de primos e seu impacto nas relações entre gerações na família contemporânea.

PALAVRAS - CHAVE: Família, Parentesco, Primos, Primandade, Narrativas Familiares

ABSTRACT

The contemporary context is full of transformations in relation with the formation and relational interactions within a family when considering its complexity and instability, which reflects on the kinship. Lacks of information had been revealed among social sciences studies related to the behavior between cousins. Therefore, with the objective to minimize the gap within the scientific contribution and the current social reality, we have tried to describe, by using their proper experiences, how members of two different generations (parents and their children) of a given family, perceive the relations between cousins. The present study is a qualitative inquiry, with exploratory characteristics, realized in the city of Salvador (BA), with families of the middle economy class, the participants being ten cousins of five distinctive families. The data collection was realized by using the procedure of the "narrative interview", with the purpose to study multiple-cases whose data analysis was based on three thematic categories: how is perceived the family as such, how to deal being and having cousins, alterations and changes within families.

Key words: Family, Kinship, Cousins, Primandade, Family narratives

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	20
2.1	Família: concepções subjetivas e multirreferenciais	21
2.2	Parentesco e relações entre primos: universo de apoio e tensões	25
2.3	Dinâmica do parentesco: festas, encontros na família e a transgeracionalidade	32
2.4	Casamento entre primos: afetos e implicações do parentesco	35
2.5	A casa: memórias (individuais e coletivas) e cenários das relações de “primandade” numa perspectiva colaborativa	39
3.	ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E RECURSOS NARRATIVOS	42
3.1	Família e sua estrutura numa perspectiva sistêmica	43
3.2	Vínculos, fronteiras de identidade e pertencimento nas relações afetivas na família:	47
3.3	Construção de sentidos e narrativas de vida	50
3.4	Voz ativa do pesquisador: sentido e protagonismo de primos na pesquisa narrativa	53
4.	METODOLOGIA	59
4.1	Pressupostos e objetivos	59
4.2	Estratégia metodológica	60
4.3	Participantes	61
4.4	Procedimentos	62
4.5	Os instrumentos	63
4.6	Procedimentos de análise de dados	64
4.7	Considerações éticas	65
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	66
5.1	Apresentação e descrição dos casos	71

5.1.1	Caso 1 - A conjugalidade entre primos e as lembranças das férias	71
5.1.2	Caso 2 - Diferenças socioeconômica e a rede de solidariedade	80
5.1.3	Caso 3 - Primo irmão e a adoção da primandade	87
5.1.4	Caso 4 - Famílias numerosas: primos não percebidos e a ascendência dos encontros de família	95
5.1.5	Caso 5 - Primos significativos, o lugar do estudo, escolhas e caminhos de vida	103
5.2	O lugar dos primos na família: um olhar comparativo	109
5.2.1	Concepções de família	110
5.2.2	O sentido de "ser" "ter" primos	113
5.2.3	A Família frente a mudanças	120
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	129
	APÊNDICES	141
	APÊNDICE I	142
	APÊNDICE II	143
	ANEXO.....	144
	Parecer do Conselho de Ética	145

1. INTRODUÇÃO

As relações familiares são como fios que se tecem no tear das famílias nucleares, compostas por pais e filhos, e da extensa, com todos os membros do sistema transgeracional: avós, filhos, irmãos, tios, sobrinhos, primos, netos, genros/noras e quem mais chegar através das adoções, recasamentos e demais envolvidos em laços afetivos. Suas tramas entrelaçam os subsistemas conjugais, parentais e fraternais, modela e caracteriza a família em meio às convergências, divergências e complexidades.

Segundo Sanchez (2012) a cultura é a teia invisível que integra e une os indivíduos, uma vez que tudo está ligado. Sendo assim, o título desta dissertação remete justamente ao posicionamento de Capra (2003), quando este se apropria do pensamento sistêmico e concebe a obra *a Teia da vida*, ao entender que os organismos vivos estão interconectados e fazem parte de um contexto, onde destaca a afirmação de Ted Perry de que o homem não teceu a teia da vida, mas ele é dela apenas um fio.

Apesar disso, sabe-se que os indivíduos estão ligados às famílias não somente por fios biológicos e parentais, mas também relacionais. Portanto, parte-se neste estudo da observância da família numa perspectiva sistêmica, por compreender que a relação entre indivíduo e família engloba aspectos emocionais que, consciente e/ou inconscientemente, estão inter-relacionados ao modelo de funcionamento e interação da família nuclear, de origem e extensa. Todos estes são sistemas abertos em constante processo de mudanças, influenciando-se mutuamente, em direção positiva e/ou negativa.

A força motriz da família movimenta e conduz à transmissão de valores e legados, perpassando-os de geração em geração. Que no entendimento de Falker e Wagner (2014), a transmissão geracional envolve reprodução de padrões de comportamento entre gerações, incluindo as heranças não materiais como valores, mitos, expectativas e modos de se relacionar.

Embora a família seja uma instituição social (VILLAMIZAR, 2004), um lugar de sociabilidade, socialização e espaço relacional onde “o indivíduo aprende a perceber o mundo e a se situar nele, num processo que é ao mesmo tempo individual e coletivo” (COELHO, 2012, p. 212), entre diferentes momentos de sua trajetória de vida. Osório (1996) adverte que família não é um conceito unívoco, ou tampouco uma expressão passível de conceituações e descrições

em que se encontre um elemento comum a todas as formas como este grupamento humano se apresenta, e então destaca que:

São tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas que determinam as distintas composições das famílias até hoje, que o simples cogitar abarcá-la num enunciado integrador já nos paralisa o ânimo e tolhe o propósito. (OSÓRIO, 1996, p. 14).

Desse modo, ao tomar os dados demográficos levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE como parâmetro, reitera-se as ponderações concernentes às composições, conceituações e transformações no seio da família contemporânea. As alterações sociais ora em curso, por envolver aspectos de ordem econômica, cultural e moral as modificam e repercutem em sua formação, funcionamento e estrutura organizacional, impacta na extensão, com o encurtamento de seu tamanho.

Tais condições resultam na redução do número de filhos entre os núcleos, na forma de viver a conjugalidade e na fluidez dos relacionamentos. Esse último por sua vez, fora descrito por Bauman (2004), como de pouca consistência no sentido dos compromissos, denominando de “amor líquido”, o que torna a formação dos vínculos e a dissolução da família ainda mais suscetíveis à vulnerabilidade.

De certo é que as decisões endógenas das relações conjugais também reverberam consequências na formatação e conceituação de família na atualidade. Assim, conforme Guerra; Wajnman; Turra (2016), a redução do número de filhos, sobretudo entre as famílias que optam por filho único, afeta a média de irmãos para baixo e implica no desdobramento da parentalidade, pois tal decisão do casal impacta conseqüentemente sobre os níveis de parentescos colaterais como: tios, primos, sobrinhos e na família extensa.

Os autores supracitados esclarecem que por efeito das transformações familiares decorrentes da transição demográfica, “a estrutura de parentesco caminha para a verticalização da família, ou para a família pé-de-feijão (*bean-pole family*), em que o número de parentes colaterais é reduzido.” (GUERRA; WAJNMAN; TURRA, 2016, p. 13).

Entretanto, com o advento dos novos arranjos familiares, esses aspectos tendem a ser mitigados, já que por outro lado, amplia-se o entendimento sobre a representação social de família, que não mais se restringe à formação clássica demarcada pela presença de pai, mãe e filho e por laços consanguíneos. Uma vez que desponta a possibilidade de extensão do seu tamanho por meio das relações que se ramificam, principalmente após os recasamentos, onde a estrutura familiar se reorganiza numa nova dimensão, assim como a família tentacular descrita

por Kehl (2013, p. 2), ou seja, “a partir da inclusão de novos membros antes inexistentes, embora diferente da família extensa pré-moderna, e da família nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia.”

Por efeito, são incluídos os filhos constituídos a partir do recasamento; os filhos dos parceiros oriundos dos relacionamentos anteriores e, conseqüentemente, os demais integrantes da outra família que também passam a fazer parte nas interações sociais nessa família extensa, como os parentes por afinidade. Entre eles estão os genros, noras, netos e outros.

Embora a condição de tornar-se membro da família tenha sido ampliada para além da consanguinidade e parentalidade, pois pode se dá também através da afetividade (DIAS, 2010, p. 128), o sentir parte, corresponde à percepções dos sentimentos de pertencimento e identidade ao sistema familiar. Assim, as relações interpessoais envolvem construções simbólicas de sentidos e intersubjetividades, que ultrapassam a condição de nascer ou ser integrado como novo membro na família, seja de forma biológica ou afetiva - como as adoções - ou mesmo através das ações judiciais de reconhecimento da paternidade e/ou parentalidade.

Segundo Sanchez (2012, p. 38), são justamente "os valores culturais e os vínculos interpessoais de um grupo social, que fazem os elementos desse grupo descobrir o sentido de pertencimento, legitimando a identidade e a inclusão." Desse modo, o nível de envolvimento de afetividade e afinidade nas relações de parentesco serão construídas objetivamente nas interações da vida cotidiana, mediadas e nutridas na convivência com a família nuclear e na extensa, que também são afetadas e influenciadas pelas relações nas famílias de origem materna e paterna.

Conseqüentemente, esse universo relacional se torna importante aliado na articulação e no desenvolvimento dos papéis e posições de parentesco, tais como de pais, filhos, irmãos, tios, sobrinhos, primos, netos, avós e outros, como posteriormente, no desmembramento dos demais papéis sociais para além das fronteiras familiares e na manutenção dos relacionamentos que se perpetuarão entre as gerações.

Muito embora o estado da arte contemple diversas afirmações acerca das definições e repercussões sobre o modo de viver e compartilhar o sentido de família na vida cotidiana, se observa que as pesquisas estabelecem objetivos e categorias de análises específicas a cada objeto. Portanto, elas não se esvaem, mas abrem novas possibilidades de investigações entre meandros do curso de vida em família. Nesse sentido, é oportuna a reflexão de KAUARK e MEDEIROS (2010, p. 32) de que:

É no conhecimento científico que o homem descansa sua busca por verdades. É nele ou por ele que alcança respostas, tem suas intuições e experimentações comprovadas. O conhecimento científico é aquele que tem natureza formal e obtém na experiência o seu conteúdo.

Assim, em busca de evidências e embasamento teórico a partir das produções científicas existentes, foi realizado o levantamento do estado da arte com os descritores: Família, Parentesco e Primos em indexadores nacionais e internacionais. Devida a capilaridade das publicações, é possível identificar estudos realizados no Brasil e disponíveis na Plataforma Sucupira, que também estão indexados entre repositórios da América Latina e Europa.

Dentre os sistemas de busca utilizados neste estudo, encontra-se a biblioteca de dados do Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Biblioteca Virtual em Saúde - LILASC, o Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES da fundação do Ministério da Educação (MEC), o Repositório Científico de Acervo Aberto Português – RCAAP, os repositórios da Universidad do Chile, da Universidad de Granada na Espanha, Universidade de Minho em Portugal, e fontes de pesquisas direcionadas a acervos de estudos do Canadá, Estados Unidos e França.

Contudo, toma-se o repositório da Capes como o ponto de partida na busca de evidências, onde se identificou no período da coleta, que as publicações com o descritor Família apontavam 46.267 estudos envolvendo essa temática nos últimos cinco anos, nos quais, 32.411 são concernentes às dissertações de mestrado e 11.033 a teses de doutorado, o que leva a presumir que a família ainda representa destaque e relevância para comunidade acadêmica e consequentemente para a sociedade.

Entretanto, ao refinar a pesquisa para o descritor Primos, objeto de maior interesse neste estudo, o repositório supracitado identificava 268 trabalhos, a maioria concentrados entre as áreas de ciências exatas e ciências da terra, totalizando 102 estudos, sendo a maior prevalência das pesquisas encontrada nas ciências exatas, com estudos relacionados aos números primos. Outros estudos estão pulverizados em diversas áreas do conhecimento; sendo 14 em ciências multidisciplinar e 12 em ciências humanas, o que ratifica a incipiência da pesquisa nesta última área. Assim, embora existam alguns estudos relacionados às ciências humanas, estes ainda se tornam inexpressivos se comparados às demais áreas do conhecimento.

Vale ressaltar que dentre os 268 trabalhos elencados, o signo “primo” aparece apenas como epígrafe nas páginas de agradecimento, sem que haja qualquer correlação ao conteúdo das pesquisas. Geralmente os primos são citados no rol das pessoas significativas, entre as

deferências aos professores, pais, irmãos, cônjuges, amigos e outras pessoas de referência, o que denota sentido de reconhecimento, importância e valorização destes protagonistas na vida dos pesquisadores. No entanto, se identifica que a menção e focalização do protagonismo dos primos dentre os estudos realizados até o momento em ciências sociais, é ainda incipiente.

Considerando a importância de conhecer como se dão as relações de parentesco entre primos na contemporaneidade, e sabendo que grande parte dos estudos que abordam esta temática não aprofunda quanto à dinâmica das relações (AUGÉ, 1975), constata-se uma escassez de estudos nesse sentido. Embora exista um montante razoável de estudos jurídicos no âmbito do Direito de Família (CALADO, 2010; EVANGELISTA, MADEIRA, GUERRA, 2010; BARONI, 2011), principalmente a partir da implantação do novo código de Direito Civil com as novas regras do divórcio enfocando as relações de parentesco, mas não propriamente os primos.

Assim, foram analisados artigos, dissertações, teses e alguns livros com o intuito de identificar o lugar e as vozes dadas a esses protagonistas. De modo particular, merecem destaque os livros produzidos pelo grupo de pesquisa: Família, (Auto) Biografia e Poética (FABEP/UCSAL), cadastrado no CNPq, cujos estudos se diferenciam pelo estilo e método próprio de fazer pesquisa narrativa (colaborativa), e na riqueza da análise de seu conteúdo.

Destaca-se na composição da obra *Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos*, organizado por Rabinovich; Reis; Leal e Reina (2013), 15 textos de autoria individual, em que dez mencionam o descritor primo e seu protagonismo, entre as narrativas das reminiscências da infância. Outros sete textos foram identificados na obra: *Autoetnografia colaborativas e investigação autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares* (RABINOVICH; BASTOS, SILVA; LEAL, 2016).

Diante do exposto, espera-se contribuir para reduzir a lacuna na pesquisa sobre primos, assumindo-se que a dinamicidade da família ao longo do tempo histórico está para além do ritmo da produção científica, e que novas compreensões de família são identificadas em razão das constantes transformações da vida em sociedade.

Portanto, a família precisa ser vista em sua complexidade, intersubjetividade e impermanência, conforme propõe o pensamento sistêmico novo-paradigmático, que será a base de análise deste estudo, que o torna ainda mais desafiante, pois suscita constantes reflexões que inspiram o exercício do pensar, sentir e agir do pesquisador, frente às diferentes estruturas,

funcionamentos, arranjos e culturas familiares, e conseqüentemente, suas implicações nas construções relacionais.

A ideia de que ainda há aspectos a se investigar neste universo regido por uma unicidade e complexidade que personaliza cada núcleo em um formato ímpar e singular, que demarca a construção da própria identidade familiar na teia relacional na família extensa (estendida ou alargada), fez nascer o objeto dessa pesquisa, pois, ao analisar estudos envolvendo os diversos membros da família, se notou que os mesmos conferiam atenção aos pais, filhos, irmãos, avós, padrasto/madrasta, enteados (as), sogro (a), mas pouca ênfase dada aos primos, principalmente na literatura nacional.

Contudo, a aproximação dos conceitos já sistematizados pelas diferentes áreas do conhecimento que instrumentalizam o aludido estudo, e a convivência com outros pesquisadores no grupo de pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP/UCSAL/CNPQ), coordenado pelas Professoras Dra. Elaine Pereira Rabinovich e Dra. Ana Cecília de Sousa Bastos, faz emergir a ânsia pela habilidade de fazer pesquisa nessa perspectiva. Ao ver que tudo se transforma sob o olhar inquietante do pesquisador; sua visão de mundo é ampliada e sua percepção torna-se mais sistêmica, passando a identificar conexões para o seu objeto para além das fronteiras ortodoxas da academia, assim como um *scanner*, capta tudo que ouve e identifica nas relações interpessoais na vida cotidiana - sobremaneira, entre as comunicações encontradas nas redes sociais, ao se deparar com algumas postagens relacionadas a esse tema de investigação.

Nessa perspectiva, se destaca o *post* de um internauta que manifesta sua compreensão de “primandade” ao declarar que “primos são irmãos que nascem do ventre de nossas tias”, e assina: Franklin Lima (Castro Alves – BA). Tal afirmação localizada no site* demonstra a intenção do autor de expressar seu sentimento e posição de primo no referido sistema familiar e, denota que esta relação esteja pautada por sentidos e significados importantes para sua condição de sujeito no mundo. Com isto, fortaleceu a ideia de se ater à investigação sobre os significados construídos nas relações entre primos no curso de vida, suas interações na família extensa e, então, identificar como esses aspectos se manifestam nas experiências compartilhadas por eles.

* www.pensador.com

Tendo em vista que as pesquisas sobre a família extensa têm sido relativamente pouco enfatizadas na academia (PIATO; ALVES; MARTINS, 2010), enquanto cresce o número de publicações sobre os encontros e festas nessas famílias nas redes sociais, se assume ser este mais um indício de que a representação da realidade da família extensa no Brasil carece de atenção.

Vale destacar que nessas publicações são apresentados dados que indicam o movimento ascendente desse tipo de socialização, com registros das práticas dos encontros de família que se diferem das festas na família, já que são momentos marcados pela integração de várias gerações, unindo a parentela que nem se conhecia, além de favorecer a troca de afetos no prazer de reencontrar as pessoas com quem não se tem contato na vida cotidiana; de rememorar e reviver momentos das histórias de vida, bem como a sistematização consecutiva dos encontros anuais das famílias.

Entre as diversas publicações encontradas no Brasil sobre a temática “primos e família extensa”, o website: “*Encontro dos primos da Família Monteiro: os sonhos não envelhecem*”, é o que mais chama a atenção. Inicialmente pela iniciativa, cuidado e criação de uma página na web, formatada a partir da necessidade de reencontro dos primos e por se transformar, ao longo de quatro anos, na consolidação de algo que já contempla a família extensa como todo. Posteriormente, por sua congruência aos estudos sobre memória individual e coletiva em pauta no supracitado grupo de pesquisa; como também a identificação na referida página, de conteúdos de narrativas autobiográficas que se referem ao pertencimento e registros da construção da história dessa família.

Possivelmente esses elementos foram selecionados aleatoriamente sem a intenção de atrelar conceitos teóricos. No entanto, estão contemplados em sua estruturação, organização e nas comunicações sistematizadas na página do site supracitado. A mesma contém além do histórico, imagens, regimento e informações para o próximo encontro, opções de deslocamento, registro de solidariedade e a disponibilização de contatos para o entrelace dos vínculos de parentesco na rede familiar.

Assim, emergiram inquietudes e expectativas para o trabalho de campo, buscando averiguar quais os significados nas relações entre primos na família contemporânea, cujo pressuposto é que as relações entre primos afetam e/ou seriam afetadas por outras relações na família, pois, ao observar a família numa perspectiva sistêmica, se deduz que sua natureza é dinâmica e mutável, reeditando-se no tempo, espaço e momento social vivenciado.

Nesse sentido, se propõe perscrutar as famílias em seu momento atual e, através do viés investigativo em torno da “primandade”, contribuir com o diálogo na academia sobre as relações entre primos, a partir da seguinte questão: *Como membros de diferentes gerações (genitores e seus filhos) de uma família concebem suas experiências nas relações entre primos?*

Este estudo se justifica por compreender a família como um sistema relacional em constantes mudanças, a qual é dotada de uma cultura peculiar de identidade e pertencimento, onde se vê a necessidade de olhar também as relações entre primos, haja vista que estes podem ocupar múltiplas dimensões de cuidados e afetos ao longo da vida, em diferentes representações de papéis/posições: irmãos, cônjuges, parceiros, sócios, cuidadores, mediadores e de solidariedade, que se articulam diante de marcadores importantes, como as rupturas dos vínculos parentais e conjugais, nos momentos de dificuldade financeira, no enfrentamento de problemas de saúde e tantos outros eventos que atravessam a subjetividade e o modo de viver e compartilhar a experiência de vida em família.

Como a família é uma corrente de elos dinâmicos que integra gerações anteriores e posteriores a cada linhagem, em que a irmandade vivenciada nas relações fraternas, assim como outras relações da teia familiar influenciam a formação da “primandade”, ou seja, a relação afetiva entre primos, estas também tendem a receber influências dos padrões e crenças que cada membro traz consigo, gerando afetividade, proximidade e afastamento entre os entes familiares.

Portanto, este estudo de natureza exploratória recorre preponderantemente aos conceitos da teoria sistêmica para o diálogo epistemológico e discorre entre as sessões de revisão de literatura: 2.1) Família: concepções subjetivas e multirreferenciais; 2.2) Parentesco e relações entre primos: universo de apoio e tensões; 2.3) Dinâmicas do parentesco: festas, encontros de família e a transgeracionalidade; 2.4) Casamento entre primos: afetos e implicações do parentesco; 2.5) A casa: memórias (individuais e coletivas) e cenário das relações de “primandade” numa perspectiva colaborativa.

Compõe a fundamentação teórica com as abordagens epistemológicas e recursos narrativos, tecidos nos seguintes capítulos: 3.1) Família e sua estrutura numa perspectiva sistêmica; 3.2) Construção de sentidos e narrativas de vida; 3.3) Formação de vínculos e relações afetivas na família: fronteiras de identidade e pertencimento; 3.4) Voz ativa do pesquisador: sentido e protagonismo de primos na pesquisa narrativa.

Na construção de resultados e discussão discorrem: Caso 1 - A conjugalidade entre primos e as lembranças das férias; Caso 2 – Diferenças socioeconômicas e a rede de

solidariedade; Caso 3 – Primo irmão e a adoção da primandade; Caso 4 – Famílias numerosas: primos não percebidos e a ascendência dos encontros de família; Caso 5 – Primos significativos, o lugar do estudo, escolhas e caminhos de vida.

Apresenta na análise comparativa: O lugar dos primos na família: um olhar comparativo; a) Concepções de família; b) O sentido de ser e ter primos; c) Família frente a mudanças.

Destarte, a investigação que se propõe sobre a compreensão dos significados nas relações entre primos visa ampliar e/ou complementar estudos anteriores, como também possibilitar a abertura de novos constructos a partir dos registros das narrativas de experiência de vida que emergiram dessa pesquisa, bem como, ratificar ou não outros achados a partir da voz dada aos primos e do que foi perscrutado sobre o que sabem, pensam e sentem a despeito de suas relações nas famílias extensas e da primandade.

No entanto, vale destacar a lacuna no conhecimento científico no que tange ao protagonismo dos primos, e desta forma, o presente estudo pretende servir de base para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a primandade.

2. RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA CONTEMPORANEIDADE

Para compreender a dinâmica da primandade e o tecer dos fios que se entrelaçam e constituem as relações entre primos na contemporaneidade, se fez necessário conhecer alguns estudos e embasamentos teóricos que aproximassem as especificidades que compõem as realidades familiares frente a sua complexidade, instabilidade e subjetividades, abarcando as distintas concepções de família, parentesco e o protagonismo de primos em diferentes contextos socioculturais, e entre as ciências.

2.1 Família: concepções subjetivas e multirreferenciais

A partir do pressuposto de família como uma abstração ideológica (VALSINER, 2012), se entende que a sua conceituação é afetada pelo prisma de quem a observa e à apreende. Desse modo, neste capítulo serão apresentadas algumas postulações identificadas em diferentes áreas do conhecimento, dada a relevância da interdisciplinaridade na compreensão do objeto deste estudo, pois Santana *et al.* (2012, p. 83) advertem que ainda é comum encontrar teorias que buscam “compreender a família como sendo um objeto compartimentado, outras teorias, dentre elas a abordagem multirreferencial, surge com o objetivo de propor um novo olhar que compreenda a família e sua dinâmica de relações.”

Segundo Aun; Vasconcellos e Coelho (2007), psicólogas que trabalham com família numa abordagem sistêmica, a “família não existe: vemos a família porque somos especialistas em vê-la.” (p. 13).

Vemos e tratamos a família nuclear, e em certas ocasiões a família extensa, porque somos especialistas em vê-la e não porque exista assim, como uma forma claramente delineada. Estudamos a família porque a vemos, e a vemos porque evocamos com nossos modelos e nosso interrogatório. [...] Vivemos imersos em redes múltiplas, complexas e em evolução, dentre as quais “extraímos” a família quando perguntamos, por exemplo, “Quem faz parte da sua família?” (SLUZKI, 1997, p. 28, *apud* AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2007, p.13-14).

Para esses autores o conceito de família torna-se uma abstração subjetiva e muito particularizada a cada membro do sistema familiar pois, conforme aponta a revisão de literatura, esta é uma esfera multifacetada e abrange aspectos que se entrelaçam nas diversas áreas do conhecimento, e ajusta-se à realidade social de cada tempo. Portanto, para atender a dimensão que perpassa pela subjetividade humana, se faz necessário que a abordagem sobre família seja feita numa perspectiva interdisciplinar; já que os modelos, estruturas e funcionamento dessas unidades se diferem conforme os valores intrínsecos à sociedade a sua borda e as observações realizadas nas perspectivas das ciências.

No entendimento de Minuchin; Fischman (2007), família é:

Um grupo natural que através dos tempos tem desenvolvido padrões de interação. Esses padrões constituem a estrutura familiar, que por sua vez governa o funcionamento dos membros da família, delineando sua gama de comportamentos e facilitando sua interação. (MINUCHIN; FISCHMAN, 2007, p. 21).

No entanto, as contribuições desses autores da teoria sistêmica se diferenciam de outras abordagens, sobretudo a partir do olhar antropológico do parentesco, pois conforme Sarti (1992), a família não seria um construto natural, mas social. Decerto é que as compreensões sofrem influências culturais dos conjuntos de crenças e valores específicos aos referenciais de cada tempo, das especificidades dos povos e dos sistemas familiares.

De acordo com Marconi e Prezotto (2007), a família é considerada fundamento universal das sociedades, por se encontrar em todas os agrupamentos humanos, embora variem em suas estruturas e funcionamento. Assim, “transforma-se de um fenômeno biológico de conservação e reprodução, em um fenômeno social que evoluiu até regulamentar suas bases conjugais conforme as leis contratuais, as normas religiosas e morais.” (p. 92).

Já na perspectiva da psicologia cultural, é ressaltado por Valsiner (2012), que os esforços para definir família ou classificá-la em uma tipologia, parecem desconsiderar o seu lado funcional, ou seja, uma variante do funcionamento de um grupo social que é formado por membros de diferentes idades e relacionados entre si, por alguma relação de parentesco e vida em conjunto.

Nesse sentido, o pensamento de Silva *et al.* (2012) é complementar, uma vez que enfatizam o diálogo interdisciplinar que traz a multirreferencialidade como aspecto essencial para compreensão das relações, que são permeadas por “sentimentos positivos e negativos, valores, crenças, necessidades, regras, papéis, cuidados, dentre outros no sistema familiar, sendo necessário levar em consideração a história de vida de cada indivíduo neste meio inter-relacional.” (p. 85).

Certamente, uma análise multirreferencial se torna relevante porque nenhuma área do conhecimento ou teoria, por si só, consegue contemplar todas as dimensões que atravessam a subjetividade humana ao definir o que é família. Dessa maneira, o pensamento de Gomes e Pereira (2005) merece menção por destacar a importância de se ater a especificidade singular, uma vez que:

A família faz parte do universo de experiências (real e/ou simbólica) dos seres humanos no decorrer de sua história, do qual todos têm algo a dizer. Essas proximidades com a realidade defrontam as pessoas com suas próprias questões familiares; toca em assuntos particularmente próximos à experiência pessoal de cada indivíduo e, por isso, são assuntos cheios de significados afetivos, além dos cognitivos. Família remete a lembranças, emoções, sentimentos, identidades, amor, ódio, enfim, um significado único para cada indivíduo, que, como ser biopsicossocial, está inserido no seu meio ambiente, integrando a cultura e seu grupo social de pertença, o que leva a estudar a

família de modo contextualizado, considerando a subjetividade de cada ser. (GOMES; PEREIRA 2005, p. 358).

Em consonância a esta postulação, se reitera o cuidado a ser levado em consideração ao perscrutar a família de hoje, dada a compreensão da complexidade das subjetividades envolvidas na vivência e relações com a parentela, como também o seu percurso e trajetória no contexto histórico, pois esses elementos compõem parte do imaginário e da experiência de família que cada pessoa constrói ao longo da vida, até por que, há uma diversidade de composições na qual a família se configurou ao longo do tempo e na história.

Piato; Alves e Martins (2013), ressaltam que até os séculos XVI - XVII a estrutura familiar e social se misturava, quase não existindo uma delimitação de início e término de cada uma delas, “isso porque as famílias eram extensas, pais e filhos conviviam com parentes próximos e parentes distantes e apenas a linhagem era vista como limite familiar.” (ARIÈS, 1975; POSTER, 1979; PONCIANO, 2003, *apud* PIATO; ALVES; MARTINS, 2012, p. 41).

No entanto, Passos (2005) menciona que a estreita relação sujeito/família surge somente quando há o recolhimento da família em um espaço privado, mas isso se dá pelos idos do século XVIII, quando a “possibilidade de reconhecimento mútuo entre os sujeitos, da troca de afetos entre eles, e isso só foi possível a partir de um espaço físico que possibilitava a aproximação entre as pessoas.” (p. 15).

Dentre as transformações estruturais da família ao longo do tempo, situa-se a virada conceitual da estrutura relacional com o rompimento do modelo e padrão de família tradicional, no qual Kehl (2013) aponta o trabalho da demógrafa Elza Berquó para ilustrar que na segunda metade do século XX, “a família “hierárquica” organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo de família onde o poder é distribuído de forma mais igualitária: entre o homem, a mulher [...] entre pais e filhos” (KEHL, 2013, p. 1), e hoje o que se vê, é que a família se organiza de diferentes formas.

Outro aspecto importante que deve ser levado em consideração, é o que Valsiner (2012) destaca como um dos mitos mais centrais sobre a organização da vida social humana: o da centralidade da família nuclear, pois seu argumento é que “a realidade imediata do grupo social primário pode ser enganosa ao simplificar a visão de família como grupo social que vive junto em uma dada habitação, baseado na relação conjugal” (p. 146), haja vista que o autor traz a compreensão de família como uma abstração de valor ideológico, pois:

Toda conversa sobre família se dá no nível de mediação semiótica e representa alguma forma de convivência real em torno de eventos reprodutivos (ou

reprodução acidental) e colaboração econômica dentro dos grupos de parentesco. A conversa sobre família torna-se, assim um conjunto heterogêneo de textos coletivos-culturais que está sendo constantemente co-construído. (VALSINER, 2012, p. 147).

Destarte, o pensamento de Valsiner é confluyente com o ponto de vista da teoria sistêmica estrutural de Minuchin (1982), ao identificar que a família se mostra sensível às influências externas que advém da sociedade. E ainda que estas lhe provoquem mudanças, Minuchin considera que essas ocorrerão “provavelmente, de modo complementar, a sociedade desenvolverá estruturas extrafamiliares para se adaptar às novas correntes de pensamentos e as novas realidades sociais e econômicas” (p. 56), assim, é possível dessumir que constantemente a família se reedita.

Tendo em vista tais transformações, se destaca a revisão de literatura realizada por Piato; Alves; Martins (2013) sobre o conceito de família contemporânea, uma vez que constatou, num filtro inicial de 117 publicações em diversas áreas do conhecimento com interface com a psicologia, uma seleção de 61 estudos que contemplam a constituição familiar em oito tipos de configurações: nucleares consanguínea (43), monoparental (14), extensas (03), patriarcal (04), plural (08), adotiva (04), pais homossexuais (02), optam por não ter filho (02).

No entanto, o estudo realizado anteriormente por Rabinovich; Moreira; Franco (2012) sobre a compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos, além de reafirmar a constatação da multiplicidade de estilos e tipos de família, identificou 10 tipologias na categoria quem faz parte de sua família, cujas denominações e resultados se diferem da pesquisa de Piato; Alves; Martins (2013).

Nesse caso, aparecem as famílias: extensa (76), nuclear (39), extensa + amigos (18), ampliada (11), monoparental (07), monoparental ampliada (10), ligações afetivas (03), tia (02), reconstituída (01), reconstituída extensa (01). Este ainda evidenciou que o agrupamento extenso correspondeu a 45,5%, e o nuclear a apenas 23,3%, dos quais os modos de vida familiar extenso atingem o total de 63,3%, ao considerar as categorias extensa + amigos, ampliada, e constituída extensa.

Como se nota, há uma diversidade entre tipologias e conceitos que versam sobre a família entre as ciências, que emergem da observação e compreensão do modo de viver e compartilhar as relações familiares, coexistindo multidisciplinaridade de conceitos, terminologias e referenciais epistemológicos.

Contudo, o estudo de Georgas *et al.* (2001), realizado numa perspectiva multicultural com 2.587 participantes em 16 culturas diferentes, entre eles estão os Países Baixos, Alemanha, Sérvia, Grécia, Índia, Canadá, México, Bulgária, Reino Unido, República Checa, Chyprus, Turquia, China, Estados Unidos, Ucrânia e Hong Kong, buscou investigar a relação entre cultura, aspectos estruturais da família nuclear e ampliada (extensa) e aspectos funcionais da família, ou seja, a distância emocional, interação social e comunicação e a proximidade geográfica, sendo o foco do estudo concentrado nos aspectos funcionais da família nuclear (mãe, pai e filho) e na família extensa (avó/avô, tios/tias, primos), encontrando sustentação para suas hipóteses.

A primeira, de que o padrão de pontuação nas medidas psicológicas e os resultados comportamentais são semelhantes entre as culturas, concluindo que há uma indicação de universalidade cultural. A segunda hipótese é que as relações funcionais entre membros da família nuclear e seus parentes são mantidas em culturas de alto e baixo nível de riqueza, onde a diferença era apenas uma questão de grau estabelecido no estudo como a distância emocional; com pontuação para mãe, pai, avós, tios/tias e primos.

Desse modo, os autores apontam que os resultados sugerem que é menos significativo em estudos familiares interculturais fazer perguntas sobre a estrutura da família, do que perguntar sobre as relações funcionais entre membros da família nuclear e seus parentes.

2.2 Parentesco e relações entre primos: universo de apoio e tensões

A partir da perspectiva da cultura que margeia as relações familiares, se observa que os estudos de família, parentesco e das relações entre primos tomam distintas dimensões entre as ciências. Muito embora parentesco e família assumam conceitos diferentes, ambos tratam dos fatores básicos da vida como: nascimento, acasalamento e morte, no entanto, se distinguem, pois conforme o olhar antropológico, encontra-se em Sarti (1992, p. 70) a seguinte afirmação:

Família pode ser vista como um grupo social concreto e o parentesco é uma abstração, é uma estrutura formal. Isto quer dizer que o estudo do parentesco e o estudo da família são coisas diferentes: o estudo da família é o estudo daquele grupo social concreto e o estudo do parentesco é o estudo dessa

estrutura formal, abstratamente constituída, que permeia esse grupo social concreto, mas que vai além dele.

A estrutura formal à qual a autora menciona seria o que os antropólogos chamam de sistemas de parentesco, ou seja, são resultantes da combinação de três tipos de relações básicas: a relação de descendência (pai e filho/mãe e filho), relação de consanguinidade (relação entre os irmãos) e relação de afinidade (que se dá através do casamento) pela aliança. Essas três relações são básicas e universais, já que qualquer sociedade se forma a partir da combinação entre elas e possibilita a variação do parentesco. Contudo, vale destacar que no Brasil é considerada a descendência bilateral do parentesco, tanto do pai, quanto da mãe, o que não acontece em outras sociedades (SARTI, 1992).

O novo Código Civil brasileiro dedica alguns artigos a deferência das relações de parentesco, e diz no *Art. 159: São parentes em linha reta as pessoas que estão uma para com as outras na relação de ascendência e descendência.* Ou seja, nessa perspectiva o "parentesco consiste no vínculo jurídico que une pessoas, na linha reta, ao infinito, podendo ser ascendente (pais, avós, bisavós, etc.) ou descendentes (filhos, netos, bisnetos, etc.), bem como pessoas do mesmo tronco e seres ligados pela afinidade." (EVANGELISTA; MADEIRA; GUERRA, 2010, p. 27).

Além da relação de parentesco na linha reta, o aludido código cita a linha colateral; onde em terceiro grau têm-se os tios e no quarto grau os primos. O fator grau refere-se à distância que vai de uma geração a outra, sendo assim destacada no *Art. 1.594: Contam-se, na linha reta, os graus de parentesco pelo número de gerações, e, na colateral, também pelo número delas, subindo de um dos parentes até ao ascendente comum, e descendo até encontrar o outro parente.*

Então, consonante a luz da ciência jurídica, se reconhece que é possível ser parente por vínculos de afinidade e não somente por meio da consanguinidade. E quanto à espécie, esses vínculos podem dar-se por via natural (consanguinidade), civil e socioafetiva. Assim o afeto também aparece na esfera jurídica, onde Evangelista; Madeira; Guerra (2010) destacam que este é um “sentimento de grande relevância no Direito de Família, porque expressa uma sublime forma de carinho e atenção, os quais devem permear a relação familiar.” (p. 36).

De acordo com os autores supracitados, para efeito jurídico denomina-se parentes por afinidades sogro com nora, sogra com genro, cunhados, parentes do cônjuge/companheiro até o limite dos ascendentes, descendentes e irmãos. Então, se considera que os laços de sangue

resultam da descendência, e os de afinidade da entrada dos cônjuges e seus parentes que se agregam à entidade familiar pelo casamento. (NOGUEIRA, 2011).

No entanto, Almeida (2004) destaca que a antropologia ensina a definir as relações entre pais e filhos, marido e esposa, avós e netos, tios e sobrinhos, entre primos e entre irmãos como “relações de parentesco” e não de família. Segundo Velho (1994), família e parentesco imbricam-se, estão associadas e são inseparáveis de outros domínios e esfera da cultura.

O termo “parentesco” é utilizado porque em nossa sociedade ocidental contemporânea, ou na sociedade euro-americana, como diz a antropóloga inglesa Marilyn Strathern, o termo família parece referir-se, principalmente desde o pós-guerra, a um conceito moderno de família nuclear unidomiciliar. Esta noção não dá conta dos tipos de relação que existem nas sociedades tribais, por exemplo, ou nas sociedades não-ocidentais – objetos de estudo tradicionais da antropologia. (ALMEIDA, 2004, p. 1).

Desse modo, se complementa ao pensamento transcrito da autora, a postulação em Velho (1994), de que a antropologia lida permanentemente com a dimensão arbitrária do comportamento humano com a cultura.

Contudo, as pesquisas sobre parentesco evidenciam diferentes dimensões das relações entre primos e, embora esse objeto de investigação seja valorado nos estudos dos antropólogos, sociólogos e pesquisadores das ciências biológicas, eles apresentam repertórios diversificados por envolverem interesses e perspectivas distintas entre as diversas áreas do conhecimento. Destarte, se toma alguns exemplos que elucidam realidades e contextos diferenciados, que percorrem as relações de parentesco envolvendo primos e as especificidades de família.

O estudo etnográfico realizado por Niemeyer (2014) denominado: *Brigas de família e a dinâmica do parentesco entre Judeus do Suriname*, é um exemplo dessa diversidade, pois constata algumas concepções da noção de família nesta sociedade especificamente, que permeia o sentido de comunidade feita de parentesco e ancestralidade. E retrata a diversidade cultural e as influências oriundas da origem da família judaica de raiz alemã (considerados ortodoxos), bem distinta da origem espanhola, portuguesa e africana (denominados liberais). Leva a deduzir e ratificar o sentido da “particularidade” e “singularidade” nesse tear das relações entre primos, não como sinônimos, mas como uma lente de observação nos núcleos familiares.

Conforme esse autor, as brigas de família são apontadas como normais e até inevitáveis, pois, embora as famílias sejam entendidas como unidade harmônicas, nelas também existem brigas que envolvem questões de “poder”, compreendida, neste caso, como a maior participação em processos decisórios, ou reconhecimento, como alguém com direito de falar em nome da

família. Ressaltando que os motivos que levam essas famílias a brigarem são as questões de ordem “prática”, quando envolvem temas como heranças, dinheiro e brigas com parentes por afinidades, como as sogras, cunhados, etc. “Quando se “briga na família” é importante que a briga “fique na família”: uma família que briga é vista como uma família menos harmoniosa do que as demais.” (NIEMEYER, 2014, p. 312).

Outro aspecto a se destacar nesse estudo é a noção de parentesco para o grupo pesquisado, pois perpassa pela concepção de “dado” e “constituído”, do “sangue” e do “nome”. A substância “sangue” implica a herança de qualidades, onde os membros unidos pelo mesmo sangue são destacados como parentes. A noção de parente na referida cultura não corresponde a obrigações mútuas, mas ao compartilhamento de “substância” e, assim, irmãos, filhos, netos dos mesmos avós, sobrinhos e primos em primeiro grau serão sempre considerados “parentes”. No entanto, os filhos desses primos/primas, assim como o parentesco deles com seus filhos, são deferidos como “primos”.

Naquele contexto, os termos “primos” ou “parentes”, podem ser utilizados indicando-os como parentes distantes; “mas o “sangue” em geral, não os obriga a considerá-los membros da família. Portanto, “esses parentes são incluídos em relações familiares, especialmente quando têm o mesmo nome ou clamam ancestralidade pela mesma família-nome.” (NIEMEYER, 2014, p. 320).

Em certas sociedades aparecem outras dimensões na dinâmica do parentesco e da compreensão de proximidade e distanciamento nas relações entre primos. Pires (2000), que buscou refletir as questões culturais e as relações entre parentes próximos e parentes afastados, identificou em seu estudo que depois do aparecimento das sociedades industriais, poucas pessoas mantêm ao longo de toda sua vida relações mais estreitas com seus primos diretos. Afirmando ser diferente do que acontece nas sociedades não industrializadas, onde a teia de relações com os parentes tende a ser mais extensa e intensa, do que nas sociedades complexas.

É natural, pois que os membros de uma sociedade industrial, não precisando tanto de uma comunidade auxiliar, tendam a reduzir o círculo das suas relações familiares. E embora em zonas rurais possa se verificar uma ligação entre parentes mais assídua e forte do que nos centros urbanos. [...] nas zonas urbanas, de elevada densidade populacional e significativa mobilidade demográfica, as relações entre parentes reduzem-se a contatos esporádicos. (PIRES, 2000, p. 623).

Desse modo a autora traz à discussão os aspectos que permeiam as questões culturais e relacionais na parentela e na família contemporânea, que se diferenciam entre diferentes contextos e povos, ao ressaltar que:

Nas “ilhas Tonga (pequeno reino do Pacífico Sul [...] cada indivíduo, da juventude à velhice, é posto ao cuidado do conjunto de parentes, a quem são impostos estritos deveres, qualquer que seja o grau de parentesco: não pode recusar-se teto nem comida ao primo mais afastado, o primo órfão é imediatamente adotado, sem olhar ao incômodo que isso possa causar e, na falta de parente mais próximo, outro mais afastado o substituirá no cumprimento dessas obrigações. (PIRES, 2000, p. 623 - 624).

Como se observa, as questões na relação de responsabilidades e sucessões, no cuidado e amparo aos parentes em situação de vulnerabilidade é muito diferenciada entre as sociedades. E assim, se confirmam as postulações sobre família como algo não natural, mas sim, um dado interpretado. (VELHO, 1994; SARTI, 1992; ALMEIDA, 2004).

Tendo em vista que a responsabilidade e a forma de cuidar dos parentes em situação de vulnerabilidade social não obedecem a uma ordem natural, ou comum a todas as pessoas e/ou sociedades, mas a uma dinâmica cultural em torno do universo particular que é a família e sobre a subjetividade dos sujeitos.

Tais aspectos são confirmados no estudo: *As teias que a doença tece: a análise das redes sociais no cuidado da doença mental*, realizado por Portugal; Nogueira e Hespanha (2014) em Portugal, no qual ficou constatado que a rede de apoio social no cuidado da doença mental, o envolvimento dos parentes e as relações na família extensa são tecidas por contatos diferenciados, revelando tensões e cisões nos relacionamentos, justamente por não encontrar laços ativos na prestação de apoio no interior dessas famílias.

Sendo raros os casos em que os parentes afastados se fazem presentes no cotidiano das pessoas com doenças mentais, ou com os demais membros da sua família nuclear. Os contatos nesses casos são esporádicos, não os diferenciando dos contatos fora das relações de parentesco. Assim, “a doença fecha a família ao exterior, sente-se a mesma incompreensão dos parentes e dos outros, esconde-se a dor e o sofrimento.” (PORTUGAL; NOGUEIRA; HESPANHA, 2014, p. 941). Essa percepção é justificada sobre a alegação de que as relações com os parentes são mais sujeitas a constrangimentos sociais do que as relações com outras pessoas fora da circunscrição do laço de parentesco.

Nesse sentido, o argumento teórico de que “o vínculo fraterno se torna na vida adulta fonte de apoio emocional” (OLIVIA; ARRANZ, 2005; FERNANDES, 2002 *apud*; SÁ;

RABINOVICH, 2016, p. 335), pode não corresponder a todas as realidades, contextos e relações na família, já que os vínculos citados anteriormente se demonstram distanciados em razão da dinâmica familiar que envolve adoecimento psíquico, conforme declarou uma das participantes do estudo sobre as relações de parentesco em sua família:

Tenho dois tios da parte do meu pai que são imigrantes, praticamente nunca os vejo. Então, depois que os filhos casaram, de meus primos casarem nunca mais houve ligação. Mesmo quando eles cá estão, não nos procuram também. Da parte da minha mãe, tenho uma tia que não tem filhos e que é casada. Com eles temos também uma ligação muito forte. E a minha mãe pensa que um dia, quando falecer, eu encontro mais apoio sobretudo na minha tia do que no meu irmão, porque o meu irmão não pode estar tão disponível. (PORTUGAL; NOGUEIRA; HESPANHA, 2014, p. 941).

Isso reforça o caráter interpretativo e de abstração ideológica do conceito de família (VELHO, 1994; VALSINER, 2012), pois nesses casos o afastamento nos contatos com os familiares anunciam indícios da negação de pertencimento à família, por não corresponder às expectativas dos sujeitos e seus ideais de equilíbrio familiar, uma vez que a convivência com pessoas em acometimento da saúde mental pode ser marcada por tensões, que colocam em risco a homeostase dos sistemas parentais, conjugais e fraternais, e a estrutura familiar.

Portugal; Nogueira e Hespanha (2014, p. 941), ressaltam que embora a maioria das pessoas entrevistadas não tenha laços fortes com a família extensa, estas tendem a representar, o conjunto da população:

“Uma referência afetiva, que constrói uma identidade coletiva, um “nós” de referência identitária – tios, tias, primos e primas tecem uma teia que não é ativa nos apoios, que não está presente no cotidiano, mas “está lá” e representa uma retaguarda de apoio, se não diretamente para as pessoas com doença mental, pelo menos para os seus familiares diretos, sendo este um papel importante.

Em outros contextos, a rede de apoio e tensões na família são tecidas para a manutenção e preservação da identidade cultural familiar entre os povos, como se observa no estudo realizado por Jardim (2007), com a diáspora de famílias palestinas concentradas no sul do Brasil, onde são discutidas questões sobre a noção de parentesco, do contexto cultural, dos hábitos e costumes que influenciam e delimitam diferenças na criação e nas relações entre primos e demais parentes, entre as próprias famílias de identidade palestina espalhadas pelo mundo.

Este estudo aponta diferenças nas condutas sociais das famílias e de seus membros ao mudarem para outros territórios internacionais a fim de aprender ler, escrever e ter fluência do idioma árabe. Embora a experiência de distanciamento da família nuclear para imersão na

cultura árabe seja bastante valorizada pelos palestinos, esses momentos revelam tensões e conflitos de valores, tradições e costumes na forma de viver e se relacionar com essa cultura em diferentes contextos familiares em outros países.

Contudo, não deixaram de causar estranhamentos aos interlocutores do estudo e a posição de si mesmo, no momento que compartilham suas experiências de vida em territórios e realidades tão diversificadas, o que demonstra que a compreensão de família e sua hegemonia na cultura palestina não é equânime.

Certamente as concepções propostas pela psicologia cultural auxiliam na compreensão das diferentes dimensões que se movem numa pessoa na perspectiva multiterritorial, pois conforme postulou Valsiner (2012, p. 202), “o movimento de alguém leva à transformação do ambiente, e de seu próprio *self*. O ato mínimo de movimento é o de dar um passo: aquilo que é apenas um passo para a pessoa, pode ser um passo imenso para sua cultura pessoal”.

Assim, reitera-se entre os relatos sobre as viagens e a convivência com os demais parentes nesse estudo, existir diferentes “culturas árabes” processando-se no interior de cada contexto e unidade familiar, dentro e fora do Brasil, sendo a viagem uma oportunidade da ressignificação da identidade, pertencimento e da percepção da própria cultura pelos sujeitos, pois, segundo Jardim (2007), essas experiências favorecem o compartilhamento e a comparação do lado da parentela, uma vez que o povo árabe tem uma noção ampla de parentesco.

Lá todo mundo é familiar, né. Um é primo do primo do primo do primo, não sei o que. Então todo mundo se considera familiar... São amigos que eu vou ter para a vida toda. Quando eu vou para os Estados Unidos visito. Vou, fico na casa deles, parece que a gente se viu ontem. Entende? (JARDIM, 2007, p. 213).

Esse pensamento ratifica o que Grandesso (2011) discorre sobre construção do significado do ponto de vista de significação individual, ou seja, a “simbolização interna por meio da representação mental do mundo externo. Uma tal posição postula o eu fenomênico que, por meio da sua autoria intencional, atribui significado a experiência e a transmite por meio da linguagem.” (p. 158). Nesse caso em particular, “o ser familiar” é atribuído pelo interlocutor como um sentido que lhe é próprio, do seu conceito de parentesco e família.

Confluindo ao pensamento de Velho (1994, p. 69), de que o significado de família para um grupo social ou universo particular “está vinculado a outros significados e supõe-se, falando de cultura; que de alguma forma estes constituem um todo mais ou menos sistemático, embora não necessariamente ajustado ou harmonioso”.

2.3 Dinâmica do parentesco: festas, encontros na família e a transgeracionalidade

Diante da complexidade do modo de viver e da dinâmica cotidiana, o sentido e extensão da família na contemporaneidade tem se modificado e influenciado as interações nas relações e rede de parentesco. Contudo, os eventos sociais, como as festas ou encontro de família por envolver a família extensa, ajudam a reunir a parentela e a mitigar os distanciamentos, ao possibilitar a abertura para construção de proximidades e/ou relações de afeto entre os sistemas e subsistemas familiares, e a transgeracionalidade.

Estudos sobre festas de família apontam que esses eventos se encontram em movimento ascendente, sendo também objeto da pesquisa científica de cunho etnográfico em antropologia. Segundo França (2009, p. 19), esse é um fenômeno que cresce tanto na Europa quanto no Brasil, que lhe foi sugerido a investigar no doutorado. Contudo, a autora enfatiza que o trabalho de campo e a escrita da tese trouxe à tona temas transversais significativos para compreensão dos vínculos de parentesco, uma vez que:

Esse momento histórico que dá lugar para sentimentos de liberdade e expressão, de intensa informação, de criação, de experiências em diferentes dimensões na vida social, também dá lugar a solidões, perdas, relações efêmeras. Nesse sentido, observa-se um forte apelo ao retorno no tempo sem, contudo, deixar de reconhecer que as mudanças nas formas de viver o mundo que compreendem conquistas e enganos, segundo os dados colhidos em campo. As mudanças são construídas pelos atores, por meio de suas ações hábeis e compreensíveis. A realização das Festas de Família seria, portanto, uma ação voltada à inteligência, ao esforço sobre a importância de recriar a coletividade com base referencial às futuras gerações. (FRANÇA, 2009, p. 263).

Frente às observações pontuadas pela autora, é possível inferir que as festas de família são eventos que revelam aspectos sociais e intrapsíquicos, demarcam a importância da reconstrução da rede de parentesco e trajetórias familiares. Essa temática conduz a abordagem na preocupação com o legado familiar (FRANÇA, 2009), na especificidade da natureza e significado desses eventos (PINTO; RIBEIRO, 2010) e favorecem a expansão das relações parentais que constroem redes de reciprocidade (WEDIG; MENASCHE, 2013). Tais postulações ratificam os sentimentos nutridos entre as pessoas nas festas de família, assim como a concepção de pertencimento ao grupo familiar, como se observa na narrativa abaixo:

“Esses encontros têm objetivo de encontrar e aproximar os parentes e descobrir quem somos, de onde viemos, qual nossa origem, bem como conhecer a história dos nossos antepassados. (Discurso proferido durante Festa de Família, abril de 2008).” (WEDIG; MENASCHE, 2013, p. 151).

Conforme grifo, esses momentos re/conectam pessoas e a história da família, perpassa pelo viés da transcendência e da impermanência natural da vida humana, na construção das memórias individuais e sociais (HALBWACHS, 1990) que podem ser retomadas e recontadas entre os membros em suas experiências de vida coletiva. Pois, reencontrar os “seus” é buscar o reencontro consigo mesmo, destaca França (2009), uma vez que, “o “encontrar as raízes” manifesta a relação da família contemporânea de ser construída com individualização e dela compartilhar a instabilidade” (p. 264) - pressuposto congruente ao pensamento sistêmico novo-paradigmático de Vasconcellos (2012).

Nesse sentido, as Festas de Família poderiam ser percebidas como um vetor de reordenação de rede de pertencimento, do fortalecimento das identidades familiares e de (re)criação dos vínculos afetivos pelo valor-família; e nesse mesmo processo, o de reafirmação do sentido de família enquanto um lugar que se possa abrigar as identidades fortalecidas por e com ela. A identidade familiar nas festas perscrutadas está fortemente relacionada à genealogia, à descendência comum a um casal ou a um único ascendente. (FRANÇA, 2009, p. 264).

Com essa postulação, se deduz que as festas de família proporcionam aos sujeitos a identificação de pessoas significativas àquele sistema familiar e a noção de que elas construíram também nas relações na família, que se poderia chamar de “legados emocionais”, ligando-a às gerações e à rede de parentesco como um todo. Segundo Singly (2007, p. 99) “a percepção de valor herdado (da família) e do valor adquirido (do indivíduo com sua formação) é mediada por seu caráter, seu corpo, suas qualidades”.

Ainda conforme França (2009), as festas de família enquanto evento, têm o potencial de construir as memórias familiares, imprimir lógica e sentido às trajetórias de vida e à reconstituição de redes relacionais no presente.

Com essa força de transmitir a memória familiar entre as diversas gerações implicadas no processo da Festa, esse evento reorganiza os laços de grupos familiares em face às experiências de desenraizamento dos indivíduos e de destradicionalização das relações sociais. Ressurge, assim, como uma prática social que reestrutura os sujeitos modernos fragmentados; ou, ainda, como uma forma de aliança num mundo globalizado, onde o Outro está em um lugar em que o Sujeito poderia estar, ou ainda, como lugar de expressão das identidades familiares e sociais específicas e, concomitantemente, como um agente de uniformização e reordenação de solidariedades. Trata, efetivamente, de ordenar os vínculos de parentesco em que três até quatro gerações estão reunidas em torno de laços materiais, afetivos, sociais e simbólicos, configurando um patrimônio familiar. (FRANÇA, 2009, p. 16).

Por tudo isso, esses eventos demonstram uma vasta complexidade de sentidos e do momento sócio-histórico das famílias, bem como oportuna a articulação e vivências na família extensa e na transgeracionalidade, que são afetadas pela longevidade que se circunscreve na sociedade contemporânea.

Para Silva (2017), a coexistência de várias gerações e o convívio intergeracional é um benefício que pode estimular um enriquecimento mútuo por meio das trocas de afetos, conhecimentos e na comunicação entre gerações, o que se leva a presumir a importância do patrimônio relacional e cultural das famílias, lembrados pelas festas, uma vez que o “patrimônio é, simultaneamente, algo que recebemos do passado, experimentamos no presente e transmitimos às futuras gerações” (SILVA, 2017, p. 40) e, assim, se mantêm e se perpetua a família, no futuro.

Embora esses estudos tenham crescido, vale destacar que “festa de família” e “festa na família” não significa a mesma coisa, a primeira envolve a parentela da família extensa independentemente de existir proximidade ou afetos entre eles, na segunda condição, os participantes são selecionados conforme o nível de intimidade na teia relacional. Contudo, Singly (2007) destaca a vivência das relações com a parentela, ressaltando que as pesquisas qualitativas que analisam a frequência dos encontros entre membros da família e a parentela devem “descobrir os índices que expressam o sentido que os indivíduos dão a essas relações, e a maneira como elas vivenciam” (p. 86), uma vez que as dimensões subjetivas devem ser consideradas.

Já Carter e McGoldrick (1995, p. 77), advertem que os encontros de família que envolvem cerimônias e rituais podem fazer emergir aspectos da etnicidade, haja vista que as famílias variam em seus padrões de ritualização. Assim, “os feriados grupais (o Natal, a Páscoa dos Judeus, a Páscoa) seriam oportunidades para as famílias se reunirem em celebrações que assinalam as fronteiras de grupo e reforçam sua herança e valores comuns.”

Contudo, as autoras ressaltam que esses eventos também tendem a envolver afetos e tensões, uma vez que a etnicidade também pode ser usada para “promover o espírito de clã de uma maneira que vai além de reforçar os membros de sua identidade de grupo” (p. 77), como nos casos dos casamentos inter-raciais, onde as pessoas se sentem exteriormente ameaçadas e a etnicidade aparece como uma forma de proteção contra o inimigo.

Independente do motivo, e de existir ou não aproximações ou distanciamentos entre os membros do sistema familiar, as festas e/ou encontros na família estão sempre cercadas por

pessoas de diferentes gerações do grande clã, pois ainda que não seja percebida, a força da intergeracionalidade atua e retroalimenta o sentido de ter, ser, sentir e pertencer à e na família.

2.4 Casamento entre primos: afetos e implicações do parentesco

Embora o advento do mundo globalizado e da era digital tenha favorecido o estreitamento das fronteiras geográficas e relacionais, possibilitando interações entre pessoas em diversas culturas e países para além da circunscrição da família, ainda é comum, encontrar núcleos familiares formados pela união conjugal entre membros da própria parentela.

Decerto, uma das principais temáticas abordadas nos estudos de parentesco com envolvimento de primos, é o casamento entre eles. Esse é também um objeto de investigação nas ciências biológicas, onde se concentra uma vasta produção científica correlacionando as questões genéticas e os aspectos da consanguinidade, sobre a probabilidade de incidências das doenças congênitas oriundas dessas uniões. No entanto, tais validações se tornam incongruentes ao escopo proposto neste estudo, cujo intuito é a observância das relações e suas implicações na família extensa.

Já os estudos concentrados no campo antropológico concernentes às relações de parentesco e casamento, também incluem os primos e apontam características e achados diferenciados conforme as especificidades dos povos e culturas em relação ao modo de se relacionar, como as identificadas nas realidades dos Tikunas e da população cigana de Andaluzia na Espanha discutidas nesta seção.

É oportuno ressaltar que o adensamento dos estudos do antropólogo Lévi-Strauss (1986) o fez consagrá-lo como um clássico e maior expoente autor sobre a investigação da estrutura de família e do parentesco, após observar as diversas sociedades encontradas no mundo, sobressaltando as questões em torno das relações incestuosas como delimitadoras das condutas e proibições das relações entre diferentes povos.

Assim, toma-se como exemplo o estudo: *O romance de primas com primas e os problemas dos afetos* realizado por Rosa (2013), por retratar uma realidade ainda presente no território e fronteiras brasileira, que aponta dentre outras questões sociais as preocupações nas

relações incestuosas entre a população indígena dos Tikunas, uma comunidade que vive no sudoeste amazônico, às margens do rio Solimões/Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, onde os casamentos entre primos obedecem a uma lógica cultural e entra em jogo as tensas negociações entre afetos e alianças.

Nessas tribos, os jovens são obrigados a casar com cônjuge escolhido por seus pais, embora sem amor. São considerados como “primos certos”, ideal para casar, os filhos da irmã do pai, pois com isso “evita-se a realização de uniões incestuosas, dita *wamachi*, condição moralmente negativada, traduzida como pecado” (ROSA, 2013, p. 82), para aquela realidade social.

O estudo revela também rupturas das regras e costumes que perpassam sobre as questões de gênero, onde há registros de relações homoafetivas também entre as mulheres. Aborda as relações de posições de gênero, além dos aspectos de ordem cultural e do conjunto de crenças como a quebra de paradigmas para escolhas dos pares, que versam sobre: casar certo ou errado, com e sem papel, com ou sem amor, e também questões sobre a relação conjugal hetero e homoafetiva e sexualidade, demarcam a discussão sobre parentesco e afetos naquele modelo de sociedade.

Destarte, duas interlocutoras contam entre suas experiências de vida, que mesmo depois de obedecer aos protocolos de casamento esperado naquele recorte social, dentro dos moldes e padrões de casamento heterossexual e já com filhos, elas se separaram e contraíram relação conjugal homoafetiva, pois “mais que casar com o primo/prima certa, está em jogo a negociação de seus sentimentos.” (ROSA, 2013, p. 83).

As interferências nas escolhas e relações conjugais entre os Tikunas fazem parte de um padrão cultural que perpassa de geração em geração, atravessam a subjetividade humana e adentram nas instâncias de “poder” que regem as condutas sociais naquele modelo de sociedade. Conforme Rosa (2013), para essa população, casar com primo certo “refere-se aos arranjos maritais realizados entre sujeitos pertencentes a grupos classificatórios opostos e diferenciados, denominadas nações.” (NIMUENDAJU, 1977; GOULARD, 1998; OLIVEIRA FILHO, 1998 *apud*; ROSA, 2013, p. 83), tendo a função de controle para não juntar duas pessoas da mesma nação.

Entretanto, se destaca nas narrativas de dois interlocutores observados em Rosa (2013, p. 81), influências simbólicas entre crenças e aspectos mitológicos acerca da compreensão do casamento errado para os Tikumas:

[...] isso provocaria raiva nos bichos da floresta, que aparecem para consertar as coisas. Tem bicho que chega para levar quem casa errado. (Mulher, 33 anos).

O barbudo chega de noite, persegue quem está casado errado, homem ou mulher, os leva embora e os mata. É um soldado de Deus. (Homem, 60 anos).

A autora aponta que além das entidades sobrenaturais, uma interlocutora também faz menção às práticas de aconselhamentos, pelo conselho de anciões das aldeias e à presença da polícia indígena, que também tem o poder de fiscalizar os namoros, prender se for necessário, além da interferência do pastor neopentecostal presente na comunidade.

O sentido de casar com “primo certo” nesta sociedade, pode ser analisado do ponto de vista da perspectiva sistêmica, como um mandato, uma ordem para organizar as relações entre os povos e a constituição da família. Ainda que seja baseada na crença mitológica para agradar “os bichos da floresta”, ela ordena as relações de poder e as relações comerciais entre os Tikunas, revela um padrão na escolha conjugal que atravessa a subjetividade e a racionalidade humana, que norteia e especifica os comportamentos esperados naquele contexto. Pois, de acordo com Wagner (2014), os mitos familiares deixam claro os tipos e quais comportamentos são aceitáveis e quais são proibidos, uma vez que:

A partir dessas crenças, são estabelecidas regras de comportamento que guiam o tipo de relação que os membros da família devem estabelecer entre si e igualmente, o tipo de relação que se espera que cada um estabeleça como o mundo exterior. (WAGNER, 2014, p. 33).

Então, conforme a autora, os mitos são construções que se estabelecem como verdades ao longo do tempo, visam preencher necessidades da família e exercem grande poder sobre seus membros, podendo até determinar o seu destino. “De forma sintética, podemos dizer que o mito é um sistema explicativo de aspectos da vida que, conscientemente, são difíceis de serem compreendidos ou aceitos.” (WAGNER, 2014, p. 35).

Isso explica as relações encontradas entre os Tikunas, como revelou o estudo de Rosa (2013) e se torna congruente ao postulado por Krom (2000) ao discutir os diferentes mitos que se processam no interior da família, sobretudo a influência do mito do poder e da autoridade; onde os indivíduos, por respeito à hierarquia familiar tendem a acatar opiniões e sugestões de pais e parentes.

No entendimento de Krom (2000, p. 58), “as pessoas quando se casam trazem de suas famílias de origem as suas mitologias que, ora se assemelham, ora se diferenciam da família dos cônjuges”. Assim, a relação conjugal se torna de certa forma afetada pela carga de crenças que cada parte do casal carrega de suas famílias de origem, ao formar o novo sistema familiar.

Onde, conforme Valsiner (2012, p. 143), “os campos semióticos do *self* dialógico são estabelecidos para guiar a ligação afetiva de seres humanos a arranjos de sua vida cotidiana, tais como o casamento e a aceitação da vida familiar, na totalidade de trabalho e relacionamentos que ela envolve”.

Nesse sentido, se destaca o estudo de Gamella e Carrasco-Muñoz (2008), realizado na Espanha, sobre a rede afetos na conjugalidade entre primos, uma vez que essas relações se tornaram muito comuns nos últimos 30 anos entre a grande população cigana de Andaluzia. Esse grupo acredita que o casamento com familiar é atribuído ao sentido de amor e por isso é valorizada a união entre parentes “do mesmo sangue”, especialmente com os primos mais próximos, como os de “primeiro grau”, sob a alegação de já se conhecerem desde que nasceram, e apontado por uma das interlocutoras, como prova desse amor que se estende por toda vida.

Esse estudo identificou 325 casos de casamentos entre primos, dos quais 74 também eram primos em segundo grau, porque um dos pais do noivo ou da noiva também era primo. Quase metade dos casamentos consanguíneos (46%) envolveu pessoas com mais de um vínculo conhecido de parentesco com o sangue, e 12% mais de quatro vínculos. Os pesquisadores chamam atenção que em nove desses casos os cônjuges, além de primos, eram primos de segundo grau duas vezes, ou seja, os pais de ambos também eram primos de primeiro grau.

Sob a ótica da teoria sistêmica, isso estaria ligado à repetição de padrão relacional entre os sistemas e subsistemas nessas famílias. Para Krom (2000, p. 200) “as famílias de origem influenciam poderosamente na configuração das novas famílias que vão se formando com o passar do tempo”.

No caso dos casamentos entre primos ciganos, Gamella; Carrasco-Muñoz (2008), destacam que embora os informantes achem um padrão de normalidade entre eles, aparecem também rejeições por parte de algumas pessoas e entre famílias, para que essas uniões não se perpetuem, em razão de problemas de saúde que possam ter. Dessa maneira, se revela a dualidade entre afetos e tensões nas relações familiares nesse contexto social e ratifica a ênfase dada nas investigações acerca do casamento entre primos, frente às ciências biológicas.

2.5 A casa: memórias (individuais e coletivas) e cenários das relações de “primandade” numa perspectiva colaborativa

As relações entre primos são tecidas através da convivência, sobretudo na infância, entre alguns espaços sociais e nas interações na família de origem e extensa, e perfilam as redes de apoio e afetos. Assim, as memórias tornam-se ponto de partida, pois delas emergem doces e prazerosas lembranças como destacam alguns pesquisadores que estudam a família também de modo colaborativo.

De acordo com Rios (2013, p. 9), a constituição de memórias envolve as experiências vividas diretamente, como também as herdadas, aprendidas e transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização. Contudo, é pertinente destacar que para tanto, existe um espaço físico e simbólico que demarca a construção dessas experiências onde, conforme Gomes e Pereira (2005, p. 358), “uma das provas mais evidente de família é o viver juntos sob o mesmo teto. Isso significa que a noção de casa implica compartilhar um determinado modo de vida, constituindo o que pode ser chamado de convivência familiar”.

Estes postulados sintetizam as compreensões encontradas na pesquisa sobre a casa da infância, que resultou na obra *Autoetnografia colaborativas e investigação autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares* (RABINOVICH; MOREIRA; ALCÂNTARA, *et al.*, 2016), onde os autores relatam suas experiências e histórias de vida, descrevendo lembranças da casa da infância, envoltas de afetos e sentidos que parecem delimitar linha tênue entre lugar, relações entre primos e família extensa.

Como se vê em Rabinovich *et al.* (2016), as memórias afetivas do lugar conferem aos pesquisadores importantes marcadores das relações na família e traduzem as transmissões transgeracionais, intergeracionais e multigeracionais que correspondem respectivamente ao processo de transmissão entre as gerações, apontados por Wagner e Falcke (2014) seguindo as seguintes disposições:

Trans (através) resgata os componentes que perpassam a história familiar, e se mantêm presentes ao longo das gerações. O prefixo *Inter* traz a noção de reciprocidade (posição hereditária, entre) que sugere, principalmente, a passagem de uma geração para outra, em detrimento da ideia de permanência de tais processos no cotidiano das sucessivas gerações da família. *Multi* (muito, numeroso), por sua vez, implica basicamente em quantidade, desse

modo, enfatiza o envolvimento de mais gerações, sem privilegiar os fatores que fazem a ligação entre elas. (WAGNER; FALCKE, 2014, p. 25).

Tais distinções são identificadas na experiência de vida trazida na narrativa de Bastos (2016, p. 173), ao lembrar que:

A casa grande de meus avós maternos tem algo de arquetípico para mim. Todos dormiam juntos, também em minha família, sobretudo nas fazendas e em momentos de férias ou festivos, de reuniões familiares. Podia ser criança e adulto. Não existia quarto privativo, naquelas casas todos os aposentos se intercomunicavam. Lembro-me de dormir com minhas primas, em camas e várias redes. [...] Minha prima quatro anos mais velha – irmã querida – sempre “me abusava”: “Mana, me cubra”. “De graça?” “Mana me enrole”. [...] Até que ela ficava com pena de minha falta de jeito e atendia a meu pedido.

Assim, a autora descortina significados importantes nas interações relacionais na família extensa e entre primos pois, ao se referir à sua “prima querida”, está lhe diferenciando afetivamente dos demais parentes e, ao lhe conceder status de “irmã”, demarca o significado especial que essa pessoa lhe confere.

Consoante Sá e Rabinovich (2016, p. 331), “na família se pode experienciar o amor parental, filial e fraternal, vivenciando relações de parentesco que duram toda existência”. Desse modo, Bastos (2016) anuncia o seu sentimento de “primandade”, que se destaca dos demais autores desta obra nesse aspecto, mas converge-se a eles quanto ao compartilhamento dos marcadores e sentimentos mais significativos entre as memórias da casa da infância, sobretudo a casa da avó.

As narrativas de Bastos; Colombo e Dórea (2016) demonstram afetividade e simbolismos muito particular a cada autor, contudo, também ilustram pontos de convergência de afetos e emoções vivenciadas no passado e revisitados no momento presente pelas lembranças da “*casa da avó*”, um lugar que representa o cenário para os encontros entre primos e as relações na família extensa, um espaço físico e simbólico, preenchido por eventos no curso de vida que conotam a temporalidade, a transcendência, a construção da memória individual e da memória coletiva da família.

Pensar o dia a dia da época da infância me remetem a casa da minha avó materna, Naná. Lá era o ponto de encontro entre as famílias, encontrava sempre tios e primos sendo esses de faixa etária diferentes. (COLOMBO, 2016, p. 271-272).

Não “saberia/conseguiria” concentrar uma sequência por definição. Então conto cenas [...]. No primeiro ato, de forma quase emoldurada, aparece a escada de carpete verde escuro, da casa da minha tia-avó Dadá. Nela (na escada), quando criança, por algumas vezes caí, rolei e ralei. [...] Recordo o quintal, com o grande pé de chuchu (naquela época mais parecia uma floresta) e a casa improvisada, esculpida e suas folhas suspensas no gradil, numa farra

que juntava eu, minha irmã e meus primos na casa de minha avó paterna Hermínia, às margens do Rio Subaé. (DOREA, 2016, p. 249).

De acordo com Bastos, *et al.* (2016, p. 62), “é através da construção e reconstrução de narrativas singulares, pessoais, ressignificadas a cada momento da vida que os indivíduos são capazes de, ativa e retrospectivamente, impor alguma ordem, alguma inteligibilidade aos eventos”. Nesse sentido, se nota no trecho narrado por Dórea (2016), que o “eu-narrador” descreve essa necessidade de organizar a releitura do que é evocado do tempo passado, para situar e apresentar no presente.

Conforme Rios (2013), as memórias podem se basear em fatos reais ou não, já que o processo de constituição das lembranças “dá lugar a invenções, confusões, imprecisões, projeções e incoerências, o que pode ocorrer de modo deliberado ou não, envolvendo ainda silêncios e esquecimentos, que se dão de modo inconsciente ou consciente.” (p. 9).

Por tudo isso, a construção narrativa torna-se segundo Bastos (2016), um processo de cunho social e identitário, uma vez que o ato narrativo faz o sujeito falar de si, para si, e para outros, uma vez que:

A habilidade de contar história e dar sentido às experiências passadas, presentes e futuras em relação aos contextos sociais, culturais e históricos particulares, fornecem aos indivíduos uma identidade – um sentido de existência através do tempo e de atuação com o propósito no mundo, contribuindo para a construção de sua identidade social e cultural. (MILLER, 2005, BELL, 2004, *apud* BASTOS *et al.* 2016, p. 62).

Tal conotação está congruente à conceituação de memória individual e coletiva postulada por Halbwachs (1990), uma vez que a memória individual não estaria inteiramente isolada e fechada pois, segundo o autor: “um homem, para invocar o seu passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (p. 54). Uma presença simultânea das memórias em cada indivíduo se dá por meio da memória individual (interior ou pessoal) e a memória coletiva (exterior ou social); na qual Peralta (2007) afirma que as memórias são o produto da mente individual em relação ao mundo exterior, onde os mundos interpessoais e culturais em que os indivíduos vivem constituem as suas memórias.

Desse modo, é possível identificar entre o que é evocado do universo intrapsíquico memórias por imagens, sons, palavras, cheiros, aromas, perfumes, emoções e sentimentos entre as experiências evidenciadas, que tanto pode ter sido vivida por de si mesmo ou por outros.

Para Telles (1998) citado por Oliveira (2001, p. 19), a memória do narrador “é como uma gaveta onde as histórias ficam guardadas até que ele perceba que estão maduras e prontas para a colheita”. Assim, a menção ao signo “Rio Subaé” encontrada na narrativa da Dórea, ainda que seja uma memória individual, tende a fazer sentido a outras pessoas que vivenciaram experiências no mesmo contexto sociocultural pois, ao fazer a conexão ao próprio acervo de memórias individuais, o sujeito simultaneamente poderá se remeter a uma memória que é ao mesmo tempo coletiva em muitos outros.

Nesse caso, as lembranças do autor remetem a marcadores individuais; contudo, eles são também históricos, culturais e identitário do povo baiano, alcançando também notoriedade e marcas no cenário nacional e internacional. De modo que tocam as “lembranças dos outros” (Halbwachs, 1990), e ainda que não se tenha conhecido, saberão quem eles são através dos registros deixados. O mesmo acontece nas famílias: as gerações deixam suas marcas, constroem identidades e legados que serão transmitidos transgeracionalmente entre memórias individuais e coletivas, ainda que não se tenha conhecido esses outros, seus descendentes saberão quem eles foram através dos registros que cada família constrói, consciente e/ou conscientemente.

3. ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E RECURSOS NARRATIVOS

Parte do que é produzido acerca da família no mundo científico tem origem nas observações realizadas em seu interior, sobretudo, entre as relações estabelecidas nos sistemas e subsistemas familiares, cabendo a epistemologia a incumbência da cientificidade as experiências empíricas. Fazer a captura dos dados através dos recursos narrativos torna-se desafiante e muito enriquecedor, pois possibilita extrair elementos de ordens de sentidos e significados específicos a cada sujeitos, e transformar informações em valioso instrumento de análise da disseminação da cultura e valores, transpassados entre pessoas e gerações ao longo o tempo.

Contudo, a consolidação das observações realizadas tendem a servir a diferentes enfoques epistemológicos, pois assim como as relações, vivências, histórias de vida e famílias se particularizam, a compreensão dos fenômenos entre as abordagens científicas também, uma vez que o olhar do observador sobre o objeto pesquisado certamente não partirá ou terá o mesmo prisma.

3.1 Família e sua estrutura numa perspectiva sistêmica

A partir dos pressupostos da epistemologia sistêmica, a família pode ser apreendida como sistema relacional e sociocultural aberto em transformação, que se comunica através da relação intergeracional e passa por alguns estágios em seu ciclo de vida, perpassando, de geração em geração, como processo hierárquico e contínuo, gerando valores e sentimentos de pertencimento e identificação, operando dentro de contextos sociais específicos.

Nesse sentido, parte-se da afirmação de família como:

Um sistema que opera por meio de padrões transacionais. Essas transações repetidas reforçam o sistema familiar que se diferencia e executa suas funções através de subsistemas. Cada indivíduo pertence a subsistemas onde tem diferentes níveis de poder. (PISZEZMAN, 2006, p. 152).

Diante desse entendimento, compreende-se a família como um sistema que se ramifica ao fazer interconexões com outros sistemas, criando subsistemas que se integram e formam sua totalidade, partindo da primeira base que se chama de família de origem, onde se constitui outros núcleos, denominados de família nuclear, que é composta por pais e filhos.

Entretanto, as dinâmicas familiares são distintas e específicas em cada um desses núcleos, assim como a sua composição decorre de forma cíclica, num movimento que se compõe e decompõe através da transição geracional. Deste modo, o sistema familiar se articula e se move ao longo do tempo e do espaço, se adequando às normas sociais e culturais a sua margem.

De acordo com Minuchin (1982), teórico que se ateve a estudar a estrutura familiar, esta é vista como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem, havendo sempre um membro no sistema familiar que

será a referência a se guiar, geralmente centrada na figura da mãe, guia com quem se aprende a se comportar. E nesta relação será definida a posição que cada um ocupa na interação e contexto social específico naquele sistema, no qual os membros podem ocupar múltiplas funções e/ou posições entre os subsistemas da família, pois:

O sistema familiar diferencia e leva a cabo suas funções através de subsistemas. Os indivíduos são subsistemas dentro da família. Díades, tais como esposo-esposa e mãe-filhos, podem ser subsistemas. Os subsistemas podem ser formados por geração, sexo, interesses ou função. [...] Um homem pode ser um filho, um sobrinho, um irmão mais velho, um irmão mais moço, um marido, um pai e assim por diante. Em diferentes subsistemas, ele ingressa relações complementares. (MINUCHIN 1982, p. 58).

Assim, os subsistemas individuais influenciam as relações entre os demais subsistemas e, quando um determinado membro sente dificuldade de incluir aquele que chega, isso tende a influenciar ou afetar outros subsistemas da família.

Segundo Coelho (2012), Minuchin ao se referir aos padrões de relação, cunhou o entendimento de que eles criam expectativas e permitem uma previsibilidade em relação a quem define as relações, como são as relações na família e o que é permitido ou não. Ainda em seu entendimento, o indivíduo seria a menor parte do sistema familiar, mas ao mesmo tempo o todo e parte de um sistema, uma vez que "a família como sistema (todo) permite ao indivíduo (parte) exercitar-se na afirmação de seu *self* diferenciado, como as habilidades pessoais, em relação aos outros subsistemas familiares dos quais é parte complementar." (COELHO, 2012, p. 444).

A existência continuada da família, como um sistema, depende de uma extensão suficiente de padrões, da acessibilidade de padrões transacionais alternativos e da flexibilidade para mobilizá-los, quando necessário. Desde que a família deve responder às mudanças internas e externas, deve ser capaz de transformar-se de maneira que atendam às novas exigências, sem perder a continuidade, que proporciona um esquema de referência para seus membros. (MINUCHIN, 1982, p. 58).

Essa continuidade que o autor expõe se dá graças aos subsistemas, que tanto pode ser um indivíduo, uma díade ou tríade, todos formados por geração, sexo, interesses ou função. O seu entendimento é que os indivíduos são subsistemas dentro de uma família, assim como as díades: marido-mulher, mãe-filho, filho-filha; cada um fazendo parte do todo e se relacionando de forma complementar com outros subsistemas.

Minuchin (1982) entende que na organização desses subsistemas é possível treinar o "eu sou" diferenciado, assim como as habilidades interpessoais em níveis diferentes, haja vista que, qualquer que seja a cultura, é na família que se aprende a conquistar a individualidade,

como também, a fortalecer os sentimentos de pertencimento ou exclusão a um sistema familiar, formando assim a matriz de identidade.

Conforme o autor, os subsistemas são delimitados por fronteiras que se caracterizam pelas regras que definem quem e como os membros participam, cuja função é proteger a diferenciação do sistema, onde cada subsistema se caracteriza por um tipo de fronteira familiar: nítidas, difusas e rígidas e sua presença é importante porque caracteriza e delimita o nível de permissão e influências de poder de um indivíduo sobre o subsistema, seja ele emaranhado ou desligado.

Certamente, ao identificar a nitidez da fronteira, se compreende o processo de funcionamento organizacional familiar e como se dá o processo de comunicação entre seus membros. Por isso, a relevância de se ater à organização e estruturação familiar, bem como à identificação do sujeito que se relaciona com o mundo dentro e fora do seu contexto familiar.

De acordo com Minuchin (1982, p. 59), as “famílias terão seu funcionamento mais apropriado quando as fronteiras são nítidas”, mas, sabe-se que cada sistema tem a sua forma de funcionamento, assim como a personalidade de um indivíduo, a estrutura familiar é única.

Por isso, o autor destaca que, por vezes, as famílias podem se apresentar como desligadas, quando não há conexões entre os membros, aglutinadas ou emaranhadas, quando existe grande proximidade entre os membros, havendo uma falta de diferenciação de papéis entre eles. Decerto, que diante desses conceitos, se passa a entender o nível de envolvimento, vínculos e influências entre os membros em cada sistema familiar.

Outro pressuposto defendido por ele é o argumento de que as famílias, com fronteiras difusas, têm um aumento da comunicação e preocupação com seus membros. O que pode sobrecarregar o sistema e ter dificuldade de se adaptar e de mudar, principalmente sob circunstâncias estressantes, já nas famílias que têm fronteiras rígidas, a comunicação através dos subsistemas se torna difícil. O que compromete as funções protetoras da família são esses dois extremos de fronteiras: rígida e difusa, caracterizadores do que se chama de emaranhamento e desligamento dos sistemas familiares.

É importante entender o funcionamento dos sistemas e subsistemas familiares porque eles conectam os indivíduos à família, O ciclo de vida familiar é o grande articulador do movimento intergeracional, ligando-os entre as gerações.

Desse modo, Carter e McGoldrick (1995), destacam que partiram da análise de Hil, ao enfatizar três aspectos geracionais do ciclo vital, onde descreve os pais dos filhos casados como “ponte geracional”, articulando a interação entre as gerações mais velhas com as mais novas dentro da família, e são trocados alguns papéis (de forma distinta) entre seus membros, um em relação aos outros, que podem gerar estreitamento e dependência nos relacionamentos ao lidar com as transições normativas como: nascimento, adolescência, vida adulta, saída do filho da casa dos pais, casamento, e as não normativas: desemprego, adoecimento, morte de filhos antes dos pais.

Para Carter; McGoldrick (1995, p. 11), “família compreende todo o sistema emocional operativo composto pelo menos de três ou quatro gerações”, onde aparece diferentes níveis de poder, que se dá tanto pelo fluxo vertical como horizontal dos padrões de relacionamento e funcionamento e são transmitidos entre as gerações. Certamente, esse poder é relativo, está relacionado à influência que cada membro exerce no sistema, sem necessariamente estar atrelado à hierarquia pois, mesmo à distância, um indivíduo pode sofrer influências ou influenciar no funcionamento do sistema.

Evidentemente, tanto a família como o indivíduo passam por processos de mudanças em conformidade com as fases do curso de vida.

O ciclo de vida familiar [...] contém o ciclo de vida individual de cada um dos seus membros, (Erikson, 1998) e também um ciclo intergeracional familiar (Kaës, 2001; Cervený, 1997, 2001; Bozormeny-Nagy, 2003), ciclos que interagem não só por meio das diferenças desenvolvimentais de cada indivíduo, como também pela herança trazidas das gerações passadas. (CERVENY, 2015, p. 151).

Além das diferentes fases na qual a família se transforma ao longo das transições normativas e não normativa, o curso de vida individual também se modifica concomitantemente ao da família, uma vez que, ao longo desse percurso, o indivíduo construirá relacionamentos diferenciados com os demais membros do sistema familiar e entre as distintas etapas do seu desenvolvimento.

Vale destacar que o ciclo de vida familiar apresenta terminologias e distinções variadas entre as sociedades. Para Cervený; Berthoud (2011), a família brasileira estaria subdividida em etapas, ou seja, em quatro fases: (1) aquisição, (2) adolescência, (3) madura e (4) última. Diferentemente é o modelo de família de classe média americana, descrita por Carter; McGoldrick (2011), que se modifica através dos movimentos: (1) filho saindo de casa; (2) a união de famílias no casamento: o novo casal; (3) famílias com filhos pequenos; (4) famílias

com filhos adolescentes; (5) lançando os filhos e seguindo em frente; (6) famílias no estágio tardio da vida, mas independente da nomenclatura, essas fases tornam-se importantes marcadores das interações e vinculações familiares, principalmente diante dos eventos significativos entre as transições normativas e não normativas.

A transição normativa se refere aos acontecimentos esperados nas respectivas etapas desse ciclo, já as não normativas seriam as excessões; como divórcios, a morte de um filho antes dos pais, por exemplo.

3.2 Vínculos, fronteiras de identidade e pertencimento nas relações afetivas na família

A percepção de vínculo, identidade e pertencimento familiar não é igual para todas as pessoas, por isso se deve levar em consideração às idiossincrasias, já que cada indivíduo é único e se desenvolve ao longo do curso de vida de modo muito particular. Para o alcance de tal concepção, se discute nesta seção as postulações encontradas nos aportes teóricos aqui elencados, os elementos que propiciam a apreensão conceitual dos vínculos e afetos nas relações familiares.

Nesse sentido, a obra de Bowlby (1997) *Teoria do apego e a natureza dos vínculos*, tornou-se um importante referencial na compreensão do desenvolvimento e das relações humanas, pois buscou comprovar que o nível e qualidade das interações que a mãe estabelece na relação de cuidado com o bebê, desde as primeiras fases do desenvolvimento humano, tende a influenciar as demais relações do indivíduo como o mundo, ao longo da vida.

Entretanto, Santos (2014) propõe a releitura e ampliação sobre a compreensão da teoria do apego na formação de vínculos a partir da perspectiva sistêmica, que parte de Bowlby à uma compreensão novo-paradigmática. Autora pontua que a teoria do apego de Bowlby, por compreender o apego enquanto um mecanismo universal e determinante para o estabelecimento das relações afetivas e da qualidade dos vínculos, desconsidera as transformações individuais, sociais e culturais que são apreendidas, “enquanto processo construtivo se processando em uma pessoa que não “é”, e sim, que “está” em constante construção de sentidos.” (SANTOS, 2014, p. 7).

Destarte, se entende que reduzir o apego ao ponto de vista determinista pelas primeiras relações com as figuras de apego, comprometeria o processo de tornar-se, do vir a ser, onde os sujeitos que tiveram essas primeiras relações afetadas pelo distanciamento e cuidados da mãe, fossem impactados negativamente no processo de novas construções e vinculações ao longo do curso de vida. Portanto, estaria incongruente ao processo de transformação e coconstrução compreendido pela psicologia cultura pois, ao tomar como ponto de partida o pensamento sistêmico novo-paradigmático, no qual Vasconcellos (2012, p. 100) postula que este ultrapassa os pressupostos da ciência tradicional, ou seja, da “simplicidade do microscópio, na estabilidade do mundo e na objetividade e realismo do universo – o cientista assume três novos pressupostos:”

A crença da complexidade em todos os níveis da natureza, - a crença na instabilidade do mundo em processo de tornar-se, - a crença na intersubjetividade como condição de construção do conhecimento do mundo. [sic.] (VASCONCELLOS, 2012, p. 100).

Tendo em vista as ponderações trazidas por Vasconcellos (2012) e Santos (2014), acrescenta-se a compreensão de Assis (2012) ao afirmar que a teoria do apego trouxe contribuições que fundamentam o entendimento de como se constroem as ligações afetivas, os vínculos familiares e os padrões afetivos formados por sequências de demonstrações de afetos, mas que:

O adulto cria e mantém vínculos conforme seu estilo de apego construído ao longo do ciclo vital. Nesse sentido, a Teoria do Apego e a Teoria Sistêmica interconectam-se mediante o interesse mútuo quanto ao comportamento dos seres humanos e sobre como esses formam vínculos nas interações familiares. (ASSIS, 2012, p. 271-272).

Assim, além dessa construção processual ao longo da vida, a autora também salienta o conhecimento e distinção dos conceitos relacionados à teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (1997), “como matriz formadora de personalidade, permitiu maior facilidade de identificação, análise e interpretação dentro dos estudos de famílias.” (ASSIS, 2012, p. 260).

No entanto, a partir do conceito de vínculo identificado por Pichon-Revière (1998, p. 31), toma-se a seguinte perspectiva para compreender o processo de vinculação ao longo da vida:

O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados. Por essa razão, o vínculo se relaciona posteriormente com noção de papel, de status e de comunicação.

Dessa maneira, se considera família como base do vínculo social, já que é o lugar para crescer e receber apoio, acomodação e transmissão da cultura que, segundo Coelho (2007), torna-se a referência para construção da “identidade do indivíduo – “matriz de identidade”, oferecendo-lhe um sentido de “pertencimento”, ao sentir-se parte dela, e um sentido de “individuação”, ao sentir-se diferenciado dela.” (p. 440).

Certamente o pertencimento torna-se ponto crucial nas relações que se estabelecem na família e nos vínculos relacionais, pois norteia a percepção de inclusão e exclusão do indivíduo, tanto na família nuclear quanto na extensa e nas demais redes de interações dentro e fora do seu universo psicossocial da família. Conforme Hellinger (2007), cada membro da família tem o mesmo direito de pertinência, sendo então, uma ordem básica para o funcionamento saudável do sistema familiar pois, quando essa ordem não é respeitada, “as pessoas entram em crise ou adoecem.” (p. 78).

Portanto, família é a base, o ícone de suporte para a constituição do indivíduo como ser singular no mundo e na qual se manterá com vínculos afetivos ao longo da vida, mesmo no campo imaginário pois, caso o contato real com os demais membros do sistema familiar não seja factível, tende a influenciar a conduta humana nas relações sociais.

De certo, ainda que a pertença e a identidade possam ser vivenciadas, isso não significa que, necessariamente, sejam sentidas objetivamente nas relações de afeto, ou na instância consciente, o que pode afetar as manifestações de afetos, promover incongruências e disfuncionalidade na relação com a família nuclear e/ou de origem, quando o indivíduo não se sente pertencente nas relações e posição existencial em sua unidade familiar, levando-o, ao distanciamento dos contatos, rompimento dos vínculos e das relações de parentesco.

Por tudo isso, ao fazer o paralelo em Hundeide (2005), se observa que embora as relações familiares estejam disponíveis para o sujeito, os sentimentos de pertença e identidade podem não ser compreendidos; portanto, não serão percebidos, e se tornam inacessível as interações nas relações de parentesco e entre primos. Entretanto, os sujeitos estarão vinculados à família em alguma ordem e se mostrar leais simbolicamente, ainda que de modo inconsciente, uma vez que a lealdade pode se apresentar de diferentes formas.

Vasconcellos (2007), afirma que Boszormenyi-Nagy (1920 - 2007) foi quem deu cunho à terminologia “lealdade familiar”, que significa a “fidelidade do indivíduo associadas à trama de valores, crenças, expectativas que vinculam os membros da família e mantêm a unidade

familiar, desenvolvidos na família nuclear, a partir das atitudes de justiça dos pais.” (VASCONCELLOS, 2007, p. 250).

De acordo com Falcke; Wagner (2014), o conceito de lealdade é um instrumento fundamental para compreensão da estrutura relacional mais profunda das famílias e de outros grupos sociais, e pode ser definida também em termo moral, político e psicológico. Para Paccola (1994, p. 31) citado por Falcke; Wagner (2014, p. 29), “em suas múltiplas formas de expressão, a lealdade institui uma força saudável ou não, que cria vínculos de conexão entre gerações passadas e futuras numa família”. Desse modo, é possível inferir que a lealdade seja também simbólica, onde cada sujeito se vê afetado distinta e subjetivamente entre os subsistemas, pois:

Os compromissos de lealdades são como fibras invisíveis, mas resistentes, que mantêm unidos fragmentos completos de “conduta” relacional, tanto nas famílias como na sociedade em seu conjunto. Para entender as funções que um grupo de pessoas cumpre, nada é mais importante que saber quais estão unidos por esse vínculo de lealdade e o que a lealdade significa para eles. Toda pessoa contabiliza sua percepção dos balanços do toma lá dá cá passado, presente e futuro [...] que segue escrito nas contas invisíveis de obrigações. (BÖSZÖRMÉNYI-NAGY, 2003, p. 57 *apud* CERVENY, 2012, p.22).

Então, consoante Cerveny (2012), a lealdade se baseia no endividamento recíproco que pode se manifestar como cuidados físicos, telefonemas, visitas, outros tipos de comunicações, interesse, respeito, preocupação, vinculação psicológica e econômica, entre outros aspectos observáveis na família.

3.3 Construção de sentidos e narrativas de vida

No processo de individuação o ser humano aprende a se diferenciar do outro e se tornar único no seu jeito de ser, pensar e agir, por isso, se faz necessário o entendimento de sentido semiótico e significado que se particulariza na essência humana para a compreensão das especificidades das narrativas de vida, com ilustram os referenciais teóricos discutidos nesta seção.

Uma vez que ao longo do desenvolvimento humano o indivíduo estará sempre em relação de encontro "Eu – Outro", interação essa que segundo Silva (2012, p. 6) é “mediada

pela cultura através dos processos dialógicos e semióticos, e possibilita a construção de significados de mundo e sentido de self". Contudo, vale destacar que sentido e significado se particularizam, pois:

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo ali, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentido segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projetar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições. (SARAMAGO, 1997, p. 134-135).

Ainda que em tom poético, este grifo contempla a ideia da subjetividade que permeia a construção de sentido para cada pessoa. Na obra *Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração*, Frankl (2016) descreve a sua concepção apreendida através de uma experiência muito particular, em condições extrema de vulnerabilidade da dignidade humana, onde sintetiza que o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, mas é ele que conecta o sujeito à sua existência no mundo.

Como se vê, se particularizam os sentidos humanos e semióticos em consonância com as experiências de vida pois, conforme Spink; Medrado (2004), a produção de sentidos é uma prática social dialógica, onde através das práticas discursivas (linguagem em ação) as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas, uma vez que:

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas - na dinâmica das relações sociais historicamente datada e culturalmente localizada – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. [...] dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade. (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 41).

Diante dessas contribuições, se ressalta a relevância da escuta ativa para perscrutar o que os primos e as famílias narram sobre si, tendo em vista que as narrativas são compreendidas como o modo em que os sujeitos constroem o sentido das suas experiências de vida, mas isso não significa dizer que são percebidas de maneira lógica e temporal. Portanto, pressupõe que a habilidade de escuta e audição do entrevistador se torne uma atitude relacional, onde deve captar o que está sendo construído ao longo do processo narrativo e compreenda a linguagem como um todo, tanto verbal como não verbal, o dito e o não dito, mas também o que deixa subentendido no silenciamento dado pela emoção, no gestual, num suspiro ou mesmo no lacrimejar.

Conforme Silva (2012), os autores Brockmeier e Harré propuseram uma definição mais ampla de narrativa, vista como conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas transmitidas culturalmente e historicamente. Contudo, é importante levar em consideração que o sujeito ao narrar suas ações e/ou acontecimentos, envolve no enredo o seu protagonismo e o de outras pessoas. Todavia, Grandesso (2011) destaca que:

Quando se conta histórias sobre si mesmo, cria-se uma distinção entre o *eu-narrador* e o *eu-protagonista*. Essa distinção, estabelecendo uma espécie de distância, permite ao eu-narrador observar, refletir, ajustar, corrigir o self que está sendo construído pela narrativa. (LIND, 1993, *apud* GRANDESSO, 2011, p. 227).

Assim, o sujeito se dá conta no mundo. Por isso, a autora destaca que é através do caráter dialógico do self, da identidade narrativa e na condição dialógica, que a pessoa se constitui como um Eu. “ O Eu apresenta-se como tal para alguém que se coloca como um tu, e que reciprocamente o transforma em tu, quando esse alguém atribui a si a condição de Eu.” (GRANDESSO, 2011, p. 228). Em seu entendimento, esse eu-narrativo é dialogicamente construído nos espaços sociais, obedece a um processo reflexivo onde o eu-narrador, no ato de narrar, se constitui, de modo que “as narrativas que desenvolvemos constroem os atores ou os agentes que somos, bem como a nossa possibilidade de autoria pessoal (self agency) ou autoria social.” (p. 229).

Contudo, Kublikowski (2004, p. 10), traz a seguinte interpretação sobre a identidade narrativa:

A proposta por Ricoeur de uma aproximação narrativa da subjetividade nos remete a ideia de uma pessoa que se modifica através da sua capacidade de designar-se a si mesma, ao atribuir significado ao mundo. O agente que fala, conta da sua própria história, que se desenrola na dimensão temporal da existência humana e o constitui, fazendo da vida um texto analógico à ação, interpretado em seus significados.

Tendo em vistas tais considerações e especificidades das narrativas, com sua função construtora e organizadora de sentidos e significados diferenciados a cada pessoa e em diferentes contextos e curso de vida, Souza; Martins; Tourinho (2015, p. 13) advertem que:

[...] as narrativas podem denunciar, compartilhar e/ou mudar modos de produção cultural e social, pois, ao desvelar momentos, imagens e visualidades de suas trajetórias, os indivíduos reorganizam a própria história criando laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos marcantes ou, ainda, para aqueles que permanecem encoberto justamente porque não foram visitados com um olhar escrutinador e sensível.

Destarte, as narrativas possuem poder de reconexão do sujeito à sua subjetividade e, consoante Dolory-Momberger (2014), o ser humano se apropria de si mesmo por meio de

histórias e antes de contá-las aos outros, “o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna ele mesmo, através das figurações que representam sua existência.” (p. 33). Certamente, isso se torna possível porque:

Os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência: linha, fio, caminho, trajeto, estrada, percurso, círculo, carreira, ciclo de vida. O homem escreve no espaço a figura de sua vida. As imagens às quais recorre para evocar o curso da vida (a começar por sua imagem) são tão familiares que perderam sua dimensão simbólica ou analógica e chegam a mascarar o próprio fato biográfico, [...]. (DOLORY-MOMBERGER, 2014, p. 33).

Contudo, a autora destaca que o fato biográfico é o viés da figuração narrativa que acompanha o percebido da nossa vida num espaço-tempo interior, no qual a narrativa transforma o sujeito em personagem da própria vida, uma vez que, “não fazemos a narrativa de nossas vidas porque temos uma história; temos uma história porque fazemos narrativas de nossa vida” (DOLORY-MOMBERGER, 2014, p. 36).

Assim, conforme Paré (1995, p. 13) citado por Di Nicola (1998, p. 215):

Quando as famílias são vistas como comunidades interpretativas ou culturas que contam histórias, as narrativas familiares são ricas em significado. Como todas as culturas, as famílias contam histórias sobre elas mesmas – histórias sobre quem elas são, sobre onde estiveram e para onde estão indo [...]. Contar a própria história é construir a própria vida.

O que complementa o pensamento de Morgan (2007), ao dizer que uma narrativa é um fio que tece os eventos, forma história de nossas vidas e relações, dando significado às experiências vivenciadas e formando o enredo da história, onde o vasto repertório pode conter falas de si mesmo, das aptidões, lutas, competências, ações, desejos, relações, trabalho, conquistas, aquisições e falhas. O que difere é “o modo com que desenvolvemos essas histórias foi determinado, por como interligamos certos eventos numa sequência e pelos significados que atribuímos a eles.” (p. 15).

3.4 Voz ativa do pesquisador: sentido e protagonismo de primos na pesquisa narrativa

A literatura aponta que narrativa não é um simples ato de narrar acontecimentos, mas a possibilidade de resgatar a história e a historicidade da própria vida, da percepção de transformação do self ao afetar-se com ações memoráveis de prazer e desprazer e do resgate de contatos afetivos e das relações familiares. “Podemos entender narrativa como uma rede, um tecido de experiências que será trabalhado pelo tecelão, pelo narrador agora transformado.” (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Desse modo, a ideia de partir da voz dada aos primos, visa compreender a construção de sentido do Eu-protagonista da história e não de uma interpretação de um outro Eu-observador externo, que percebe a realidade com seu próprio núcleo de sentido. Para tanto, parte-se do pressuposto de conversações de lembranças (WHITE, 2012) ou seja, aquelas que:

São moldadas pela concepção de que a identidade está baseada numa “associação de vida” em vez de um self central. Essa associação de vida tem um grupo de membros compostos pelas figuras e identidades significativas de uma pessoa do passado, do presente e do futuro projetado, cujas vozes são influentes com relação à construção de sua identidade. Conversações de lembranças fornecem uma oportunidade para que as pessoas revisem a condição de membro de seus associados na vida: atualizar alguns e retirar outros; reverenciar alguns e revogar outros; conceder autoridade a algumas vozes a respeito da própria identidade pessoal e desqualificar outras. (WHITE, 2012, p. 145).

Assim, são manifestados os sentidos entre as lembranças na voz ativa dos pesquisadores, em suas autoetnografias, como as encontradas na obra de Rabinovich *et al.* (2013), que ratifica o postulado de White (2012), onde na transcrição e análise das narrativas se identifica os signos, sentidos e significados traçados na experiência das relações entre primos, e as diferentes dimensões que elas alçam na convivência e dinâmica familiar.

Os signos são instrumentos cultivados para nossas relações interiores, mediante a ligação com os objetos no ambiente externo (VALSINER, 2012):

Diferentes experiências de vida no passado, sobretudo mais recente, insistem em referenciar o modo por meio do qual a pessoa constrói um sentido do presente. Ao mesmo tempo, as imagens do futuro possível, do mais imediato ao mais distante, em contraste, “empurram” em direção ao sentido do presente. É o presente que afeta o futuro por meio da construção pessoal semiótica. (VALSINER, 2012, p. 41).

Decerto as cenas evocadas pelos pesquisadores, em suas experiências do passado, dão sentido ao que é vivido no momento presente, haja vista que os acontecimentos estão situados em um contexto espaço-temporal, no qual Rossetti-Ferreira; Amorim e Silva (2004) afirmam que o tempo do acontecimento e o lugar concreto de sua realização são indissociáveis, uma vez

que, “no aqui-agora das situações, podem-se verificar evidências multitemporais, com a presença de uma história vivida, ou seja, de um passado que está ativo no presente” (p. 27), pois:

O tempo vivido, ou ontológico, refere-se a vozes evocadas de experiências vividas em nossas práticas discursivas. Elas são socialmente construídas durante os processos de socialização, sendo compartilhadas com parentes, amigos e colegas que passaram por experiências e contextos similares. (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004, p. 27).

Tal afirmação apontada pelas autoras se confirma nas experiências de vida entre as conversações de lembranças trazidas pelos pesquisadores em Rabinovich *et al.* (2013), tendo em vista que, num processo de construção do self dialógico, emergiram entre as cenas evocadas os sentimentos, as emoções e conteúdo, que denotam amor fraternal e romântico, comparações e fantasias infantis, memórias afetivas, diferenciação dos contatos, nível de interações e vinculações nas relações e na família extensa (materna e paterna), além de ações de solidariedade e multiplicidade de papéis (ou funções no subsistema individual) sociais, que se distinguem entre as narrativas ao longo da obra.

As lembranças revelaram percepções e fantasias do mundo infantil revisitado pelo eu-narrador no momento presente, dos quais destacam-se os seguintes grifos:

Do meu quarto, me lembro bem da cama ao lado da parede e de um criado mudo onde eu guardava escondida uma carta que um primo meu do Sul, havia me escrito. Eu não sabia ler, mas tinha fantasias amorosas com tal primo e a carta era um objeto intermediário para tais fantasias. (RABINOVICH, 2013, p.56).

[...] Meu brinquedo predileto era brincar de “Professora” nessas carteiras, reunindo as primas para o aprendizado. Resolvi certa feita, preparar a peça da Branca de Neve e os Sete Anões, tomei para mim o papel da Branca de Neve pelo tamanho da responsabilidade, e distribuí os primos e primas pelos demais personagens. (TÓRRES, 2013, p. 120).

De acordo com Groisman (2000), desde a infância são inseridas vozes de pessoas representativas do mundo familiar, que trazem a noção da cultura e dos valores das gerações anteriores, que influenciam o sujeito sem que ele perceba, em suas decisões e escolhas afetivas, sexuais e profissionais. No caso de Torres (2013), a convivência com a atividade profissional do pai e o acesso a uma escola próxima ao ambiente familiar, influenciou em sua escolha de tornar-se médica e professora.

Alguns trechos dessa obra, ilustram representações do modo de morar, das relações afetivas na família de origem e na extensa, que conotam diferenças da idade cronológica e,

consequentemente, distinções comportamentais entre os sujeitos frente às diferentes etapas do desenvolvimento humano:

[...] tinha uma sacadinha e de onde eu podia ver a casa de meus primos, na rua em frente chamada Vitorino Camilo. Aliás, meus outros tios, seus avós, eram vizinhos destes primos e, na esquina, morava a família de outro tio, numa casa enorme e muito linda [...]. (RABINOVICH, 2013, p. 56).

Moravam os meus avós maternos, [...] também a filha do casal (minha tia), [...] uma afilhada dos avós, [...] uma sobrinha solteira (minha prima segunda) [...] uma neta, Odete, quase da minha idade, filha do primogênito do casal. [...] meus pais receberam um terreno da chácara e passaram a lá residir, enquanto construíam a casa própria. Éramos inicialmente, oito, na família. (TÔRRES, 2013, p. 116).

Eu passava horas ouvindo histórias contadas por minha mãe, minha avó, minha tia Augusta e pelos meus primos mais velhos, que já estando no período da adolescência, contavam casos assustadores e histórias mirabolantes quando nos encontrávamos no sítio de tia Stella [...]. (ALMEIDA, 2013, p. 36).

Nesses trechos também são identificados aspectos que caracterizam transições nas relações, que são afetadas pelas mudanças de estágios do ciclo de vida familiar. Sobremaneira, na narrativa das lembranças de Tôrres (2013), onde aparecem no mesmo cenário, personagens entre os diferentes estágios do curso de vida e distintas posições entre os membros do sistema familiar.

As fases do ciclo vital aparecem caracterizando as relações nas famílias narradas, frente as lembranças dos pesquisadores ao ilustram episódios e momentos emocionais, vivenciados em cada etapa de modo diferenciado. Certas narrativas evidenciam concepções de pertencimento, diferenciações, proximidades e distanciamentos nas relações entre primos e na família extensa (materna e paterna) ao longo desses percursos, bem como tendência à repetição de padrões familiares e dificuldade de inclusão de novos membros, conforme ilustram os seguintes grifos:

Minha percepção de família era esta: tinha uma família grande com muitos tios, primos, tinha meus avós, porém nossa ligação era com a família materna. A paterna eu pouco via, e quando via era apenas os tios, quase nunca os primos. (SÁ, 2013, p. 145).

Nunca tive muita intimidade com a minha família paterna, apesar de esta ter um número bem maior de membros do que a materna, que só tinha uma tia e duas primas. [...]. Meu pai era noivo de uma prima carnal “ (um padrão que se repetia na família dele) ” [...] terminando o noivado para assumir a relação com minha mãe [...] mas que marcou a dificuldade de a inserirem na família. (NEVES, 2013, p. 135-136).

As autoras relatam proximidades e distanciamentos nas convivências com as famílias de origem materna e paterna, de modo diferenciado, sendo possível identificar dois princípios

importantes para análise e compreensão das relações na família, sob o ponto de vista da teoria sistêmica: o princípio de lealdade e o princípio de pertencimento.

Para Kron (2016), os conteúdos identificados como lealdades invisíveis tornam-se mais evidenciados “quando alguns membros da família não correspondem às expectativas de lealdades, e a família pode ficar contaminada por esse clima emocional, que sobrecarrega os relacionamentos e enfraquece os sentidos que as lealdades atribuem à própria vida.” (p. 18).

Exatamente como se nota na narrativa trazida por Neves (2016), já que o término do noivado quebrou o padrão esperado naquele sistema e a descrição dos comportamentos dos membros da família, neste caso, ratificam os pressupostos de lealdade e pertencimento, uma vez que “a lealdade marca o pertencimento a um grupo e aparece como uma característica grupal, sob forma de atitude individual” (FALCKE; WAGNER, 2014, p. 29), haja vista o grau de lealdade que, segundo as autoras, dependerá da posição de cada indivíduo dentro do sistema e o que se deve ao papel que lhe é delegado transgeracionalmente por sua família.

Já Hellinger e Rovel (2001) atribuem ao princípio da pertinência a um direito, uma ordem básica na família: “aqueles que pertencem a um sistema têm o direito de pertencer a esse sistema, e têm o mesmo direito que todos os outros.” (p. 78). Porém, como se observa na narrativa de Neves (2013), a inclusão de um novo membro no sistema familiar não foi facilmente incorporada pelos demais integrantes, o que confirma a presunção de que a percepção de pertencimento é também simbólica e subjetiva.

Nesse sentido, os sentimentos gerados para inclusão e possíveis rejeições ao novo membro, no caso em questão, podem estar atribuídos ao conjunto de crenças e valores naturalizados naquele sistema para manutenção do padrão de repetição destacado pela autora como o “noivado entre primos” naquela família. Por fim, a quebra desse padrão criou tensões e dificuldades na transposição das barreiras, na interface das relações e na demarcação das fronteiras, que define quem participa e como participar nesse sistema (MINUCHIN, 1982), o que pode ter influenciado as condutas e atitudes nessa família e na comunicação com outros subsistemas, para além do subsistema conjugal.

Portanto, a dificuldade de inclusão do novo membro no sistema familiar descrito por Neves (2013), encontra-se confluyente ao processo de vinculação exposto pela abordagem relacional (DONATTI, 2008) e defendida por Petrini e Dias (2015), porque “os vínculos de pertença, todavia, foram muitas vezes motivo de opressão e abusos nas relações familiares” (p. 19), já que:

Os vínculos familiares realizam uma relação na qual a pessoa entra com a totalidade de sua existência, de seu temperamento, de suas capacidades e seus limites, diferentemente do que acontece com quase todos os outros ambientes da vida, nos quais se estabelecem relações parciais, limitadas a capacidades específicas, correspondentes a funções determinadas. (PETRINI; DIAS, 2015, p. 19).

Essa compreensão trazida pelos autores e o evento descrito por Neves (2016) estariam, do ponto de vista de Pichon-Rivière (1982, p. 16), relacionadas ao vínculo estabelecido nas relações, como:

Um padrão, como uma relação particular com o objeto, que tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando um *pattern*, uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto.

Desse modo, as vinculações que se estabelecem na família e nas relações entre primos também obedecem aos sentidos das interações que se compartilham entre diferentes etapas do ciclo de vida. Portanto, as lembranças evidenciam diferentes dimensões de cuidado e afeto que caracterizam fraternidade, reciprocidade, solidariedade e extensão dos papéis sociais do parentesco, no comportamento familiar. Assim, eles se mantêm e são preservados como valor significativo na vinculação entre pessoas e entre famílias nesta sociedade, conforme ilustra a seguinte narrativa:

Morava conosco uma prima mais velha que minha irmã, que tinha ido para minha cidade estudar, pois lá tinha faculdade (filosofia). Isso era comum na minha família: os primos que moravam em cidades onde não se tinha chance de estudar e/ou os pais não tinham condições financeiras para financiar os estudos, eram acolhidos por tios (no caso da minha mãe, por primos) e ficavam na casa deles, sob sua proteção e responsabilidade até se formarem. Esta prima cuidava de mim e do meu irmão, como uma irmã mais velha, estando ligada à nossa família, sendo meu irmão padrinho do filho dela e um dos filhos dela padrinho dos nossos filhos. (SÁ, 2013, p. 148).

Denota-se nesse recorte, além da solidariedade familiar, as diferentes posições e papéis (MINUCHIN, 1982) que os primos ocupam nas relações sociais, bem como o nível de afetividade construído na teia relacional desta família, as quais atravessam distintas etapas do desenvolvimento humano no curso de vida familiar e se mantêm através do convívio intergeracional. A prima de primeiro grau ocupa também o papel/função de comadre do primo e seu filho na posição de primo de segundo grau, o de compadre de outra prima.

Nesse sentido, as interações e vinculações que se movem entre os membros neste sistema familiar, confirmam as afirmações identificadas em Felcke e Wagner (2014), onde as relações estabelecidas com a família na qual se nasce são as mais importantes da vida e vão representar a base do comportamento futuro. Também em Groisman (2000, p. 33), ao dizer que

“o hoje é o ontem com outro cenário, outra roupagem, outros personagens, só que a essência é a mesma”.

Portanto, o sentido de solidariedade evidenciado em Sá (2013) se encontra em confluência com os pressupostos trazidos por Rabinovich *et al.* (2016, p. 347) na obra sobre as vozes da casa da infância, ao ilustrar dentre outros aspectos que o:

[...] sentimento de solidariedade e compromisso que se estabelece entre os indivíduos, tanto no sentido horizontal – nas relações entre aqueles que se situam no mesmo plano da geração; como vertical – com relação às gerações que antecedem e as que sucederão. Na verticalidade, entendida pelo indivíduo, como a expectativa de adesão às regras do sistema familiar, são manifestadas em termos de confiabilidade, responsabilidade, compromisso, fidelidade e uma devoção inquebrável e podem ser estendidos a outros adultos que devotam à criança cuidado, atenção. Tal sentimento se expressa nos relatos sob forma de gratidão àqueles identificados como cuidadores na família extensa.

Assim, as autoras exemplificam aspectos importantes e valorados na construção relacional entre as famílias pesquisadas, destacando que as narrativas revelaram enredos tecidos a partir dos acontecimentos próprios ao tear de cada sistema familiar, que se situam em um contexto espaço-temporal. Haja vista que ao contar histórias “os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social.” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 98).

4. METODOLOGIA

4.1 Pressupostos e objetivos

Tendo em vista as alterações no tamanho e as implicações na rede de parentesco da família contemporânea, se presume que as relações entre primos são afetadas por outras relações na família e pela dinâmica da vida cotidiana nesta sociedade. Então, a partir desse

pressuposto, busca-se investigar essas relações através do **objetivo geral** de conhecer e descrever como membros (genitores e seus filhos) de duas gerações diferentes da família, compreendem através das suas experiências, as relações entre primos. E através dos **objetivos específicos**: a) levantar o que os primos entendem por família, quem faz parte e, o que contam sobre as interações na teia relacional da família; b) elencar os marcadores e as dimensões interacionais que as relações entre primos alcançam nas experiências relacionais na família; c) examinar se há diferenças na compreensão sobre as relações entre primos no passado e no tempo presente da família; d) identificar de que modo as relações entre primos se mantêm ao longo do tempo e como outras relações na família (nuclear e extensa) as influenciam; e) comparar as visões das diferentes gerações quanto ao vínculo entre primos e identificar possíveis mudanças.

4.2 Estratégia metodológica

O presente estudo trata de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e de estudo de casos múltiplos, com entrevista em profundidade. Conforme a análise da literatura sobre as possibilidades de coleta de dados e seu confronto com o problema e objetivos ora estabelecidos, escolheu-se como procedimentos para coleta e análise de dados a entrevista narrativa e a análise de conteúdo.

Utiliza-se o método estudo de caso para nortear esta pesquisa, pois o mesmo permite investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto de vida real. Para Minayo (2010) nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Seguindo a recomendação de Creswel (2010), entre as diversas possibilidades para coleta de dados na pesquisa qualitativa, se escolheu as narrativas como estratégia para ciência das compreensões, sentidos e significados que as relações entre primos têm para os participantes deste estudo, fundamentando-as sobretudo no aporte da epistemologia sistêmica, dando cientificidade aos dados encontrados entre as famílias contemporâneas.

Uma vez que a entrevista narrativa, pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno (PAIVA, 2008, p. 6) e como análise narrativa, esse tipo de estudo reúne eventos e acontecimentos e produz uma história explicativa, que de acordo com Pinnegar; Daynes (2007), citados por Paiva, (2008, p. 6) “a pesquisa narrativa usa as narrativas tanto como método, quanto como fenômeno do estudo”.

Para Creswell (2010), a pesquisa narrativa é uma estratégia qualitativa em que o pesquisador estuda a vida dos indivíduos que contam as suas histórias e emprega a re-historização das histórias dos participantes. Para tanto, são utilizados dispositivos estruturais como enredo, local, atividades, clímax e desfecho (CLANDININ; CONNELLY, 2000).

O método narrativo tem sido muito utilizado em razão do seu caráter inovador "por considerar como um de seus instrumentos de pesquisa a subjetividade individual, oferecendo a oportunidade de dar voz aos sujeitos que pouco eram ouvidos ou tinham um pequeno espaço para expor-se." (BOLDARINE, 2010, p.15). Por isso, se identifica como o mais apropriado, nesse caso, pois como já mencionado, os estudos envolvendo primos em ciências sociais na literatura brasileira ainda são incipientes.

A escolha pela análise de conteúdo é dada por propiciar a análise dos significados, a exemplo da análise temática, como também a análise dos significantes que seria a análise léxica e dos procedimentos. (BARDIN, 1991).

Portanto, a partir da compreensão de família numa perspectiva sistêmica, por sua dinamicidade e constantes processos de mudanças (MINUCHIN, 1982, 2007; VASCONCELLOS, 2007, 2012) ao longo do percurso histórico e social, como foi abordado na fundamentação teórica discutida nos capítulos anteriores, optou-se por entrevistar membros do sistema familiar em duas gerações diferentes, visando identificar, então, no processo transgeracional e no movimento transitório do ciclo vital da família (CERVENY, 2010, 2011, 2012), congruências possíveis nas relações entre primos e distintas percepções do sentido de "primandade" entre os participantes.

4.3 Participantes

O recorte na classe média deu-se meramente para atender a uma deferência aos dados demográficos, mas não tem intenção de estratificar a pesquisa, mesmo porque o conceito de classe média no Brasil tornou-se amplo, e vem sendo discutido sobretudo no campo das ciências sociais e econômicas. Então, a partir dos estudos sobre a "nova classe brasileira"¹ discutidos por Scalon; Salata (2012); Yaccoub (2011), entende-se que essa caracterização também está atrelada ao acesso e posse de bens de consumo. Nesse sentido, identifica-se a presença de famílias de classe média em bairros periféricos nesta cidade.

Conforme Yaccoub (2011, p. 203), a pesquisa intitulada “Nova classe média”, estudo realizado em 2008 pelo Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), apontou a quebra de paradigmas quanto às representações dos pobres no Brasil e suas relações com o consumo. Tendo em vista que essa camada social refere a 52,67% da população, o equivalente a quase 98 milhões de pessoas, sendo então considerada a classe que melhor reflete a realidade brasileira.

4.4 Procedimentos

As entrevistas foram realizadas entre dezembro 2018 e janeiro de 2019, e a coleta se deu em ambiente calmo e tranquilo, livre de ruídos e conforme marcação prévia. Oito entrevistas ocorreram nas residências dos participantes e duas em outros ambientes por eles indicados conforme suas possibilidades e melhor conveniência. Para tanto, se fez necessário flexibilizar o requisito de entrevista presencial pois, devido a dificuldade de acesso aos

¹* O estudo coordenado por Neri (2008) divide a sociedade brasileira em 5 classes (A, B, C, D e E), cujos limites são dados pela renda. Da “Classe E”, fazem parte aqueles com renda de até R\$ 768 (limite calculado tendo como base a linha de miséria 10); entre R\$ 768 e R\$ 1.064 (calculado com base na mediana da distribuição 11) estão aqueles que fazem parte da “Classe D”; a chamada nova classe média, “Camada C”, é composta pelos que têm renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 (nono decil da distribuição); por fim, fazem parte da elite nacional, “Classe A & B”, aqueles com renda de no mínimo R\$ 4.591. Como já dito, os limites definidores das classes são dados somente por valores de renda, tomando como referência algumas medidas como: mediana, decis, ou linha de miséria.

participantes, em razão do período da coleta de dados coincidir com a época de festas e férias, houve situações em que pelo menos um dos informantes da família encontrava-se em viagem.

Portanto, foram reavaliadas as indicações, admitindo-se que algumas entrevistas ocorressem mediante recurso tecnológico; sendo duas por chamadas de vídeo através dos aplicativos: Hangusts e WhatsApp, e duas por telefone, utilizando sempre o Samsung Galaxy J7, Prime 2. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes no tablet modelo GT-P7510, marca Samsung, transcorrendo até atingirem o ponto de saturação, mediante repetição do conteúdo, quando esse já tinha se esgotado. Posteriormente foram transcritas na íntegra para análise do conteúdo, por vislumbrar a interpretação de mensagens obscuras veladas no discurso. (MINAYO, 2008).

4.5 Os instrumentos

A partir da técnica de entrevista narrativa na coleta de dados, buscou-se no primeiro momento propiciar a interação entre participantes e pesquisador, para tanto se utilizou uma ficha de dados da família (Apêndice I) elaborada pela autora da pesquisa, que segue como roteiro de questões semiestruturadas para o levantamento de dados sociodemográficos, concepções de família e a caracterização das famílias de origem: materna e paterna, a fim de contabilizar os parentes colaterais como tios e primos.

No Quadro 1 foram elencados os dados referentes ao bairro, nome da família e do participante, idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação, renda familiar, se é membro da família por laço (consanguíneo ou adotivo) e qual a sua posição na geração nesse estudo (primeira ou segunda). No Quadro 2 Concepções de Família: *O que você compreende por família? E quem faz parte da sua família?* Já o Quadro 3, quantitativo de tios e primos em cada lado da parentela, onde se identifica entre as narrativas dados subliminares sobre a proximidade e distanciamento nessas relações.

O Quadro 4 contempla a estruturação das entrevistas narrativas a partir da questão disparadora: *O que é para você "ser" e "ter" primos, e o que tem a dizer sobre as relações entre primos em sua família?* Esta então é utilizada como veículo principal de coleta de dados,

tendo um temário de quatro questões que poderiam ser lançadas de forma auxiliar, caso se fizesse necessário para complementar algum dado, como também facilitar o discurso em momentos de apreensões ou dificuldade do que falar.

O temário foi composto pelas seguintes indagações: a) Que eventos ou lugares são marcadores das relações entre primos em sua família? b) Que aspectos considera como os mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos? c) O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos? d) O que mais gostaria de acrescentar sobre suas experiências com primos? Embora sem seguir uma ordem prefixada, mesmo porque algumas narrativas já ilustravam esses aspectos entre os relatos, assim como as questões correlacionadas, o problema e os objetivos da pesquisa tornam-se balizadores nas categorias de análise.

4.6 Procedimentos de análise de dados

Adotou-se como método para análise de dados a análise de conteúdo, que é uma importante ferramenta na condução da análise dos dados qualitativos, "valorizado enquanto meio e não confundido como finalidade em um trabalho científico." (CAMPOS, 2004). Então, se observou os aspectos mais importantes e recorrentes que emergiram nas narrativas dos participantes, uma vez que essas falas foram consideradas com objeto de interpretação.

Após as transcrições, foram realizadas as leituras flutuantes das entrevistas, em busca de compreender as construções de sentidos semióticos para os participantes. Construído então, um mapa analítico-compreensivo (MEIRELES, 2015), apreendendo a totalidade dos dados, delimitando as categorias de análise das unidades de sentidos nos principais fatos/eventos biográficos narrados, construindo-se o inventário sistemático das narrativas, ilustrando-os em alguns trechos em transcrição. Segundo Claudinin e Connelly (2011), traduzidos por Mariani e Mattos (2012, p. 663) "partindo da compreensão de experiências como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis", cujos resultados foram transcritos e tratados na discussão dos resultados e considerações finais.

4.7 Considerações éticas

Foram consideradas as normas e dispositivos legais de acordo com a Resolução nº 466 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que dispõe as regras sobre as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). No primeiro momento foi demonstrada a finalidade da pesquisa e quais os objetivos do estudo, além de ser apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice II), que foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa - (CPE) da Universidade Católica do Salvador (Anexo I). Todos os participantes tomaram ciência, dataram, assinaram e consentiram para que a entrevista fosse gravada. Vale ressaltar que no caso das entrevistas realizados por telefone e chamada de vídeo, só foi dada a continuidade após o retorno dos TCLE por meio físico e/ou digital.

Preserva-se a confidencialidade dos dados, tornando os nomes dos participantes e das famílias fictícios. Para tanto, se utilizou nomes de anjos e arcanjos para identificar os participantes, sendo-lhes explicado previamente sobre o caráter de confidencialidade. Então é solicitado a indicação de um nome de anjo ou arcanjo caso tivesse preferência, mas não era obrigatório e poderia deixar a critério da pesquisadora.

A escolha pela simbologia de anjo e arcanjos se dá pela representação das relações entre primos nas escrituras sagradas, pois segundo Lucas 1: 26-31, a virgem Maria ao visitar sua prima Isabel recebeu a mensagem do anjo Gabriel anunciando a sua gravidez.

Por reviverem momentos de lembranças, felizes ou mobilizadoras, os participantes poderiam apresentar labilidade emocional representando possível risco ou desconforto, mas seria minimizado com o acolhimento e encaminhamento para atendimento psicológico caso se fizesse necessário o atendimento psicoterapêutico, porém não houve necessidade.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de conhecer e descrever a realidade das relações entre primos na contemporaneidade elaborou-se quadros de questões com intuito de apreender das entrevistas narrativas tais dados, onde serão apresentados os resultados obtidos a partir das respostas dos dez participantes, aqui organizados em unidades de análises temáticas seguidas em tópicos sobre a contextualização e perfil dos participantes, suas concepções de família, "ser" e "ter" primos e suas expressões, discutidas nas descrições dos casos.

Após a seleção das famílias indicadas no rol social da pesquisadora, se obteve as seguintes correlações dentre as cinco famílias participantes: três pertencem a árvores genealógicas totalmente distintas, como as famílias 1, 2 e 3. Já as famílias 3, 4 e 5 têm vínculos de parentesco e apresentam variações nas relações entre primos em linha colateral de primeiro, segundo e terceiro grau e por afinidade (EVANGELISTA; MADEIRA; GUERRA, 2010; NEVES, 2015), onde se evidencia dupla posição na parentela por alguns membros, como por exemplo o participante **Miguel**, que exercer concomitantemente o lugar de primo e cônjuge, primo e tio, primo e sobrinho, primo e concunhado, pai e primo e sobrinho e genro em sua família.

Para tanto, partiu-se do contexto social das pessoas, uma vez que segundo Boldarine (2010), as condições de vida, trabalho, nível de rendimentos, escolarização e às comunidades as quais elas se integram, contextualizam suas histórias, haja vista que o contexto social tem uma influência decisiva na constituição de identidades e representações que o indivíduo vai construindo no decorrer de sua vida.

Contudo, se levou em consideração, entre os pressupostos encontrados em Georgas (2006) e citado por Rabinovich; Moreira e Franco (2012), que os estudos demográficos medem as dimensões estruturais da família ao identificar os parentes vivendo na mesma moradia, mas raramente investigam as relações de parentesco, já que a "maior parte dos estudos não consideram as variáveis psicológicas, tais como personalidade, valores, interação, comunicação, vínculos emocionais com parentes, estão relacionados a redes familiares." (GEORGAS, 2006, *apud* RABINOVICH; MOREIRA; FRANCO, 2012, p. 140).

Destarte, buscou-se também levantar neste estudo algumas características além das condições sociodemográficas, assim como as que envolvem laços afetivos. Onde se certificou que esta população é homogênea em relação a tipificação do laço de consanguinidade, porque todos os participantes estão ligados às suas respectivas famílias através do viés consanguíneo. Embora não havendo relatos de adoções de outras raízes genealógica, se identificou adoção dentro da mesma família raiz, como no caso de **Miguel**, que foi adotado pela tia - irmã da mãe.

Outros aspectos estão relacionados com as relações de afetividade na parentela, levantados também a partir da posição do participante na fratria, o número tios, primos, irmãos, onde obteve-se dessas famílias os resultados a seguir.

Os entrevistados:

Quadro 1 – Características sociodemográfica e perfil dos participantes: O tear das relações entre primos na contemporaneidade.

Salvador – BA, 2019

Família	Participante	Idade	Sexo	Bairro que reside	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Ocupação	Renda	Posição	
										Geração estudo	Fratrria
1	Micaela	54	F	Graça	Casada	Superior com especialização	Dentista	Autônoma	10 a 15	Primeira	8
	Gabriela	24	F	Graça	Solteira	Superior completo	Advogada	Empregada	10 a 15	Segunda	2
2	Mirela	62	F	Pituaçu	Casada	Superior incompleto	Empresária	Empresária	5 a 10	Primeira	3
	Rafaela	35	F	Jardim de Alah	Casada	Mestrado	Fisioterapeuta	Professora	10 a 15	Segunda	3
3	Miguel	75	M	Ondina	Casado	Superior completo	Adm. Empresas	Empresário	15 a 20	Primeira	1
	Uriel	19	M	Ondina	Solteiro	Superior em andamento	Estudante de Física	Estudante	Não sabia	Segunda	2
4	Franciele	69	F	Plataforma	Viúva	Fundamental incompleto	Dona de Casa	Aposentada	Até 5	Primeira	8
	Jael	42	M	Itapuã	Casado	Médio e técnico profissional	Eletrotécnico	Empregado	Até 5	Segunda	3
5	Michel	48	M	Brotas	Casado	Doutorado em andamento	Historiador	Professor	10 a 15	Primeira	2
	Ariel	28	F	Massaranduba	Casada	Superior em andamento	Téc. de Enfermagem	Estudante	Até 5	Segunda	1

O *Quadro 1* demonstra que a população estudada é heterogênea em relação à idade, local de moradia, sexo, estado civil, escolaridade, renda familiar, profissão, ocupação, posição na geração estudo e na fratria. Das dez pessoas entrevistadas, sete são casadas, duas são solteiras e uma é viúva, cuja faixa etária é de 19 anos a 75 anos.

As variáveis, escolaridade e renda familiar, revelam a diversidade da realidade sociocultural e econômica das famílias perscrutadas. No quesito escolaridade, esta população encontra-se distribuída em quantidade de pessoa por tipo de instrução, seguindo a seguinte disposição: uma pessoa possui ensino fundamental incompleto, uma tem ensino médio completo e formação técnica profissionalizante. Quanto ao ensino superior, duas pessoas têm o superior completo, duas estão com a formação em andamento, uma tem a formação incompleta, uma tem o nível superior completo e especialização, duas possuem mestrado e uma cursa o doutorado.

O item renda familiar demonstra que a população deste estudo se encontra distribuída entre distintas faixas salariais. Tendo como referência o salário mínimo vigente de R\$ 998,00 (novecentos e noventa e oito reais), foram identificados os seguintes resultados: três pessoas ganham até cinco salários mínimos, uma tem renda variando entre cinco a dez salários, quatro entre dez a quinze salários, uma pessoa possui remuneração oscilando entre quinze a vinte salários, uma não soube informar e ninguém declarou renda superior a vinte salários mínimos.

Quadro 2 – Dados de caracterização da extensão das famílias e da parentela maternas e paternas: O tear das relações entre primos na contemporaneidade. Salvador – BA, 2019

Famílias	Quantitativo de Tios			Quantitativo de Primos			Nº de irmão	
	Materna	Paterna	Total	Materna	Paterna	Tota		
1	Micaela	12	3	15	45	12	57	8
	Gabriela	8	8	16	14	15	29	2
2	Mirela	2	12	14	47	12	59	9
	Rafaela	6	5	9	13	17	30	2
3	Miguel	17	15	32	127	15	147	6
	Uriel	12	2	14	7	6	13	6
4	Franciele	14	17	31	140*	170*	310	11
	Jael	9	12	21	61	62	123	4
5	Michel	12	Desconhece	12	65	Desconhece	65	1
	Ariel	4	1	5	6	2	8	1

OBS: *Média de 10 filhos por tios

Este quadro retrata o movimento decrescente da parentela nesta população e evidencia que nas três últimas gerações tem diminuído o número dos parentes colaterais em cada sistema familiar, o que corrobora com os pressupostos dos estudos sobre os dados demográficos na família brasileira, uma vez que a quantificação do número de parentes colaterais informados pelos participantes demonstra objetivamente o processo de encurtamento das famílias contemporâneas a cada geração, confirma a postulação de Guerra; Wajzman; Turra (2016), de que a estrutura de parentesco caminha para a verticalização da família, devido à redução do número de parentes colaterais.

Assim, após a realização e transcrição das entrevistas, foram identificados três núcleos temáticos: concepção de família, o sentido de "SER" e "TER" primos e família frente a mudanças. Observadas nas categorias de análise que a história de vida e os contextos nos quais são utilizados pelo participante para "(fazer a história de sua vida, reapropriar-se de sua história) levam a crer que as coisas estão "por trás de si", que os acontecimentos passados têm uma forma e um sentido em si mesmo" (DELORY-MONBERGER, 2014, p. 93), o que leva a individualização das percepções encontradas.

Tendo em vista que "a relação indivíduo – família não pode ser pensada da mesma forma em todo lugar, pois a própria noção de família varia conforme a categoria social com qual estamos lidando" (FONSECA, 2005, p. 52), se conduz à ampliação do olhar sobre as diversas possibilidades e apreensões de família encontradas na sociedade contemporânea, aqui representadas pelos sistemas familiares perscrutados. Paralelamente, se aponta também no levantamento e análise dos casos, como os referenciais teóricos que estruturaram esse estudo foram identificados entre os relatos nas relações familiares, bem como apresentam-se na forma de sentidos e significados e como são utilizados os instrumentos semióticos como a linguagem, signos, etc. (SILVA, 2012) entre as narrativas dessas famílias, uma vez que se propõe muito:

Mais que descrever, ou ler os dados de uma pesquisa de forma objetiva e fidedigna, num desvendamento de seus resultados como sendo o reflexo da natureza, buscamos a produção de sentido que envolve, no nosso entender, uma reconstrução de significados, uma vez que o mundo humano é um mundo de significados construídos pela pessoa nos seus múltiplos contextos de pertencimento, nas diferentes comunidades linguísticas que organizam e dão sentido à experiência. (MACEDO; KUBLIKOWSKY; GRANDESSO 2018, p. 4).

Nesse sentido, conforme apontou a revisão de literatura, que a concepção de família é muito particularizada entre as ciências e entre estudos acadêmicos, por envolver aspectos multifatoriais e intersubjetivo entre os sujeitos e os objetos de estudo, toma-se a afirmação de

Flexor (2015) que, conceituar família é uma tarefa difícil devido à sua mudança na linha do tempo, em razão das características sociais, econômicas, culturais, educacionais e legais, mantendo-as incompletas e ultrapassadas. Pensamento também congruente às postulações de Valsiner (2012); Minuchin (1982), já discutidas na fundamentação desse estudo e confluentes às percepções dos participantes, exemplificados nos relatos a seguir.

5.1 Apresentação e descrição dos casos

As famílias tornam-se o universo propício da pesquisa narrativa já que as histórias que contam sobre a própria vida estão, segundo Dolory-Momberger (2014, p. 36), sob as condições sócio-histórica da época e da cultura (das culturas) às quais pertencem. “Há uma história (uma historicidade) do “narrar a vida”, como há uma história (uma historicidade) do “indivíduo”, da “consciência de si”, do sujeito”.

Portanto, “cabe ao narrador o trabalho de recolher as peças guardadas, adequadas e disponíveis do seu acervo de experiências e montá-las, formando um painel com mosaicos resgatados” (OLIVEIRA, 2001, p. 19), e ao pesquisador, a sensibilidade de extrair o que elas contaram sobre si mesmo, a incumbência de transcrever com fidedignidade suas especificidades e contextualizar aos referências teóricos abordados na fundamentação deste estudo.

5.1.1 Caso 1 - A conjugalidade entre primos e as lembranças das férias

Os participantes desse sistema familiar formam a díade mãe/filha. **Micaela** tem 54 anos, é odontóloga, profissional liberal, ocupa a oitava posição na fratria de uma família de nove filhos, é casada com um primo carnal (primeiro grau), mãe de dois filhos, representa a primeira geração nesse estudo. **Gabriela**, 24 anos, solteira, advogada, é a caçula de uma família de dois filhos, reside com os pais e participa neste estudo na condição de segunda geração.

Identificou-se, neste caso, o duplo vínculo de parentesco entre as participantes, pois a díade mãe/filha também descende, na relação de parentesco, em linha colateral como primas de segundo grau. O fato de **Micaela** ter casado com primo de primeiro grau, confere à sua filha, ser também sua prima. Desse modo, elas interagem com um número significativo de parentes colaterais, muito embora a primeira geração tenha 57 primos e a segunda 29, ambas apontaram que essas relações são significativas para elas e também por serem de uma família grande e unida. Contudo, elencaram mudanças nessas relações ao longo do percurso de vida e ciclo vital familiar, compreendendo como um processo natural em razão das responsabilidades com os estudos, trabalho e devido a mudanças de cidade.

O que é família, e quem faz parte da sua família

Para a primeira geração família é:

O primeiro mundo da gente, onde se experimenta todos os tipos de relações, convive e aprende a conviver com outras pessoas que não são da família. Acho que é todo um aprendizado, um estágio para que gente se lance para fora dela, e consiga viver.

Quanto a quem faz parte da família, aqui eu tenho um núcleo pequeno, que eu digo que é a família, que é meu marido, meus filhos e vão chegando os agregados que são genro e nora. Depois, fora desse círculo menor, a gente tem toda gama que eu digo que são os primos, tios, as irmãs, os irmãos.

Na visão da segunda geração, a família:

É a base de tudo, a relação mais importante, é a nossa primeira relação, é uma relação muito forte e permanente. A gente não escolhe ter, mas a gente escolhe cuidar, preservar, de forma que ela mantenha sempre a sua importância, sua proximidade e para mim é a base, é o apoio emocional de tudo mesmo, independentemente de qualquer problema, desentendimentos, desafetos, a gente sempre se resolve, sempre está junto e tudo. Não só a família nuclear de casa, mas toda essa extensão que por sorte a gente tem. Minha mãe costuma brincar que família é problema, a nossa é grande, então seria um problema maior ainda. Mas é só brincadeira, porque no fundo, no fim das contas, a gente reconhece essa importância.

E quem faz parte do núcleo são meus pais e meu irmão, mas fora do núcleo da casa, todos os tios, avós, primos consanguíneos ou não, porque tem os que se juntaram também a nós.

Nesses primos eu coloco não só o de primeiro grau, mas os de segundo e terceiro grau que se juntaram, apesar de tecnicamente não serem primos, mas eu considero também. Tecnicamente no Direito não são, mas afetivamente falando sim, são todos que estão juntos ali. Para gente é filho de primos, então é primo também, para mim é tudo primo, é tudo família. Não sei qual é a classificação adequada que devo dá para essas pessoas, se são famílias ou não, mas para mim é tudo família.

O significado de "ser" e "ter" primos e suas relações na família

Na percepção da primeira geração:

A gente sempre teve muitos primos! Muito! A gente se dividia e se identificava com primos que tinham o mesmo núcleo familiar, ou bem parecido com o nosso, e daí as relações ficavam muito próximos em detrimento disso. A gente tinha primos que eram de família mais abastadas, então a gente tinha um certo distanciamento por conta disso. E a gente tinha identificação maior com aqueles que tinham os mesmos problemas, as mesmas dificuldades que a gente, aí se entrosava muito mais, e acabava que aquela casa de primos era uma extensão da nossa.

Ser prima é mais leve que ser irmã, porque não há cobranças de resultados, não há comparações; nada que nos force ao convívio, além do querer, de ter afinidade.

Para segunda geração:

Para mim é uma bênção ter uma família muito grande do jeito que a gente tem, com tantos primos e de todas as idades, de todos os jeitos. É uma convivência muito bacana, gosto muito, sou muito agradecida por ter os primos que tenho.

É um papel muito importante na minha vida eu ser prima, são relações da quais eu gosto, então eu cuido desse "meu ser prima" para que se mantenha.

Eventos ou lugares que são marcadores das relações entre primos na família

Para a primeira geração o sítio em que morava, a casa de outros tios e as festas de aniversários são os principais marcadores, mas também retrata demarcações e limites para que essas relações se desenvolvessem.

Sempre as férias, quando a gente era criança lá em casa podia ser o ponto de acolhimento, todos os primos que quisesse podia ir lá para casa. A gente é que estava mais vetado para ir para essas férias nos outros lugares, nos outros sítios, nas casas dos outros tios. Tinha primos que queriam ficar lá em casa porque já eram comparsas.

Por sermos de uma ninhada de nove irmãos, meu pai sempre achava que as brincadeiras podiam se realizar ali mesmo entre nós, não havendo necessidade de irmos aos encontros de férias com outros primos (talvez receio de encrencas, acidentes, etc.). Tinham outros primos mais distantes que moravam no Rio de Janeiro e Londrina e iam para lá, e era sempre motivo de alegria de ficarmos juntos.

Crescemos, as brincadeiras mudaram e agora já podíamos convencer o pai de que queríamos estar com os primos na cidade, nas festas de exposição agropecuária e carnaval, amparados nas casas das tias, íamos (os três mais novos) para essa farra. Na adolescência que pintou o carnaval no interior do Ceará, depois vínhamos para o carnaval em Salvador, quando estávamos na

faculdade é que o carnaval mudou para Bahia, reunimos 30 primos no carnaval aqui.

A segunda geração apresenta circunstâncias, ambientes e contextos diferenciados entre culturas relacionais diferentemente da geração anterior.

Antigamente a gente tinha a casa de praia em Itacimirim/BA, era onde passávamos as férias, isso por parte de pai. E por parte de mãe, a casa da minha avó que morava no Ceará, num sítio onde a gente passava a outra parte das nossas férias com os primos por parte de mãe. Então, são dois locais e dois períodos que marcam muito a nossa relação com primos.

Como a casa de Itacimirim não existe mais, e também porque minha avó já faleceu, depois disso são todos os eventos familiares, que é onde os primos se encontram. E são todos, e são muitos, porque são muitas pessoas, têm os aniversários, os Natais, as rezas, porque todos se encontram, e têm os encontros dos aniversários. Minha mãe sempre foi de fazer festa, teve um buffet infantil, ela sempre fazia festa quando tinha certa condição financeira, e por qualquer motivo, e a família estava sempre envolvida.*

Por parte de mãe, aqui em Salvador só tenho duas primas de primeiro grau, e seus filhos. O restante dos primos estão espalhados pelo nordeste, embora a relação de base, de carinho seja iguais. Quando penso em primos fico pensando nos primos de Salvador (família paterna principalmente), mas na família materna também existem essas relações de primos. Mas por estarem espalhadas pelo nordeste, geralmente acontece nessas reuniões esporádicas dos aniversários, e aí vai todo mundo para o evento, justamente para a gente se encontrar.

Na família materna os primos só se encontram quando viajam; houve uma época que as condições financeiras permitiam mais esses encontros, era um primo que vinha passar férias aqui, enfim. Mas hoje em dia as viagens estão por conta dos aniversários, ou na exposição lá na cidade do Crato/CE, que é a cidade dos meus avós maternos, isso acontece em julho. E como ainda existe a casa dos meus avós lá, e tem três tios que ainda moram lá, o pessoal costuma viajar muito, mas desde que entrei na faculdade nunca mais consegui participar por causa das greves, justamente porque não coincidem com as férias. Mas é um evento marcante de encontro dos primos.

Aspectos considerados como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos

Para primeira geração:

A gente se diverte muito, faz festas, faz um jornalzinho da festa, a resenha dessa festa dura dias. A gente brinca, às vezes alguém pega pesado, depois faz as pazes. É o espaço que você tem para chegar no outro, tem aqueles primos que você tem mais facilidade.

Menos prazeroso não tem, nunca pensei nisso. O que pesa é que às vezes têm coisas que estão dentro da casa da gente e que não tem como separar.

* No caso dos aniversários que reúnem muita gente da família extensa, transforma-se em encontro de família.

Tem aquele primo bobo que tem condições financeiras melhor, e na infância se dizia o melhor porque "sou filho de fulano", porque o pai dele era médico e tinha mais condições que os outros. Chamo ele de Cazuza (o exagerado), é todo exagerado até hoje. Agora mesmo ele fez uma festa e ninguém queria ir. Eu que animei o pessoal para ir para gente se encontrar, porque chegando lá é uma festa dentro da festa. Tem primos que você gosta que não tem muita intimidade, mas você aproveita esses momentos nas festas na família para se aproximar mais.

E para a segunda geração o:

Mais prazeroso eu acho que é dividir questões familiares com pessoas que são de uma geração igual a sua, de uma idade mais próxima da sua, de vivências mais próximas da sua. A gente tem uma visão diferente da visão dos nossos tios, dos pais, dos avós. É claro que cada um tem sua individualidade, cada um é de um jeito com sua personalidade, mas a gente tem em comum essa vivência, essa visão de uma geração. Isso para mim é o mais bacana, é a gente lidar como os assuntos da família em conjunto de uma forma mais nossa, dos primos.

Menos prazerosos na família toda, mas principalmente com os primos que é com quem a gente tem essa relação mais próxima por idade, é de você ter de aceitar o outro, ter tolerância com o outro. No final das contas é uma coisa boa, é algo que você aprende, que você cresce, mas no processo isso traz algumas complicações, algum desgosto.

O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos.

A percepção da primeira geração é que:

Como meu pai achava que não precisávamos sair de casa porque aqui mesmo tinha gente suficiente para se resolver, a gente só foi ter esse convívio maior quando a gente era adolescente. Na infância a gente tinha mais proximidade com o núcleo de uma tia que tinha a mesma quantidade de filhos que minha mãe, um clã muito parecido com o nosso, aí a gente interagia mais, depois ela virou minha sogra. Eu vim para cá estudar, aí a gente casou e eu convivi mais com essa tia do que com minha mãe, ela me ajudava a cuidar dos meus filhos.

Tenho os primos por parte do meu pai, mas essa família era bem pequena (ele teve dois irmãos), um era padre, encontrávamos nele a doçura que meu pai não tinha, o outro foi morar em São Paulo.

O contato com esses primos de São Paulo se perdeu. Meu tio padre tentou fazer esse meio de campo com esses primos para a gente conversar, trocar cartas, ele morreu quando eu tinha 15 anos, foi a minha primeira grande perda. Eu troquei carta com uma prima que tinha mais ou menos a mesma idade, mas ficou no distanciamento, principalmente depois que meu pai morreu e esse tio de São Paulo também.

Antigamente se tinha um apelo muito maior para gente se unir do que hoje, não sei! Você hoje está com todo mundo aqui perto no seu celular, mas não tem aquele movimento do contato físico, de sair junto, de ficar, de brincar, acho que essa interação do contato hoje é menor. A interação hoje a maior parte é aqui no celular, no WhatsApp e pronto. Agora mesmo com essa coisa

de política por causa da eleição, eu saí de todos os grupos, era muita confusão.

Para a segunda geração:

Sempre houve uma relação muito forte da família como todo, da gente se reunir independente de ser com primos ou como todo mundo; da importância de se unir, independente de qualquer coisa e dos obstáculos.

Essas relações sempre foram muito importante para todo mundo, existem períodos diferentes em que você está mais próximo e outros mais afastados durante toda essa relação, do nascimento até agora. Existem períodos mais próximos que outros de acordo com a vida de cada um, se você está mais atarefado.

Quando se é criança você tem as férias, você passa as férias toda com seus primos, brinca. Hoje em dias os primos são maiores, tem primos de todas as idades, e de acordo com a vida de cada um a gente mantém essa relação. Têm primos casados com filho, outros trabalhando iniciando a carreira, outros estudando, estão na faculdade ou fazendo vestibular, cada um com sua vida, mas a gente vai se afastando e aí volta; mas a gente sempre mantém essa relação.

As relações entre primos afetam e são afetadas por nossa vida particular ao mesmo tempo, porque tanto a nossa vida particular tem influência na nossa relação com os primos, como o contrário. Porque a nossa vida pessoal também atrapalha as relações e influencia a nossa vida.

As redes sociais às vezes afeta as relações, às vezes para melhor, porque aproxima, e às vezes para pior porque a gente deixa de marcar um encontro. Eu acho que a nossa família tem essa importância que ela dá a relação, e a fé de meus avós, é algo que foi passado para gente, porque a gente se reunir em torno disso também para as rezas.

Micaela, é sobretudo a pessoa que busca a todo instante manter a chama acesa das relações na família, fazendo a articulação com toda a parentela.

Éramos poucas primas da mesma faixa etária, facilmente me sobressaia e fazia escolas as mais novas. Sempre senti essa aceitação e admiração por parte dos primos e estava sempre interagindo no movimento, quase uma líder. Hoje, ainda luto pelos encontros, pelas festas, pela folia que eles trazem. Sempre que há alguma comemoração em família, lanço a convocação para o grande encontro, e ele passa a ser o foco central da festa, que o aniversariante não saiba disso...(risos).

Quanto a interface da conjugalidade nas relações entre primos, que se manifestam nesse sistema familiar, **Micaela** pontua que as questões que afetam os seus primos também lhes afeta, diferentemente do que acontece na percepção das novas gerações, pois observa em seus filhos que eles não lidam da mesma forma diante dessas ocorrências.

As relações entre primos nessa família se apresentam de forma harmoniosa conforme relataram as participantes. Há uma equidade nas percepções de importância que os primos ocupam e no sentido de viver e compartilhar a vida em família entre as gerações. Apesar das diferenças naturais ligadas aos valores, ao tempo histórico, às configurações dos arranjos familiares, na forma de ligação e criação de elos que cada participante construiu ao longo das fases da vida, e em cada lado da parentela, ambas retratam particularidades e idiossincrasias, mas também convergências em suas percepções de importância e afetividade relacional de forma peculiar.

A tônica da conjugalidade entre primos configura a formação deste sistema familiar, contribuindo para que as relações na família extensa estejam sempre em pauta e influenciando as relações parentais. Assim, **Gabriela** pode interagir de forma mais isonômica com a parentela materna e paterna. No entanto, ainda que o sistema conjugal favoreça maior interação nas relações entre primos nessa família, as participantes relatam que há diferenças na forma como as gerações percebem esses relacionamentos. **Micaela**, a representante da primeira geração, enfatiza que a nova geração quase não se envolve nos problemas de família entre os dois lados da parentela, diferentemente da sua geração que é mais participativa e acolhedora com os problemas e preocupações como um todo, entre sistemas e subsistemas.

Embora a conjugalidade entre primos, nessa família, seja vista entre os membros como um aspecto positivo, porque aproxima as pessoas e favorece as relações na família nuclear e extensa, as fronteiras neste caso se mostram nítidas (MINUCHIN, 1982). Porém, essa aproximação mais constante com as famílias de origem, em alguns momentos, chega a causar tensões entre papéis sociais que um determinado membro ocupa no sistema e/ou subsistemas familiar, interferindo de alguma forma nos relacionamentos com a parentela, porque as questões emocionais, nos momentos conflitivos nas relações fraternas ou da primandade, terminam envolvendo o cônjuge ou irmão. Como exemplifica o relato de **Gabriela**.

*Eu tenho um primo com quem me desentendi no ano retrasado, e até hoje eu estou naquele processo de deixar para lá, de reconstruir, mas assim, **não existe muito espaço para deixar dá um tempo, porque ele é da família, ele está aqui em casa o tempo todo, entende? Então nisso a gente perde um pouco a escolha de manter a relação ou não, mas no fundo a gente quer manter.***

Esse relato ilustra o rompimento na relação entre primos a partir de uma situação conflituosa, contudo, não gerou o afastamento familiar, pois independentemente da sua

vontade, esse primo continuou frequentando a casa e mantendo interações com os outros membros do sistema.

Conforme Sá (2015), às interações entre irmãos formam a complexa rede de relações familiares e tanto influenciam como são influenciadas por outras interações como a de pais-pais e filhos-pais. Portanto, se confirma tal postulação quando as duas gerações descrevem os marcadores das relações entre primos em diferentes tempos e contextos, compatíveis com as experiências e momentos específicos de cada um e envolve particularidades dos núcleos, subsistemas e cultura familiar e se alterna ao longo das transformações socioeconômica, estrutural e conjugal, como também entre os diversos percursos e estágios do ciclo vital da família (CERVENY, 2012).

Galano (2012), explica que a vivência do tempo atravessa nossa humanidade propondo várias significações, cuja organização é uma categoria que nos comanda e que compartilhamos com os outros, de modo que "realizamos nosso viver em sociedade, em nosso momento histórico, junto à família e aos amigos. Eles nos organizam o tempo quando somos crianças, e nós, mediante nosso viver, continuamos a organizar o tempo dos outros." (GALANO, 2012, p. 118-119).

Nota-se entre as narrativas de **Micaela**, comparações e distinções nas relações afetivas entre primos, influenciadas pelas relações fraternas que se estendem desde as gerações que lhes antecedem, afetando a forma e o nível de envolvimento e interações na parentela materna e paterna, diferenciando-as. Conforme relatou, é possível inferir que nem mesmo o número comum de filhos (nove), entre dois núcleos genitores da família paterna, propiciou interações e a manutenção das relações e vínculos afetivos na primandade nesta parte da parentela, certamente devido ao distanciamento do seu pai com os irmãos, não somente pela distância geográfica, mas também relacional.

Diferentemente, do que acontece do lado da família materna, onde a participante destaca, especificamente entre dois núcleos genitores semelhantes, alguns fatores como facilitadores das relações entre primos, dentre eles a proximidade relacional dos núcleos, pela quantidade comum de filhos, a idade aproximada e correlata nas duas fratrias, o estilo de criação bem parecidos, o nível econômico e valores morais convergentes.

Esses aspectos também foram ressaltados por **Rafaela**, portanto se deduz que eles favorecem a percepção do sentimento de "Primandade" nesse sistema familiar, visto que

emergiu naturalmente entre as narrativas das duas gerações participantes, a compreensão subjetiva equivalente à irmandade. Cujo sentido foi descrito pela primeira geração como:

Com alguns primos me sinto quase irmã, é benquerer que se tem de graça, sem que tenhamos de dividir o mesmo teto. Com os filhos dessa tia que tinha o mesmo clã que a gente, era assim, meus primos referência. A gente tem uma relação tão próxima que acaba que alguns primos são quase irmãos, o que você vivencia na sua casa, você vivencia em dobro, você vai se importar com o primo, vai sofrer com ele.

Já a representante da segunda geração tem e vive a relação de primandade consequente da conjugalidade de seus pais.

A gente tem sempre primos mais significativos, tem sempre aquele que a gente se aproxima mais, gosta mais. O meu primeiro primo e o mais importante é o meu irmão.

Se observa também, nesse sistema familiar, a preocupação em manter o legado transgeracional da cultural, de união e fé, elementos simbólicos e essenciais que os fazem manterem-se unidos, consagrando os ritos religiosos aprendidos com os seus ancestrais.

É notória a percepção de cuidado e dedicação por parte das participantes em manter os laços relacionais e a teia da família extensa, que é tecida em diferentes contextos e em cada canto do país. Embora essa família ainda não tenha sistematizado os eventos denominados de encontro ou festa de família (FRANÇA, 2009; WEDIC; MENASCHE, 2013), que têm a função de integrar a família extensa e as gerações, os grandes eventos, como as festas na família para celebrar os aniversários (50 anos, 70 anos e o centenário do avô materno) e as exposições na cidade do Crato/CE, têm ocupado essa função de unir a extensa parentela, propiciando momentos de confraternizações, como **Micaela** destacou: "*a gente faz a festa dentro da festa*".

Desse modo, esses eventos esporádicos têm facilitado a manutenção das relações, os contatos e vínculos entre os primos, em diferentes graus de parentesco, fortalecendo-os para que não se percam na dinâmica da vida cotidiana e caiam no distanciamento, assim como aconteceu na parentela do lado paterno, onde os vínculos se esvaíram pois, conforme o relato de **Micaela**, essas relações se perderam, não havendo qualquer tipo de vínculo ou comunicação com uma parte dos primos na família paterna, com exceção da tia de criação e seus três filhos, que residem no Ceará.

Outro marcador importante de integração e interações entre primos nesse sistema, são as férias, que sempre propiciavam as vivências, a formação da identidade familiar, compartilhamento de histórias de vida repletas de aventuras e momentos memoráveis, evocando boas recordações para as participantes desse estudo.

5.1.2 Caso 2 - Diferenças socioeconômica e a rede de solidariedade

Participam deste estudo outra díade mãe/filha, ambas residentes em diferentes bairros desta cidade. A primeira geração é representada por **Mirela** que tem 62 anos, é casada, empresária, mãe de três filhos e ocupa a terceira posição na fratria de sete filhos, embora tenha mais três irmãos de outro relacionamento do seu genitor paterno.

A segunda geração é representada por **Rafaela**, 35 anos, casada, não tem filhos, é a caçula de uma família de três filhos. Fisioterapeuta e professora universitária, que no momento encontra-se em transição de carreira e de mudança para outro estado, pois o esposo foi transferido (à trabalho) para o sul do país.

Mirela tem 59 primos, enquanto Rafaela tem 30, mas ambas relatam relações bem estreitas e diversificadas com seus primos, onde aparecem aspectos distintos dessas relações entre convergências e divergências de valores morais e diferenças no nível socioeconômico. No entanto, contam com uma intensa rede de solidariedade e ajuda mútua na família, desde a infância até os dias atuais.

O que é família, e quem faz parte da sua família

Para a primeira geração a família representa:

Tudo, esteio, alicerce, base, ponto de partida de qualquer cidadão. Sem família a pessoa não é nada.

E é representada por:

Pais, filhos, irmãos, cônjuge. Os primos são família, mas já são mais afastados um pouco, falo família aqueles que a gente mata e morre.

Já a segunda geração dá outra conotação ao sentido de família e seus integrantes:

Conjunto de pessoas que pode ou não ter relação consanguínea, cuidado mútuo, amorosidade, porto seguro, pessoas que se possa contar.

Tem tanta gente que faz parte! Família nuclear os pais e irmãos, e na extensa; o esposo, cunhados, sobrinhos, primos, avós, até os primos de segundo grau. Tenho primos de segundo que considero próximos.

No que tange à compreensão sobre os integrantes da família, a primeira geração é bastante enfática em sua seleção, elegendo apenas alguns parentes. Diferentemente da segunda geração, que tem uma compreensão mais abrangente dessas relações e envolve inclusive os parentes por afinidade.

O significado de "ser" e "ter" primos e suas relações na família

Para primeira geração essas posições têm o seguinte significado:

É uma coisa muito boa ter relação de primos, é tão bom quanto ser prima. Nós, os primos sempre fomos muito próximos, isso dos dois lados da família; meu pai tinha 12 irmãos e a maioria morava na mesma cidade, e aqueles que não moravam, quando chegava era uma festa. A gente tem alguns com relacionamento mais próximos, até porque morávamos em ruas próximas também, e têm aqueles que não temos tanta relação porque casaram foram morar fora, mas uma vez por ano a gente se encontra e aí parece que se viu ontem.

Eram relações muito boas, no final do ano recebíamos as malas de roupas seminovas, e a gente trocava muito; a roupa de fulano cabe em beltrano. Nunca nos sentíamos menos porque aquele primo tinha mais condições que nós, e nem aquele que tinha mais condição se sentia melhor por isso. Éramos todos iguais ali, minha mãe ajudava também aquela família que não podia, e assim a gente cresceu nesse espírito de ajuda mútua.

Ser prima também é muito bom. É muito bom estar com os primos, mas como não temos mais uma aproximação maior, a não ser no encontro anual que reúnem todo mundo lá no interior.

A segunda geração traz concepções diferenciadas por sentidos e afetos:

Tenho uma prima que considero prima irmã. Ela sempre esteve presente em todas as fases da minha vida.

Amo ter primo! Estar com os primos era fazer coisa que não poderia fazer com os meus irmãos. Viajei para Disney o que meus irmãos não tiveram a mesma oportunidade. Alguns são mais próximos e outros mais distantes.

Sempre fui muito próxima dos meus primos. Tenho uma prima que foi minha irmã de peito, a diferença de idade entre nós é de meses, a mãe dela e a minha mãe trabalhavam, aí quem chegasse primeiro ou saísse mais tarde, amamentava a gente. Éramos muito próximas, e apesar de ela ter ido morar em São Paulo, a gente sempre mantinha o contato através de cartas. Mas aí na fase adulta a gente acabou se afastando, mais porque ela casou, teve filhos e isso afasta um pouco.

Eu tinha relação à distância com meus primos por cartas. Um primo muito próximo que na adolescência foi morar nos Estados Unidos e a gente se comunicava por cartas, cartões postais. Eu sempre gostei muito de escrever e tínhamos essa coisa de manter o relacionamento à distância.

Ser prima para mim é muito bom, sempre fui protetora dos meus primos, ajudava cuidar e a defender também. Nunca fui de brigar, mais um dado momento tive que fazer isso para proteger uma prima que tinha lá as questões dela por ser gordinha e ter baixa estima.

Eventos ou lugares que são marcadores das relações entre primos na família

Sempre tínhamos a casa de duas tias, já existia os encontros entre tios desde a nossa infância, eram 11 irmãos dentro da mesma cidade, e sempre reunia toda família na casa de uma tia no almoço, depois íamos todos os primos, comer a sobremesa na casa da outra tia. Pois já sabíamos que poderíamos chegar a qualquer hora na casa dessa tia que a gente encontraria uma sobremesa, isso era certo. Ela passava a madrugada preparando as coisas para nos receber. A família sempre foi muito farta, e tinha prazer de receber todo mundo.

Esses encontros eram como se tivéssemos fechado a porteira da cidade, porque tinha muito tios fazendeiros e acabava tendo um poder aquisitivo muito grande na região, aí tudo fica mais fácil, inclusive para acomodar todo mundo.

Fomos morar em Feira de Santana/BA, aí as primas por parte de mãe que tínhamos assim uma relação mais próxima, uma delas especificamente vinha todos os finais de semana para minha casa. Como ela morava na capital, quando chegava era aquela alegria de se encontrar. Com essa prima eu tinha e tenho uma relação de quase irmã, de ir para festas juntas, de uma vestir a roupa da outra, acobertar alguma mentirinha da outra, até hoje a gente se relaciona. Não nos vemos mais como gostaríamos porque ela teve um probleminha de saúde, está sempre indo para médico, tem que cuidar dos netos, e tem uma vida mais agitada que a gente não consegue se encontrar com frequência, mas quando se fala é aquela alegria.

As vivências da segunda geração são diferenciadas entre as parentelas materna e paterna como na primeira, mas aparecem outros cenários e esforços para estarem sempre juntos.

A família materna sempre foi muito próxima, então tinha a casa da minha avó, a casa de praia de minha tia, a fazenda do meu padrinho. Sempre fizemos muitas coisas juntos, as famílias alugavam casa no carnaval, e estávamos sempre juntos a qualquer tempo.

Têm os primos por parte do meu pai, que apesar da gente conviver mais com a família da minha mãe, nós também nos encontrávamos.

Aspectos considerados como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos

Foram apontadas pela primeira geração, como possibilidade de prazer e desprazer, os seguintes aspectos:

Poder sentar e conversar, perceber o outro, a gente não vai só aos encontros pelo oba oba da festa, mas para conversar, sentir o outro. Quando lembro de algum primo que nunca mais falei, ou não tenho notícias, aí ligo ou alguém liga para mim, é sempre assim; é ter prazer de saber como está.

O menos prazeroso é viver muito distante, todo mundo tem uma vida muito corrida, têm os que mudam de cidade; a vida cotidiana terminam afastando um pouco, quebra esse vínculo de manter essa coisa prazerosa. Às vezes a

gente fica meses sem se ver, sem se ligar, mas a gente sabe que a pessoa está ali.

Para a segunda geração o:

Mais prazeroso é essa coisa de poder estar presente, de ser pessoas que são muito próximas e por quem eu tenho muito zelo; é ter contato com eles, da gente se ver. E está trocando de fato com eles, ter contato com eles, não esse contato pelo WhatsApp. Antigamente a gente escrevia as cartas um para outro, WhatsApp não é profundo, é superficial. Bacana é ter esse contato real com os primos.

Não sei como é a vida de uma pessoa sem primos.

Desprazer é não conseguir lidar com essa distância no dia a dia da vida contemporânea. É quando me dou conta que tenho muito tempo sem me comunicar com eles, essa distância que não é uma distância física, mas sim relacional. E me dá conta desse afastamento, e de não conseguir contornar isso. Quero colocar como meta real e conseguir contornar isso, ter esse contato com pessoas que são importantes para mim.

O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos

Segundo a primeira geração os principais fatores são:

A idade dos primos aproxima muito, tínhamos as escadinhas. Os tios tinham filhos quase na mesma época, trocavam as roupas quando não cabia em fulano, cabia em sicrano, do maior cabe no menor. Meu pai era quem menos tinha condições financeiras, e sempre foi assim, um ajudava o outro. Recebíamos dos primos mais abastados e não tínhamos isso de nos sentir menor, e nem deles de se sentirem superior; quando um não podia, a família toda se reunia e mandava o dinheiro para que todo mundo pudesse participar da festa - por exemplo.

Cada um tem mais proximidade com aquele primo/a que têm a mesma idade, ou mais ou menos próximas, porque desde a infância estavam mais presentes, e também por afinidade porque gostam das mesmas coisas. Minha irmã mais velha se dá muito com umas três primas, meu irmão caçula tem uma casa de praia e aqueles que gostam de pescar estão sempre juntos na pescaria, e aí se interage mais com aquelas famílias de primos.

Minha mãe sempre foi muito querida na família do meu pai, e isso facilitava muito as relações também na família do meu pai que era bem maior. Essas interações que eu falo é na família dele viu!

Quando a gente marca para ser encontrar parece que se vê todo dia, é aquele abraço caloroso. A gente gosta muito de se encontrar, mas hoje como todo mundo mudando de casa para apartamento, aí não comporta mais todo mundo, isso tem dificultado mais um pouco de juntar todo mundo como antes. Aí quando alguém se muda faz a reunião para apresentar a nova casa, nem que seja no salão de festas.

Uma vez por ano a gente se encontra em Castro Alves/BA, já são dez anos fazendo isso com os primos, antes eram com os tios. É muita gente que vem de outros estados e países; são os primos, os primos dos primos, os filhos dos

primos, esses primos que a gente nem conhece. Tentamos fazer a árvore genealógica e não conseguimos, deixamos para lá porque é tanta gente.

A representante da segunda geração também mencionou esse evento anual e narra suas experiências de vida e nas relações entre primos que foram marcadas significativamente por diferenças socioeconômica e valores morais divergentes da sua família nuclear.

Quando a gente era mais novo essas relações eram muito próximas porque a família da minha mãe sempre esteve muito junta, minha avó propiciou também muito isso de manter a família unida. A gente passava as férias juntos, mas têm os encontros anuais também que favorece isso de estar com a família estendida, são mais de 150 pessoas envolvidas a cada encontro.

Eu vivenciei muita coisa antes do tempo por causa da convivência com os primos e irmãos mais velhos. Da gente ir para fazenda sem meus pais, e de lá irmos para alguma festa, e como eles tinham uma banda eu participava dos ensaios porque estava com eles. Tinham coisas que eu não poderia fazer com as minhas amigas porque não tínhamos idade para isso, mas com meus primos era diferente.

Tenho primos que tiveram uma educação mais liberal que a minha, e a gente estava sempre junto; tinha aqueles que tinham condições financeiras diferentes da minha, mas para mim isso sempre foi tranquilo.

Discussão do caso 2

Esse sistema familiar traz elementos consistentes das relações entre primos baseadas no princípio de reciprocidade, solidariedade e envolvimento ao longo das gerações. Dell'Aglio; Siqueira (2012, p. 225), afirmam que "o apoio socioafetivo está relacionado à percepção que a pessoa tem de seu mundo social, como se orienta nele, suas estratégias e competências para estabelecer vínculos, e os recursos que esses ambientes oferecem como proteção e força." Desse modo, nota-se que as interações nesse sistema familiar influenciaram positivamente as participantes em seu processo de construção das *Redes de Significações*. (ROSSETTI-FERREIRA *et al.*, 2004).

Assim, ao longo das narrativas, as participantes discorrem as vivências e a rede de apoio entre a parentela, dando ênfase às diferenças socioeconômicas margeando as relações entre primos, traçando os vínculos e contatos na família extensa, mas de maneira harmônica, sem incorrer indicativos de disputas e competições que implicassem rompimento da homeostase do sistema familiar, como relatam as representantes nos trechos a seguir:

Hoje eu tenho uma aproximação maior com aqueles que tem negócio no mesmo ramo que eu, nos falamos quase que diariamente. Nos encontramos nos finais de semana, nas reuniões das fábricas, a gente termina interagindo mais. Se um não tem um produto pega com o outro até o outro receber, aí vai levar, ou o outro vem pegar, somos muito parceiros. Aliás a família

sempre foi muito unida, um ajudando o outro; se aquele não pode, quem tem mais condições vai e banca, manda o dinheiro para que todos participem da festa por exemplo. (ENTREVISTA, MIRELA, 2019).

Quando nascia alguma criança na família os primos mais velhos queriam ajudar. Eu adorava tomar conta da minha prima seis anos mais nova que eu, guardei uma jaqueta que foi minha para quando ela crescesse. Fazíamos essas trocas também com os livros, hoje antes de darmos uma roupa, a gente pergunta primeiro na família se alguém quer, só então a gente passa. (ENTREVISTA, RAFAELA, 2019).

Nesse sentido, as interações relacionais dessa díade com os núcleos familiares estariam congruentes e correlacionados com a abordagem do capital social da família, ou seja:

Um modo de orientação entre os seus membros, baseado no dom e na reciprocidade, que gera afabilidade, confiança e amizade ao longo do tempo, por conseguinte, uma memória viva que contribui para constituir a identidade da pessoa. A orientação recíproca das relações familiares baseadas no dom, na gratuidade e na reciprocidade afetiva, se institucionaliza e condensa expectativas recíprocas, de tal modo que cada membro pode orientar suas ações ao bem e a harmonia com os outros. (PETRINI; DIAS 2015, p. 119).

E nessa perspectiva de reciprocidade, as participantes contam suas experiências com primos de forma muito parecida e congruente quanto as influências dos contextos relacionais, nas diferenças socioeconômicas na dinâmica e funcionamento das famílias, que atravessam o tempo e se repete em três gerações. Esse sistema mostrou se diferenciar das demais famílias perscrutadas neste estudo, no que tange os aspectos da rede de solidariedade e apoio, ao demonstrar que suas fronteiras são nítidas, entretanto, as relações são estreitas, no sentido do cuidado e ajuda mútua, onde o sentimento de primandade também se releva entre as narrativas ao eleger algum primo/a como irmão/ã pela parceria e afetos mais significativos ao longo do curso de vida.

As duas gerações destacaram semelhanças em suas percepções de proximidade e distanciamento nas relações entre primos, devido a mudanças de cidades e da própria dinâmica da vida cotidiana. Contudo, **Rafaela** pondera que a passagem do tempo, entre os estágios do desenvolvimento humano e seu amadurecimento psíquico, como influência na forma que se relacionou e no seu processo de escolha entre proximidades e/ou afastamentos de alguns membros do sistema familiar, norteados por congruências e incongruências de valores e princípios morais, como fatores preponderantes nesse processo de diferenciação de self nas relações entre primos, o que ratifica o pensamento de Petrini; Alcântara (2015, p. 239):

A família educa a conviver com a diferença (de idade, temperamento, opções religiosas, etc.) e a cooperar, cria uma atmosfera de solidariedade e de participação em seu interior e no seu entorno, educa novas gerações ao respeito à lei, honestidade e virtudes humanas e sociais em geral, a capacidade

de se sacrificar pelo bem comum, para valorizar o trabalho e o empenho, a identificação do que é certo e do que é errado.

Além disso, a primeira participante menciona que a união entre os sistemas e subsistemas familiares facilita e aproxima as relações entre primos: "*Minha mãe sempre foi muito querida na família do meu pai, que era bem maior que a família dela, então nossa casa sempre andava cheia de parentes*". Como se denota, a inclusão do novo membro na família paterna foi recebida de forma positiva, diferentemente do que aconteceu no estudo de Neves (2012), onde a dificuldade de inclusão do novo membro na família paterna causou tensão no sistema e entre as relações na parentela.

Conforme o conceito de conversações de lembrança (WHITE, 2012) identifica-se em alguns trechos das narrativas de **Rafaela**, que ela faz a releitura da condição de membro de seus associados na vida, atualizando alguns e retirando outros, o que reforça a legitimidade das escolhas relacionais realizadas por esta participante ao selecionar pessoas e contextos para estar e se fazer presente.

Sou diferente de alguns primos em relação à concepção de drogas, me sinto mais conservadora em algumas coisas, mas a gente se respeita. Só me sinto segura de estar com eles se estivermos em alguma casa da família, mas não se estivéssemos em qualquer outro lugar que possa me colocar em alguma exposição de valores que não concordo.

Apesar de gostar de paixão, e de ser um primo muito querido, pois é o mesmo primo que me relacionava através de cartas na adolescência quando ele foi morar fora do país, e termos vivido muitos momentos bacanas, de passarmos as férias juntos na casa de praia em Arraial da D'Ajuda. Fui doula da esposa dele quando sua filhinha nasceu, mas percebo que somos muito diferentes quanto a essa questão, então prefiro manter essa distância saudável.*

As relações entre primos, nesse sistema familiar, propiciaram ganhos secundários, mas também foram marcadas por cisões ao longo das fases do desenvolvimento humano, como denota-se nesta narrativa de Rafaela:

Sempre fui a dama de companhia da minha prima, ela tinha as questões dela com o corpo, cabelo; os pais dela sempre me colocavam ali para acompanhá-la; foi com ela e sua irmã que eu conheci a Disney e fizemos várias viagens internacionais. São filhas de meu padrinho que sempre teve uma condição financeira boa, e nos proporcionou muitos momentos juntas, e de convivermos fazendo muitas coisas. Até que na adolescência as nossas diferenças de personalidade e estilos nos afastaram, e eu me aproximei mais da irmã dela que era mais nova que eu.

* Doula é o termo usado para nomear a profissional que dá apoio e formação a outra mulher durante a gravidez, no parto e após o parto.

No entanto, essas diferenças são previsíveis, pois do ponto de vista de Cerveny (2015), o ciclo de vida familiar contém o ciclo de vida individual de cada um de seus membros e também o ciclo intergeracional familiar, ambos interagindo por meio das diferenças desenvolvimentais humanas e das heranças trazidas das gerações passadas. O que complementa o pensamento de Cezar-Ferreira (2017), que durante a convivência contínua na família e em seus espaços, os familiares vão estabelecendo interações, compartilhando linguagem e construindo padrões de relação fundados em valores, crenças e mitos.

5.1.3 Caso 3 - Primo irmão e a adoção da primandade

Nesse sistema familiar participa a díade pai/filho. **Miguel**, o representante da primeira geração, tem 75 anos, é o terceiro de uma família de sete filhos, administrador de empresas e empresário, casado há mais de 26 anos com uma prima de primeiro grau, é pai de sete filhos. Desses, três são do relacionamento atual e quatro de outros. Já **Uriel** tem 19 anos, é solteiro, sem filhos, estudante de física em uma universidade pública, reside com os pais. É gêmeo, ocupa a segunda posição no estudo e na fratria por parte de mãe e a quinta por parte do pai.

Miguel tem 147 primos, enquanto **Uriel** declara possui 13, porém tudo indica que existe imprecisão nesse dado, uma vez que o participante da primeira geração neste estudo afirmou, conforme consta no **Quadro 2**, ter sete irmãos. No entanto, a segunda geração só percebe dois tios do lado da família paterna, tampouco soube quantificar precisamente o número de tios e primos da família materna, o que leva a inferir que a nova geração tem relações mais distanciadas com as respectivas parentelas.

O que é família, e quem faz parte da sua família

Na perspectiva do participante da primeira geração isso significa:

A união entre os membros da família e a convivências.

Quem faz parte é a mulher, tios, primos, irmãos, sobrinhos, a árvore toda.

A segunda geração aponta observações de cunho ideológico, embora se apresente como uma pessoa sensível e reservada nos contatos, demonstra ser muito afetuoso.

Existe o aspecto moral da coisa, tem meu pai, minha mãe, meus tios, meus primos, é puramente vínculos. Família está ligada a vínculos mais do que a concepção moral das coisas.

Muitas pessoas fazem parte da minha família, sou um cara muito sensível, tem meus pais, irmãos, a moça que cuida da casa, e tem a irmã dela também que trabalhou aqui, mas está sem trabalhar agora porque está fazendo tratamento de câncer. Tem os amigos porque é importante categorizar eles, pois considero família também.

Para compreender as experiências e as narrativas que emergiram nesse sistema, faz-se necessário recorrer à postulação de White (2012, p. 75) sobre os conteúdos subjetivos no processo terapêutico pois, quando os participantes ligam os fatos de sua vida "em sequências que se desdobram através do tempo, e de acordo com um tema ou enredo, refletem perda, fracasso, incompetência, desesperança ou vazio. E junto com isso, elas referem-se às figuras ou protagonistas que fazem parte da sua história", assim:

As conversações de reutoria convidam as pessoas a continuar a desenvolver e contar histórias sobre suas vidas, mas também as ajudam a incluir alguns eventos e experiências mais negligenciadas, porém potencialmente significativos, que estão "em desvantagens" em relação a histórias dominantes. Esses eventos podem ser considerados "acontecimentos singulares" ou "exceções". São os acontecimentos singulares ou exceções que propiciam um ponto de partida para as conversações de reutoria. (WHITE, 2012, p. 75-76).

Esta postulação é congruente ao trecho narrado por **Uriel** ao inclui outros protagonistas da sua vida fora da esfera consanguínea, em seu campo de sentidos e significados de integrantes da sua família. Este referencial teórico também se encontra confluyente com as observações de instabilidade e labilidade emocional ao ato narrativo de **Miguel**, pois ao fazer contato com suas lembranças, tentando responder à pergunta disparadora: *o que é para você ser e ter primos, e o que tem a dizer sobre as relações entre primos em sua família*, o participante é tomado por profunda mobilização ao se deferir aos primos.

Embora fosse acolhido e ratificada a condição e direito de desistir desse estudo, o mesmo preferiu continuar vivenciando as sensações e sentimentos ao narrar a sua história de vida, como se observa nos trechos a seguir.

O significado de "ser" e "ter" primos e suas relações na família

*Primo é como se fosse irmão. Eu tenho os primos carnais como irmãos ...** (entrou em um longo silêncio, contendo o choro, mas falando corporalmente com o balançar agitado das pernas) ... *o amor que eu tinha por eles... eu lembro muito da infância, eu tive uma infância maravilhosa, eu me emociono mesmo. Me emociono ...* (entra novamente em um longo silêncio e tenta conter o choro,) ... *esse choro para mim é fraqueza emocional, eu às vezes me emociono muito... tive todos os meus primos como irmãos, então "ter e ser" primo é uma coisa muito boa, me sinto muito feliz. Em alguns estados brasileiros (SP e MG) não chamam de primo carnal, mas sim, primo-irmão, assim como chamam a avó de mãe-velha.*

Ser primo também é uma coisa muito boa, dentro da minha família vejo uma união muito grande. Porque não vejo isso em outras famílias. O que eu vejo é muita briga, confusão, disputas entre eles, e até mesmo entre irmãos. Tenho muito prazer e alegria de conhecer e estar com meus primos.

O integrante da segunda geração tem uma percepção bem diferenciada do relato de seu genitor:

Ser e ter primo é pura construção social. A ideia de primo é mais uma denominação social porque a sua mãe é irmã de alguém, porque não tem um significado bonitinho. Tem o vínculo social, os primos crescem juntos, fazem muitas coisas juntos, ensinam muitas coisas para o outro.

Mas por fazer parte da família, não importa se a gente está junto ou muito distante. Não sou muito sociável, mas esse lance de primo eu sou muito mais que o normal, eu gosto de agregar. Porque eu amo muito a minha mãe, então essa pessoa ligada à minha mãe está passível de todo amor que tenho a minha mãe, consequentemente esse cara (primo) deve ser muito especial. Existe uma corrente metafísica aí.

A mãe aparece como a figura de apego mais importante até então na vida desse participante, o que confirma a postulação de Bowlby (1997), como também de lealdade invisível (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1983) ou seja, de modo inconsciente.

Eventos ou lugares que são marcadores das relações entre primos na família

Existiam as fazendas, a família era genuinamente agrícola e todos moravam em fazenda; meus avós e tios. Então na cidade só morava eu e alguns primos que vinham estudar e ficavam lá em casa. Meu "pai não biológico" gostava muito de viajar e visitar os parentes de minha mãe.

Uma tia morava em São Paulo e tinha muitos filhos; a maioria homens, e quando eu ia para casa deles eu era muito querido, me tratavam como um rei.

Eu sempre gostei de viajar, onde eu sabia que tinha primos morando eu sempre passava para visitá-los; Rio de Janeiro, São Paulo e até lá no Mato Grosso. Recebia muitos deles aqui em Salvador, quando chegavam eu levava para visitar os parentes, tanto aqui, como nas fazendas, eu sabia onde todos moravam.

* A cada sinal de: [...] significa dizer, ou melhor, representa uma pausa de silenciamento e labilidade emocional.

Já as vivências e relatos da segunda geração são diferenciadas da primeira, pois conforme o posicionamento do participante, há uma redução do número de primos e maneira de vinculações diferenciadas, onde os seus contatos são mais restritivos.

Eu não tenho muitos vínculos com esse lance de primos, ou experiências de primos, porque não tive muitos assim. Sempre tivemos aqueles primos mais próximos, dois de modo especial que jogavam bola com a gente aqui em casa, e outras brincadeiras de jogar água, do tipo polícia e ladrão, um correndo atrás do outro. Era muito divertido!

Fora de casa tinha umas festinhas da família eu achava um saco, ia de cara emburrada, me relacionava com um ciclo fechadinho de cinco e seis primos, de vez em quando rolava alguns mais. A gente se acoplava e ficava conversando, aí pelo menos as conversas eram legais.

Era muito legal o fato de encontrar esses primos, porque nem todos os primos são sociáveis, tem uns mais retraídos que outros, a gente ia assim mesmo sem querer, só para ficar conversando com eles que são pessoas que a gente gosta muito. E aí era muito divertido, tinha aquelas conversas que não tinha nada de mais, às vezes umas briguinhas idiotas de coisas bobas, mas divertidas.

Outro lugar onde a gente se encontrava era a casa da minha avó (materna) no interior, e a casa de minha tia que mora na ilha, lá também era uma experiência legal.

Aspectos considerados como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos

A narrativa da primeira geração é pautada na afetuosidade, onde Miguel declara que o:

O mais prazeroso é a união.

Menos prazeroso não tem. Tive uma infância muito legal e boa convivência com todos os primos até hoje, o que pode atrapalhar é a ausência.

Para Uriel o representante da segunda geração essa questão assim é vista:

Estou me esforçando para achar algo menos prazeroso, porque mais prazeroso tem um monte de coisa; mas isso tem a ver com a forma que eu vejo o mundo, é difícil para mim ver as coisas ruins da vida.

A gente fica se zoando, e têm coisas que só os primos podem. Meu irmão quer fazer filosofia, e aí sempre rola umas piadinhas, mas só a gente pode fazer esse tipo de coisa, ninguém mais de fora desse círculo pode.

O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos

A primeira geração considera que a:

A boa relação e o grau de parentesco, o intercâmbio entre primos, de eu ir na casa deles e deles virem aqui. Se precisassem de qualquer ajuda meus pais estavam prontos para ajudar. Eu gosto muito de todos os meus primos,

tenho o maior prazer de estar com eles, eu convivi na infância, adolescência e na vida adulta também convivo com uma grande quantidade de primos.

Ser querido é inerente a família, eu não vejo primo carnal virar as costas para o outro, ou ter desdém, desprezo, é sempre caloroso. A gente sempre procura saber como está, quem são seus filhos, os primos mais novos, e conhecer o emaranhado da família.

Hoje os encontros anuais da família (já é o 13º, que vai acontecer no próximo final de semana), são momentos de confraternização entre todos os parentes, é o momento ideal de conhecermos os primos que moram em outras cidades e nós não conhecemos. Eu conheci tanta gente, e aí a gente vê que têm pessoas da família que prosperaram muito.

O que dificulta é a ausência.

Entretanto, a segunda geração destaca, além da proximidade física e relacional dos seus pais com os irmãos, a participação dos primos mais significativos por suas afinidades e talentos, a tecnologia como os aspectos que facilitam essas relações e a distância geográfica como seu limitador.

Morar perto e a interação dos nossos pais isso facilita muito, assim como a ideia da gente está sempre junto e se encontrar. Outra coisa é a academia, ou seja, meu primo que faz engenharia vem e me ensina matemática, ele sabe muito. Aprender com primo é diferente de aprender com o professor, esse primo me fazia me dar bem.

O outro primo que mexe com informática e aí também é legal. O futebol unia a gente, esses dois caras jogam muito bem, e aí a gente queria eles em nosso time. Tinha que dividir colocando cada um em um time diferente se não era covardia, eles jogavam muito e eram muito bons nisso também.

As relações hoje são muito tranquilas, se antes já era, agora é muito melhor, temos ligações e internet ilimitada e conversamos muito pelo telefone. Tenho esse primo que me ensina matemática como referência, e chamo ele de mano porque tenho a sensação de irmão. Sei que mano é uma força de expressão, mas eu não chamo meu irmão de mano porque ele é muito eu. Costumo colocar as pessoas que gosto em bolhas, essas bolhas têm nome. Existem pessoas que eu amo que considero muito como primos que são amigos.

O que dificulta é a distância, isso é até determinante, o cara está longe e acaba afastando. Tem primos que eu não falo só porque mora longe, e não faço questão de ver.

Discussão do Caso 3

Essa díade de pai/filho demarca o parâmetro de idade cronológica da população estudada, ou seja, eles ocupam a posição do mais velho ao mais novo entre todos os participantes. Ambos têm em comum a sensibilidade, a afetuosidade, o sentido de família e de teia relacional. Resguardadas as idiossincrasias, eles parecem espelhar-se entre característica

opostas nas interações sociais e relacionais na família de origem e extensa pois, enquanto um é mais integrado no emaranhamento familiar, o outro se autodenomina restritivo e reservado.

Miguel é extremamente dado e participativo nos contatos e nas relações entre primos e a família extensa; **Uriel** assume posição contrária, embora tenha manifestado o desejo de conhecer todos os seus primos e parentes, uma vez que relatou ser de pouco contato, não sabendo mensurar de fato o número de tios e primos que os tem.

Assim, ao analisar o sistema familiar através dessa díade e sob o ponto de vista da teoria sistêmica, logo se identifica que a fronteira é nítida nessas relações, porém ao desmembrar em subsistemas individuais é possível presumir que **Uriel** se mantém desligado das relações com a parentela, mantendo relacionamento mais estreito e seletivo apenas com alguns parentes da família materna, sua principal referência e percepção relacional.

A deferência ao primo-irmão e adoção de primandade nesse sistema familiar é muito significativa, porém envolve sentimentos profundos e diferenciados em ordem de sentidos. Enquanto **Uriel** agrega um primo mais significativo como irmão, por reconhecer o lugar de importância que essa pessoa especificamente ocupa em sua vida, **Miguel** declara que "*todos os primos carnis são seus irmãos*", mesmo possuindo 147 primos (Quadro 2), e declara ter convivido com primos e tendo relações de proximidade em todas das fases do desenvolvimento humano. Esse dado é muito emblemático, assim como a história de vida de **Miguel**.

Esse participante trouxe uma rica narrativa envolta de memórias individuais e coletivas da família, entre lapsos de silêncio e comoção. Ele foi pego para criar por sua madrinha (irmã da sua mãe, que não tinha filhos), quando tinha dois anos e meio de idade, o que configura, nesse caso, a concepção de circulação de crianças, sendo, segundo Fonseca (1995), uma prática social comum também em outras sociedades, como na Coreia, Índia e Colômbia e, conforme registros, as:

Pesquisas históricas sugerem que a circulação das crianças é uma prática comum no Brasil que, inclusive, nem sempre foi restrita às camadas mais pobres da população. Ela sofreu certamente importantes modificações desde a época colonial, pois, como todo elemento da dinâmica cultural, ela é constantemente reelaborada em função de novas circunstâncias. (FONSECA (1995, p. 24).

O que certamente se enquadra ao caso de **Miguel**, cuja adoção não se dá pelas condições econômicas e sim afetiva e cultural, ao delegar à madrinha a incumbência de papel de mãe, condição essa que lhe permitiu possuir dois registros de nascimento como filho dessas famílias, o que nos dias atuais não seria possível, pois hoje é considerado crime. Esse fato o separou da

família de origem, o tornou filho único e sem contato com os irmãos pois, logo que veio morar com sua tia na capital, a família biológica mudou para o interior de Minas Gerais e, desse modo, quando ia visitar os primos no interior não teve acesso a esses “irmãos/primos”.

Logo, na condição de filho dessa tia, **Miguel** teoricamente acumularia dupla posição no parentesco em relação aos seus irmãos, mas nunca tinha se dado conta disso, como tampouco os veem como primos, porque o seu sentimento é que eles são apenas seus irmãos. Nesse sentido, a compreensão de **Uriel** de que primo é uma representação social, se fundamenta, assim como torna-se confluyente aos pressupostos teóricos de construção social vistos em Sarti, 1992; Velho, 1994; Almeida, 2004.

Ao longo do ato narrativo, **Miguel** frisava constantemente que teve uma infância maravilhosa, o que parecia reafirmar inconscientemente essa sentença a si mesmo. Um outro ponto que chama a atenção é a alternância de discurso e labilidade emocional em alguns trechos da entrevista. O que leva a inferir que a sua infância foi marcada também pela solidão de quem é filho único. Portanto, adotar os primos como irmãos, talvez seja uma tentativa (inconscientemente) de mitigar tal desconforto, transmutando-o então em seu sentimento de primandade.

Outro ponto curioso é que esse participante não usa o termo adoção em seu discurso, mas se refere ao pai que lhe criou como "pai não biológico" e a mãe (madrinha), simplesmente de mãe. Também não se denominou como filho de criação, de fato, não parece fazer parte da sua construção de sentidos.

Morei com minha família biológica dos onze aos quinze anos, chegando lá percebi que ali não era o meu lugar... (entra em comoção). Ali eu era mais um filho para dividir carinho e atenção, enquanto que aqui era só eu. Encontrei doçura em meu pai biológico, mas não em minha mãe. Meu pai era um homem culto, já meu "pai não biológico" não, ele era um homem muito rude, hoje eu entendo que era por causa da profissão de policial.

Voltei a morar com minha mãe (madrinha) aos 15 anos, e fiquei até ela falecer.

Denota-se, nos trechos acima, que **Miguel** inconscientemente tenta equacionar o lugar simbólico de pertencer e ter sentimento de lealdade familiar, enfrentando a dualidade da vida compartilhada entre os dois núcleos e em diferentes contextos sociais. É como estivesse tentando mensurar os aspectos positivos e negativos em meio à complexidade e particularidade desses dois sistemas familiares, o que, de acordo com Rabinovich *et al.* (2016, p. 340), "pertencer é indissociável da lealdade familiar: envolve uma teia de sentimentos que confrontam o indivíduo ao saber que faz parte de uma família" e, nesse caso, é um pertencer e se confrontar em duplicidade.

O sentido de pertencimento à família é um aspecto que se mantém nos discursos dos dois participantes. No entanto, para **Uriel** essa visão é um pouco mais intimista, compreende apenas na sua rede de contatos os parentes que conhece e considera pertencer. Talvez sua percepção se diferencie ainda mais da primeira geração desse estudo, em razão da idade, uma vez que, Rabinovich *et al.* (2016, p. 341), destacam que "as crianças criam seus territórios, suas tribos, e os segredos, como estratégia infantil de demarcação desse território (os que pertencem, conhecem, os que não conhecem, não pertencem)". Embora Uriel se encontre no início da fase adulta, essa postulação parece congruente ao caso em questão.

Para **Miguel**, a percepção de pertencimento é mais ampla, compreende o lado vertical composto pelos antepassados e o lado horizontal englobando a fratria, os primos e os pares pois, como ele mesmo mencionou toda a árvore genealógica, cujos encontros anuais da família ajudam a manter as relações entre primos e com a família extensa ainda mais constante, diferentemente de **Uriel**, que declarou que esses encontros de família não fazem parte do seu universo de sentidos.

Apesar de existir nesse núcleo familiar um subsistema conjugal composto por primos de primeiro grau, a temática da conjugalidade não emergiu livremente como conteúdo central entre as narrativas sobre as relações entre primos, mas Miguel relata que:

*Casar com a prima é uma coisa boa porque é o mesmo sangue. Minha esposa tinha receio de ter filhos, fizemos os exames para ver as relações consanguínea e foi tudo bem. Tivemos gêmeos! Nenhum dos três filhos teve qualquer problema. Tirando essa parte de nascer filho defeituoso, que eu nunca tive medo. É bom casar com prima, os parentes são os mesmos, são consanguíneos. A nossa família é chegada a casar com primos, meu tio/sogro * também foi casado com a prima em seu primeiro casamento.*

A conjugalidade entre primos aparece nesse sistema familiar como padrão transgeracional (FALKER; WAGNER, 2014; BATISTA; TEODORO, 2012), ou seja, um conceito da teoria sistêmica que se refere aos padrões de comportamentos que são repetidos pelas gerações, perpetuando a transmissão de experiências que podem ser benéficas ou não ao funcionamento dos subsistemas familiares. No entanto, de acordo com Diniz (2011), cada união entre duas pessoas produz uma trajetória única de conjugalidade, uma dinâmica relacional própria de cada díade.

A existência de outros subsistemas conjugais composto por primos nessa família extensa, além dos mencionados anteriormente, ratifica não somente a repetição do padrão

* Esse tio era irmão da sua mãe biológica e também da mãe/madrinha que o criou.

transgeracional, mas também o conceito de lealdade invisível. Assim como remete as afirmações encontradas no estudo da população cigana de Andaluzia na Espanha, de que o fato de casar com primos seria prova desse amor que se estende por toda vida. (GAMELLA E CARRASCO-MUÑOZ, 2008).

No caso de **Miguel**, que não levou a vida na zona rural, onde a oferta relacional poderia lhe direcionar a rede de parentesco e teve o primeiro casamento fora do rol da parentela, quando destacou que antes desse relacionamento de 26 anos com sua prima, já havia conhecido mais de 30 países, tendo a oportunidade de interagir em outros contextos e fazer outras escolhas fora do universo de sua família. Ainda relembrou que havia namorado outra prima na juventude, filha do primeiro casamento desse seu tio/sogro, mas não pôde seguir com o relacionamento porque foi servir à Marinha, no Rio de Janeiro. O que leva a inferir que essa questão de relacionamentos com as primas seria uma forma inconsciente de manter a lealdade familiar e fazer o acerto de contas do livro da família, como descreve a literatura.

5.1.4 Caso 4 - Famílias numerosas: primos não percebidos e a ascendência dos encontros de família

Apresenta-se neste sistema familiar a díade formada por mãe/filho. **Franciele**, 69 anos, é dona de casa, viúva e mãe de cinco filhos, ocupa a oitava posição na fratria de onze filhos e a primeira geração nesse estudo. **Jael**, 36 anos, eletrotécnico, casado e pai de dois filhos, ocupa a terceira posição na fratria de uma família de cinco filhos e a segunda geração neste estudo.

A especificidade que mais chama a atenção nesse caso é o número de primos a cada geração. Enquanto **Franciele** tem 310 primos aproximadamente, pois conforme relatou, cada família de tios teve em média dez filhos e dois desses núcleos tiveram 21 filhos, porém criados 18 e 19 respectivamente, sendo que quase todos permanecem vivos, **Jael**, na condição de segunda geração, contabilizou 123 primos (Quadro 2), enquanto seus filhos tem apenas dez, o que denota uma diminuição significativa desses protagonistas entre as gerações nesse sistema e ratifica as postulações encontradas em Guerra; Wajnman; Turra (2016) a acerca da retração do número de parentes colaterais. Conseqüentemente, leva-se a dessumir o reflexo do

encurtamento do tamanho das famílias pelo viés consanguíneo, mas por outro lado pode crescer com a entrada dos familiares pelas famílias por afinidade.

O que é família, e quem faz parte da sua família

Na visão da primeira geração significa dizer que:

Família é tudo, minha vida sem família não é nada, é um fracasso. É a coisa mais importante da minha vida, me sinto bem e feliz. Quando estou longe por muito tempo me sinto um fracasso. É muito bom estar perto da minha família
*Quem faz parte são meus **filhos, netos, meus irmãos, pais** (já falecidos), **tios, avós**, (quase não tenho mais ninguém), parentes próximos tudo é né. Mas hoje são os filhos, netos e irmãos.*

Para a segunda geração, entrelaçam-se os aspectos de ordem relacional, afetiva e protetiva, porque:

Família é o meio que a gente deve viver. Deve amar, respeitar, proteger, cuidar. São aquelas pessoas que estão próximo de você e quanto mais próximo de você, é um membro da família. Tem aqueles que estão longe, que não se tem afinidade, mas você sabe que faz parte da família, que é parte do seu sangue, tem **parentesco consanguíneo**; e também aqueles que conviveram com você e faz parte da sua família.

Fazem parte da minha família os meus pais, irmãos, filhos, primos, os filhos dos meus primos também. Claro que tem mais gerações, mas até aí é onde eu posso acompanhar e está mais presente.

O significado de "ser" e "ter" primos e suas relações na família

A primeira geração diz que:

Ter primos eu acho uma coisa muito significativa, é muito importante e interessante também.

As relações eram boas, a gente se sentia muito feliz. Ia-se muito na casa dos primos, principalmente com os que eram mais próximos, eram nossos vizinhos, moravam na fazenda ao lado, ou mais perto da nossa. **Sempre tinha aqueles encontros, as festinhas, as brincadeiras nas noites de lua cheia.**

Ser, é a gente ser uma grande família, é uma dádiva de Deus, uma coisa muito boa.

Para a segunda geração:

"Ter e ser" ajudado, amparado, porque se eu precisar; a primeira pessoa que eu vou procurar será um primo. Assim como estou pronto para ajudar no que eu puder, gosto muito de ajudar também, e farei o que tiver ao meu alcance para ajudar aquele primo, assim como faria com qualquer pessoa, e ao primo ainda mais.

Ser é muito bom, é poder ajudar, está junto, poder fazer alguma coisa. Ser é bom e ter é melhor ainda. Dessas relações eu só tenho lembranças boas, sempre que posso troco qualquer diversão: praia, shopping, futebol, para estar com os primos. Sempre tive carinho e afeto muito grande por eles.

Eventos ou lugares que são marcadores das relações entre primos na família

A primeira geração relata que:

Não tinha uma casa assim, mas tinha os lugares que a gente se encontrava; era nas casas de farinha, nas colheitas nas roças, pois uma família ajudava a outra no tempo da colheita. Também formávamos o campo de futebol no terreiro de casa e se juntava para jogar bola, fazer fogueira, ficar contando histórias e as brincadeiras de rodas. Às vezes no final de semana, ou durante a semana, estava sempre todo mundo reunido.

As lembranças da segunda geração são:

Parte da minha infância foi morando de favor na casa dos primos, até meus pais construírem nossa casa aqui na capital, quando então, passamos à vizinhos da minha tia e minha avó.

A casa dessa minha tia era ao lado da minha avó, e então convivi com muitos primos. Eu ficava muito feliz quando chegavam aqueles primos que não tínhamos muito convívio porque moravam mais distantes. Tinha aqueles primos com condições financeiras melhor que a nossa, então era uma festa, sempre recebíamos presentes, além das brincadeiras entre os primos que eram muito boas.

Na casa da vovó (paterna) era onde acontecia mais encontros entre os primos. Não tive convivência com meus avós maternos porque eles já eram falecidos, então, era na casa dos tios que a gente se encontrava. Como hoje não tem mais as vovós, tem sido a casa dos tios, aniversários e os encontros de família.

Atualmente têm os encontros da família (paterna), esse ano cairá no dia do meu aniversário, vou comemorar lá no 13º Encontro da Família C. A cada ano nos reunimos em uma cidade diferente, é uma oportunidade da gente encontrar praticamente todos os primos e parentes. É muito bom, vai muita gente, dá mais de 250 pessoas e não é exagero porque tem o livro de presença. São bom demais esses encontros, eu amo estar com minha família e parentes.

No mês que vem será o 1º Encontro da Família LD (materna), seria agora, mas tem um tio muito querido aniversariando no mês que vem, e aí vamos fazer na fazenda dele e aproveitar para comemorar junto com seus 86 anos.

Fora esses eventos, têm os sepultamentos. Perdi três tios em menos de um ano, e aí você termina vendo esses primos nesses momentos desagradáveis. Esse ano eu coloquei como meta ir visitar cada tio, e quero conhecer todos os meus primos que ainda não conheço desse lado materno, e vou encontrar lá no primeiro encontro da família.

Aspectos considerados como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos

Segundo a primeira geração:

O mais prazeroso é essa coisa mais em comum, de ter oportunidade de estar junto. As brincadeiras, ter aqueles encontros mesmo sendo o trabalho na roça, eram muito prazerosos, eu me sentia bem com aqueles eventos.

Tinha um tio que levava a gente para os carnavais em outra cidade e para as festinhas. Meus pais só confiavam nesse cunhado da minha mãe para levar a gente.

Menos prazeroso é não se relacionar.

Já os relatos da segunda geração são de:

Matar saudade, reviver, saber como está, se estão felizes, conhecer parte da família que você não conhece. Como meu pai veio para Salvador, a nossa convivência era maior com a família paterna, porque a família materna era mais afastada.

Compartilhar nossas experiências com primos que você confia, que considera, e de morar juntos. Apesar de você ter amigos que considera irmão, eu considero primos/irmãos as pessoas que eu tenho carinho, um amor mais forte como primo/irmão, e tenho tanto na parte de pai como na parte de mãe, porque morou junto.

Seria difícil relatar alguma coisa menos prazerosa, mas a distância, a falta de oportunidade de se conhecer, saber como ela está, se está bem e feliz. Se você está bem e feliz, eu também estou.

O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos.

A percepção da primeira geração é:

Quando os pais aceitavam que a gente estivesse se encontrando, poder dormir na casa deles ou deles virem dormir na nossa casa. Meus pais achavam normal, mas tinham pais que não deixavam e isso dificultava mais os relacionamentos. Quando eles não aceitavam era ruim porque você não tinha contato com aqueles primos.

Hoje a gente tem uma coisa boa que é o WhatsApp, e a gente vai se falando, fala mais do que antes. Como vai ficando mais distantes de se ver e de se encontrar porque cada um está num canto, aí é pelo WhatsApp mesmo. O pessoal nas roças e nas fazendas a maioria já tem internet, vai se falando, o que facilita essa comunicação e aproxima mais.

Na infância e adolescência você tinha os trabalhos manuais nas roças que aproximavam as pessoas. Na vida adulta tive um pouco mais dificuldade porque vim morar em Salvador, e só encontrava eles no interior quando eu aí para as festas, e nas férias dos meus filhos.

Também sempre tinha aqueles com mais recursos financeiro, e as vezes um tinha mais, e aí tinha essas diferenças. Então era aquela coisa eu posso você não pode, mas não chegou a ter grandes problemas não, mas sempre existia aquele que se diferenciava mais que os outros primos.

Hoje que estamos idosos, me sinto muito bem em relação a parentes e primos, é boa a nossa convivência. Quando a gente é jovem a gente não

percebe e valoriza o que gente dá e recebe, ainda mais hoje que vivo só, prefiro ficar mais no interior do que aqui, porque lá eu recebo o apoio deles. Tenho a oportunidade de ir e de falar!

A segunda geração destaca percepções bem parecidas com as descritas pela primeira:

É estar junto, é estar próximo, mas também é preciso que as pessoas estejam abertas, porque hoje em dia as pessoas se trancam muito num mundo particular. Às vezes até quer visitar o primo e fica pensando, será que ele vai gostar? E fica julgando o outro com a impressão daquele primo na infância como uma pessoa metida, chata. Mas as pessoas mudam, você também tem a capacidade de se melhorar.

Lembro quando chegavam os primos que a gente não via todo dia, trocávamos abraços, era um jeito diferente de se cumprimentar. Eu sempre pensei que seria bom a gente sentar para contar as histórias, e pudéssemos voltar e ter esses primos mais próximos.

Tinha os primos distantes que a gente não conhecia porque moravam no Mato Grosso do Sul, mas só de saber que tem alguém que você ama, que você nem conhece, e saber que têm esses primos e ir conhecê-los é muito bom. Infelizmente a vida vai passando, se eu pudesse eu construiria um reino para colocar toda a minha família, e não teria um primo que eu dissesse esse aqui não vai, colocaria todo mundo dentro, protegendo a minha família desse mundo que está aí.

Sei que tive desafetos com primos, mas não me recordo com tanta clareza, nem lembro e nem guardei rancor. Só guardo os momentos bons, os ruins relevo, deixo pra lá, não recordo desavenças que tenha me magoado, não lembro não, acredito que eu vivia bem.

Depois de todos crescidos e trabalhando nos relacionamos mais cotidianamente através dos grupos de WhatsApp. Mas gostaria de ter uma convivência maior, passar um dia, uma tarde, ou a noite conversando com os primos; de ficar um tempo com o outro, e me organizar para isso. Porque meu trabalho nem sempre me permite um tempo maior com minha família também, tenho trabalhado muito.

Discussão do Caso 4

Além da diminuição do número de primos, foram evidenciados enlaces conjugais na fratria e outras posições que as relações entre primos alcançam nesta família. Então, é possível inferir, conforme postulou Hundeide (2005), que essas posições "estão disponíveis, mas não percebidas" até então. Uma vez que o participante **Jael**, ao contextualizar sua família, recordou que as esposas de seus dois irmãos (primeira e quarta posição na fratria) eram primas, mas não se atentou, naquele instante, que elas eram também suas primas.

Esse dado só foi revelado posteriormente na entrevista com **Franciele**, a representante da primeira geração, que também não associava essas noras como suas primas, embora as duas díades sogra/nora sejam primas em linha colateral de terceiro grau. Tal percepção é tomada

pela pesquisadora no decorrer da entrevista narrativa, pois embora **Franciele** soubesse que as noras eram netas de seu primo carnal, simplesmente as viam como parentes bem distantes, sem reconhecer que eram primas em comum.

Confirma-se no discurso de **Jael**, que também não as percebiam como pertencentes aos laços consanguíneos entre si, tão pouco associava sentimentos de afetividade pelo parentesco comum nesse sentido, vendo-as apenas como parentes por afinidade, na condição de cunhados. No entanto, no ato narrativo, ele conta o case de sucesso e ao mesmo tempo de fracasso, com o negócio montado pelos membros da fratria, a partir da herança recebida após a morte do genitor paterno, onde essas cunhadas também trabalhavam, ficando subentendido entre as narrativas a existência de conflitos e tensões nessas relações, sendo palco de disputas e poder, apontado inclusive como um dos fatores de insucesso nos negócios e sociedade.

Embora no caso em análise não tenha apresentado indícios de afastamento familiar, ou seja, levado a cabo a escolha e/ou decisão de rompimento de contatos e/ou relações entre pessoas, ou com parte da parentela entre os relatos de Franciele e Uriel. Esse dado torna-se congruente aos conteúdos abordados no capítulo (2.2.) *Parentesco e relações entre primos: universo de apoio e tensões*, confirmando a postulação de que: "dentre os motivos que levam as famílias a brigarem, estão as questões de ordem “prática” que envolvem temas como heranças, dinheiro e brigas com parentes por afinidades, como as sogras, cunhados, etc.” (NIERMEYER, 2014).

Contudo, outras questões também podem afetar as relações entre primos, assim como nas brincadeiras, sendo possível evidenciar na narrativa de **Jael** muito mais que a descrição de um tempo vivido, mas também os valores aprendidos no sistema parental, na relação pai e filho, que fez emergir inconscientemente, o princípio da lealdade familiar, onde os vínculos são constituídos por meio do compartilhamento das experiências de vida e dos valores morais e crenças.

Na infância lembro das brincadeiras, algumas às vezes terminavam em confusão. Claro que eu sabia distinguir os irmãos e os primos, eu sempre protegi meus primos quando tinha alguma desavença. Meu pai dizia que a gente tinha que defender quem estava certo, independente de ser primo ou irmão. O mesmo acontecia quando a gente brincava com os outros meninos da rua. Minha família (origem paterna) não era de brigar, sempre foi de paz com todo mundo.

Aun (2007), aponta algumas observações sobre as definições e expectativas do grupo ao qual se pertence, que é gerada por seus membros com a noção de “trama invisível de

lealdade”, onde engloba o nível sistêmico (social) e o nível individual. Esse último, “constitui-se de crenças, sentimentos e motivações de cada membro como pessoa, o que define o compromisso dela consigo mesma” (p. 387), como se observou na narrativa de **Jael**.

De modo geral, as duas gerações demonstram afetos e congruências em suas percepções de "ser" e "ter" primos, bem como o esforço para manutenção dos vínculos de parentesco e importância dada aos encontros de família.

Toma-se como exemplo, a participação de **Franciele** nos encontros da Família C na condição de parente por afinidade, muito embora tal movimento na família extensa tenha surgido posteriormente ao falecimento do seu esposo, que era o descendente direto desse sistema, o que denota que os vínculos relacionais se mantêm e sustentam-se, e as relações permanecem dentro do possível, não havendo rompimento/afastamento relacional nessa parte da parentela, com a ocorrência do evento de transição normativa: morte, ainda que ela passe mais tempo no interior, junto aos seus parentes consanguíneos, como os irmãos, sobrinhos, primos e outros.

Outro destaque é a expansão dos encontros de família do outro lado da parentela, fenômeno discutido na revisão de literatura com o estudo dessa temática por França (2009); Wedig e Menasche (2013). Nesse caso específico, os dois participantes falam com entusiasmo sobre a importância do 1º Encontro da Família LD, retratando a função e importância, como elucidado por **Franciele**:

Finalmente estamos começando a nos reunir, fizemos dois encontros nas casas das minhas irmãs (caçula e a mais velha), e vimos que têm primos tão próximos que meus sobrinhos e meus filhos não conheciam. Formaram grupos no WhatsApp e estão se relacionando e tem sido muito bom, eles estão gostando muito. Agora vai acontecer um com a família toda, acho isso muito gratificante que a gente venha se encontrar. Por que a gente vem se desligando da família; ninguém se conhece, não se aproxima mais das pessoas, não tem tempo, e termina se afastando.

Destarte, esse relato é congruente com a percepção de **Jael**, ao mencionar seu desejo de retomar o contato mais sistemático com os primos na família paterna, como forma de resgatar essas relações oriundas da infância, que foram se distanciando pela dinâmica da vida atual.

As exposições de sentidos encontradas nas narrativas das duas gerações elucidam proximidades e distanciamentos na teia relacional entre primos, sobretudo no momento atual. Contudo, já existe a consciência e o desejo de resgatar os vínculos que se perderam no tempo, embora seja uma família muito extensa, e com experiências relacionais entre diferentes contextos sociais. Eles destacam a importância de manter a união entre as pessoas e das

interações através das redes sociais e aplicativos de comunicação, encurtando a distância de quem vive na esfera urbana e rural, propiciando o sentido de unidade familiar através dos encontros de família.

Decerto, torna-se contundente a afirmação de que " a família é uma exigência do processo de humanização que enraíza a pessoa no tempo, através de relações de parentesco destinadas a permanecer durante toda existência" (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015, p. 239), pois, ainda que o número de primos nesse sistema familiar venha diminuindo em razão da dinâmica social vigente, a família extensa está se readaptando a uma nova realidade funcional. Os encontros de família e as comunicações virtuais tornam-se agentes propulsores nessa manutenção, minimizando inclusive as diferenças socioeconômicas presentes na parentela, embora as gerações tenham mencionado evidências e distinções de ordem socioeconômica entre alguns subsistemas, mas que isso não chegou a afetar as relações no sentido de provocar problemas ou distanciamento/afastamento entre os primos.

Outro dado relevante que emergiu nesse subsistema diz respeito à rede de solidariedade entre primos, mesmo diante do enfrentamento de problemas com saúde mental, diferenciando-se dos relatos encontrados no estudo de Portugal; Nogueira; Hespanha (2014), onde a rede de apoio familiar não estava disponível.

Uma vez um primo meu passou lá em casa e já era noite, para irmos a Feira de Santana/BA pegar uma prima nossa que estava desaparecida. Ele estava muito nervoso porque ligaram dizendo que a encontraram lá. Ela se perdeu e foi parar no lugar onde morou, aí os ex-vizinhos ligaram para avisar. Na hora fiquei apreensivo, e mesmo preocupado porque tinha que trabalhar cedo no outro dia; eu fui. Chegando lá foi aquela coisa, tivemos que convencer ela a voltar para casa. Conviver com esse tipo de situações é difícil.

Diante de casos como esse, que impactam a homeostase do sistema, o aporte teórico encontrado na teoria sistêmica recomenda que se observe a dinâmica da família, uma vez que o aspecto fundamental é que o ser "doente", ou a pessoa que apresenta problema de saúde mental, pode ser apenas representante de alguma disfunção emocional na família (BALIEIRO; CERVENY, 2004), sendo denominado de paciente identificado, que aparece como o portador do sintoma, cuja causa do problema é encontrada nas relações disfuncionais do sistema familiar.

O sentido da primandade foi destacado no relato da segunda geração e se diferencia da primeira porque teve a oportunidade de conviver cotidianamente com os primos em relações fraternas, ao compartilharem a mesma casa, os mesmos espaços de brincadeiras e até as mesmas figuras parentais envolvidas na criação de cada núcleo. Então para **Jael** significa dizer:

Tem sempre aquele primo mais irmão, aquele que tenho carinho e amor mais forte, e considero como primo/irmão, tanto na família materna quanto na paterna.

Já a representante da primeira geração não teve a mesma sorte de conviver com os primos cotidianamente, apesar de residirem em fazendas vizinhas. Certamente a diferença na percepção das gerações reforçam o lugar de sentido e significado que se individualiza a cada pessoa, ainda que vivam e compartilhem a mesma realidade familiar, pois cada um constrói relações diferenciadas, dada a influência da posição que ocupa na fátoria e/ou na rede de parentesco.

5.1.5 Caso 5 - Primos significativos, o lugar do estudo, escolhas e caminhos de vida

Encontra-se neste subsistema parental uma díade composta de pai/filha. **Michel** com 48 anos, casado, pai de duas filhas, é o caçula de uma família de dois filhos, atua como professor, cursa o doutorado e participa do estudo como representante da primeira geração. A segunda é representada por **Ariel**, 28 anos, estudante de biologia, trabalha como técnica de enfermagem, é casada, não tem filhos, e ocupa a primeira posição na fratria de dois filhos.

Conforme consta no quadro 2, ambos têm em comum a quantidade de irmãos: somente um, contudo, existe diferença significativa no número de primos entre as gerações; **Michel** tem 65 e **Ariel** oito. Convem ressaltar que a diferença de idade cronológica entre eles é de vinte anos e há diferenciação dos arranjos familiares. Ele, nascido na década de 70, teve como referência a família monoparental, com a presença da genitora materna. **Ariel**, nascida na década de 90, pertence a um núcleo constituído pelo casal separado com filho.

Quanto à convivência com os dois lados da parentela, somente **Ariel** pôde interagir, e embora sua convivência e as relações com o lado da parentela paterna tivessem sido esporádicas, são marcadas por afetividade e aproximações que se distingue da parentela materna, cuja convivência sempre foi sistemática. Já **Michel** desconhece a linhagem ancestral paterna. Contudo, ambos revelaram particularidades das suas histórias de vida e das relações entre primos, que ultrapassam as delimitações do ambiente familiar e trazem à tona os aspectos da convivência cotidiana, as brincadeiras na rua, o compromisso com os estudos e as aventuras e destaques dos protagonistas mais significativos.

O que é família, e quem faz parte da sua família

A primeira geração compreende a família como:

Uma questão consanguínea.

Fazem parte: meu irmão, uma irmã de criação (prima), que em algum momento fomos criados juntos. Tem os tios/tias, os primos, que tem uma proximidade muito grande, ainda que não tenha vivido cotidianamente, mas estão sempre juntos e que em alguns momentos tiveram muito próximos. Tem mais os avós, e depois de adulto; os filhos.

Na segunda geração o olhar é mais amplo, contempla a entrada do cônjuge e os demais parentes distantes da família extensa.

É um laço que existe, seja consanguíneo ou não, mas no final das contas existe um afeto, e uma ligação consciente ou inconsciente de uma certa responsabilidade, é um laço.

Hoje é eu e meu esposo. Mas, os demais familiares parentes são: meus pais, irmã, que são também esses laços que se estende na família. Meus primos, meus avós, meus tios. Tenho muitos tios e laços com eles, e primos distantes que considero bastante, como os primos da minha mãe que são primos do meu avô, tenho laços e considero como se fossem irmãos dos meus pais, e seus filhos, meus primos.

O significado de "ser" e "ter" primos e suas relações na família

Na narrativa da primeira geração aparecem os sentimentos comuns à primandade:

Ser e ter é igual a ser um amigo mais próximo, ter ligação consanguínea; isso torna uma ligação um pouco mais forte. Na infância e na juventude além de estar sempre frequentando a casa dos tios, sempre tive tios morando próximo, isso fortalece bastante os laços.

Essa ligação e liberdade de estarmos juntos e viver cotidianamente as mesmas dificuldades e desafios, isso foi uma coisa boa. Ter pessoas que a gente sabe que nos momentos que precisamos podemos contar e, pode compartilhar as dificuldades.

Para a segunda geração ter e ser primo corresponde a:

É ter os irmãos que eu não tive. Só tenho uma irmã, e como sou a mais velha, vejo meu primo mais velho e considero como se tivesse um irmão mais velho.

Quanto ao ser, tenho dois primos mais novos que a mãe é falecida, eles são muito apegados a mim, minha mãe e minha irmã. E a gente acaba não sendo a mãe, mas assumindo como se fosse; de tentar suprir essa ausência, até porque o pai também tem as limitações dele, e somos nós que resolvemos tudo da casa e cuidamos deles. Dos outros sou uma prima amiga, correm para mim para falar das coisas erradas que fizeram e para me pedir ajuda.

Eventos ou lugares que são marcadores das relações entre primos na família

Tinha a minha casa e a do tio ao lado, éramos vizinhos e isso nos permitiu fazermos muitas coisas juntos. Quando comecei a ir para escola sozinho, já ia com as primas, estudávamos na mesma escola no centro da cidade, e aí pegávamos o ônibus, carona, ou íamos andando. Essas coisas dos primos trouxeram proximidade para superar as dificuldades. Meu tio mobilizava a gente para fazer as melhorias na comunidade, e eu lembro quando chegou a iluminação pública na rua, porque tínhamos o poste, mas não tinha lâmpada, e aí fizemos uma festa porque já poderíamos ficar até mais tarde brincando.

Na infância e adolescência íamos no verão para a casa de praia de uma tia na ilha, era mais um espaço de convivência de primos, de pegar água na fonte, pescar, fazer luau, lá a gente convivia também com outros primos.

Tem as aventuras das viagens. Quando eu tinha dez anos fomos passar o carnaval em Bom Jesus da Lapa/BA, eu, minha mãe, meus tios, meus avós e quatro primos. Nós fugimos do hotel, passamos no circo e depois fomos parar no rio São Francisco, depois apareceu minha mãe desesperada atrás da gente com cuidado para não chamar atenção do meu tio. Foi a primeira vez que tomei banho nesse rio.

Na adolescência eu e alguns primos fizemos uma viagem a pé de Salvador para Pé de Serra/BA. Percorrendo uma distância de 240 km, numa aventura que durou cinco dias, e dormindo em barraca de camping na estrada. Até hoje essas histórias são lembradas pelos tios e primos nas rodas de conversas na família.

Atualmente nos vemos mais nos encontros anuais da família, que já se estendem por 13 anos. Isso tem um peso legal porque aproximou mais a família extensa, são os primos de minha mãe, os agregados, e as gerações mais novas. Na vida adulta convivemos com alguns primos mais que com outros, e isso acontece quando alguém está comemorando alguma coisa, e através das comunicações pelo WhatsApp.

A segunda geração teve a oportunidade de desfrutar e comparar as distintas relações em cada lado da parentela, e destaca que:

A casa das avós foram os cenários mais importantes. A praia, onde descia toda a família materna e ia todo mundo junto; o bairro mesmo; a rua, que era o lugar que a gente mais brincava e ficava até de madrugada conversando.

Hoje é complicado por causa do tempo, e uma certa frustração por não se ter o mesmo tempo. Mas tem a mesma necessidade, de a gente sentar e conversar, de fazer alguma coisa junto, porque a necessidade de contato é a mesma.

Nós reunimos mais nas datas comemorativas na minha casa, Natal e os aniversários na casa dos tios. Como eu tenho um tio excepcional, na casa de minha avó (materna) é sempre comemorado o aniversário desse tio como festa de criança.

Aspectos considerados como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos

As brincadeiras, os encontros, as festas, de sermos vizinhos de porta. Desde a infância tive muita convivência com primos, éramos vizinhos e chegamos a compartilhar a geladeira e a televisão, era quase como se as nossas casas não tivessem portas, e a gente tinha a liberdade de transitar entre elas.

Ter os primos com a mesma idade também era bom, um tinha a minha idade, e o outro a de meu irmão, ambos mais velhos que nós. Isso fazia que a gente estivesse sempre os quatro juntos, ou nas mesmas brincadeiras.

Eu e esse primo da mesma idade, todos os dias saíamos para comprar pão, às vezes arriscávamos ir para feira para carregar as compras e ganhar algum trocadinho. A gente tinha os amigos na rua, mas não era a mesma proximidade com que a gente tinha com os primos.

Acho que menos prazeroso não teve. Talvez o fato de irmos para a escola juntos, conversávamos das coisas da escola, mas não lembro de sentar com meus primos para estudar.

Essa coisa da gente frequentar a casa dos tios era uma grande festa. Andar no quintal, pisar em espinhos, dormir mais tarde porque minha mãe e minha tia ficavam conversando até mais tarde. Era na casa dessa tia que a gente passava férias, as festas de final do ano, o réveillon, as páscoas com as brincadeiras de pau de sebo, queima de Judas, quebra-pote, e no São João reunia família toda com todos os primos. Depois cada um foi crescendo e já não iam mais todos os primos.

Para a segunda geração:

Os mais prazerosos são os momentos das brincadeiras e a confiança de falar o que você não tem coragem de conversar com sua mãe. De confiar e saber que tem alguém do seu lado quando você precisa. Família é algo meio estranho, você se ama e se odeia ao mesmo tempo. É viver momentos complicados, situações difíceis, e ao mesmo tempo é bom porque você vê que se sente responsável por sua família.

O menos prazeroso é olhar para o primo mais velho (o mais significativo), e perceber que a gente vê que o relacionamento é um pouco triste pelo rumo que ele tomou. Porque nem mais os seus conselhos resolvem, e isso é frustrante também, saber que você não pode fazer nada a não ser rezar.

O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos.

Acho que essas relações devem influenciar como serem influenciadas pelas outras relações familiares. Acho que o fato da minha mãe ser mais chegada a uma das irmãs, fez com que, mesmo ela morando distante, nós estivéssemos sempre indo à casa dela. Mas coincidia que essa tia era vizinha da nossa avó, porém, mesmo quando a avó morou fora em outro estado, continuamos a visitar nossa tia e primos com frequência.

Hoje nos relacionamos através do WhatsApp, mas temos alguns grupos com participantes e temas específicos a serem discutidos. O primeiro criamos quando um primo esteve internado, era uma forma de nos organizarmos para as visitas. O outro diz respeito à organização dos encontros da família extensa, e agora surge mais um, cuja a pauta é a discussão da propriedade deixada como herança por nossos avós que está na iminência de ser desapropriada.

A segunda geração percebe essa questão com outras particularidades:

Quando éramos crianças havia mais entrosamento que hoje. Na família materna era muito complicado por causa das brigas, a gente brigava muito, acho que por causa da idade, ou pelo tipo de relacionamento social que a gente estava inserida, convivendo mais tempo juntos. Isso propiciava as brigas pela molecagem e pela convivência, porque você ver todos os dias, e por morar no mesmo bairro.

Da parte do meu pai era diferente, era mais tranquilo pela confiabilidade, tinha a confiança de falar de planos. Era mais sociável no sentido de não ter briga, a abertura era diferente, porque você termina conversando de forma mais sociável, para não criar situações, para não machucar e agredir.

Por outro lado, na família materna temos um relacionamento mais aberto, você fala as coisas sem pensar, mesmo sabendo que vai ferir e depois se arrepender. Mas parece que ter as brigas era até melhor porque você termina sendo mais você mesma. Acho que hoje também tem essa coisa de se ter uma expectativa para minha vida, e ficar preocupado em demonstrar para os outros que estou numa condição social melhor, e com isso se cria uma disputa que não é sadia.

O que contribui é o que foi construído ao longo do tempo. Algumas pessoas têm o hábito de desfazer relacionamentos por causa de uma falha, e esquece os bons momentos que tiveram juntos, que aquela pessoa também tem pontos positivos.

Antes éramos mais próximos, hoje cada um tem sua vida e a gente se relaciona nos poucos momentos que a gente tem, mas a abertura continua a mesma. Hoje eu sou evangélica e mudou um pouco, não por causa deles, mas por causa de mim; eu era muito brincalhona e estou mais séria. E nos comunicamos principalmente pelo WhatsApp e redes sociais.

Discussão do Caso 5

As relações entre primos nesse sistema familiar circunscrevem-se em ambientes sociais bem diversificados, com interfaces entre bairros de classe média e zonas periféricas da cidade e entre posições de gênero. Embora as condições sociais, ambientais e de convivência entre primos sejam comuns nas experiências de vida dessa díade de pai/filha, elas se diferem em suas subjetividades e interações com as famílias de origem, que possuem estilos diferenciados.

Enquanto a primeira geração compreende a idade, a convivência diária, as brincadeiras e as interações sistemática longo ao curso de vida, como aspectos favoráveis às relações entre primos, a segunda geração aponta esses mesmos fatores como facilitadores das brigas. Consoante as colocações de **Michel**, a trama que entrelaça a família de origem em relações fraternas entre os membros da geração que lhe antecede, ou seja, de sua mãe com os irmãos, influenciaram na formação dos vínculos e em seus relacionamentos com primos, justamente

porque morava ao lado do tio e pelas constantes visitas que a sua mãe fazia aos irmãos, propiciaram as trocas, a formação da identidade, intimidades e afinidades entre eles.

Destarte destaca-se a percepção de Michel sobre primos mais significativos:

Em momentos distintos alguns primos e primas tiveram um peso mais significativo para mim em questões específicas. No conhecer da rua, a praia e as praças porque moravam próximos. Outra turma foi significativa para as músicas, porque tinham amigos que tocavam violão e copiavam as letras no caderno, assim conheci de Paulo Diniz à Djavan, de Simone a Rita Lee. Como também as descobertas do sexo, compartilhando experiências, tirando dúvidas, trocando romances e fotonovelas eróticas.

Na relação com os estudos, lembro do dia que estávamos na "Festa do interior", evento realizado no parque de exposições; e meu primo assistiu apenas um show e foi para casa estudar. Aquilo foi para mim um exemplo de determinação e de valorização do estudo, pois não foi à toa que ele se tornou Juiz Federal do Trabalho aos 26 anos. De outra prima herdei os módulos de pré-vestibular, que foram fundamentais nos meus estudos no ensino médio; e pude comparar menos de meia dúzia dos mais de 30 indicados para o terceiro ano.

Diferentemente de Uriel, que lamenta ver que o primo mais significativo, a quem defere sentimento de primandade com *status* de irmão, não ter aproveitado as oportunidades que teve na vida.

Ver a pessoa que cresceu comigo, que teve a mesma educação, não no sentido de escola porque ele estudava na pública e eu em escola particular. Então eu sempre o ajudava e ensinava, apesar de ele ser mais velho, eu tinha um ritmo mais pesado porque a escola era mais puxada, então eu conseguia acompanhar. Ele teve as mesmas oportunidades que eu, mas levou para caminhos diferentes, isso acabou me entristecendo um pouco.

Nota-se que **Michel** se inspirou nos primos e permanece engajado nesse propósito, cursando agora o doutorado. Ariel foi a própria referência, no entanto, as duas gerações compartilham experiências distintas em relação às escolhas do caminho de vida e percurso que alguns fizeram, se diferenciando pela valorização aos estudos e afinidades. Enquanto **Miguel** lamenta não ter tido a experiência de estudar com os primos, apesar de compartilhar o trajeto para escola, **Ariel** se angustia por ver o primo que ela ensinava, seguir em frente sem perspectiva de futuro, o que torna os relatos confluentes às postulações de percepções de caminho de vida em Hundeid (2005) e o sentido de vida em Frankl (2016).

Certamente as relações entre primos, nos dois sistemas familiares, foram nutridas pelo espírito afetivo em meio à complexidade social, cultural e econômica das famílias e ao lugar e sentido dado aos estudos. Mas, apreende-se de Minuchin (1982) a perspectiva de adaptação encontrada na família, uma vez que está sujeita a pressões, tanto de ordem interna, que provém

de mudanças evolutivas nos seus membros e subsistemas, quanto externa, que geram estresse para acomodar-se e para responder essas exigências, o que “requer uma transformação constante da posição dos membros da família em relação um ao outro, de maneira que possam crescer, enquanto o sistema familiar mantém continuidade.” (p. 64).

As questões de gênero e sentimentos de primandade no caso em questão, também são vistas como elemento complementar à fratria. **Ariel** confere ao primo mais significativo o atributo de irmão mais velho e parceiro das brincadeiras, independentemente de serem associadas culturalmente ao sexo oposto. Já no relato de **Michel** aparece a prima que virou irmã de criação ao ficar órfã de mãe, sendo então criada pela tia, a mãe dele. Entre suas referências de aventuras e brincadeiras, enfatiza sobretudo, aos primos do mesmo sexo, que formavam com ele e seu irmão o “quarteto parceiro”, embora destaque também a participação das primas/irmãs desses parceiros, incluídas em algumas brincadeiras e sendo referência de companhia no trajeto a escola.

Outro aspecto a se destacar nesse sistema familiar é a transgeracionalidade, dada a convivência relacional atingindo até quatro gerações, pois, graças à longevidade e aos fatores do envelhecimento populacional, essas interações têm se tornado cada vez mais evidenciadas entre as sociedades (DIAS, 2015). No entanto, apenas a segunda geração participante do estudo é que pôde conviver com avó e bisavó, manifestando deferência de proximidade e afetividade nessas relações, entre os dois lados da parentela, embora convivesse mais “sistematicamente com os avós” maternos (MOREIRA; RABINOVICH, (2017). Já para a primeira geração, a figura da avó não é narrada como memória de relação, e sim aos eventos e relações secundárias com a topofilia (TUAM, 1974) da “casa da avó” e seu entorno, intermediando as interações na fratria na geração dos pais, como fator que repercute positivamente nas relações entre primos.

5.2 O lugar dos primos na família: um olhar comparativo

A partir dos núcleos temáticos: *Concepções de família, O sentido de "ser" e "ter" primos e Família frente à mudança*, mediando o diálogo entre as narrativas, sentidos semióticos e o aporte teórico, sobretudo a epistemologia sistêmica, parte-se para a análise comparativa dos

cinco casos situados em sistemas familiares e contextos diferenciados, ora retratados nas pessoas de Micaela, Gabriela, Mirela, Rafaela, Miguel, Uriel, Franciele, Jael, Michel e Ariel, que compõem as díades: mãe/filha, mãe/filho, pai/filho e pai/filha, são retomados os objetivos deste estudo a fim de analisar como os membros (genitores e seus filhos) de duas gerações diferentes da família compreendem a partir de suas experiências, as relações entre primos.

Em análise comparativa entre os participantes, temos distinções em relação a gênero, idade, escolaridade, profissão, ocupação, renda, estado civil, posição na fratria, número de parentes colaterais, onde destaca-se que apenas Gabriela e Uriel integrantes da segunda geração do estudo, residem com os pais e ainda não constituíram novo núcleo familiar. Os demais integrantes residem com suas famílias em bairros diferente do genitor participante do estudo e, no que tange às diferenciações entre os participantes da segunda geração, somente Ariel é filha de pais separados e Jael tem pai falecido.

Se observa, nas gerações que participam desse estudo, que as relações entre primos são dotadas de similaridades, convergência e divergência, em meio à complexidade, intersubjetividades e impermanências que perpassam pelo significado de família e por enlaces nas teias relacionais que se configuram por proximidades, distanciamentos, rupturas, comparações e afetividades, pontuadas entre as experiências compartilhadas, destacando-se como facilitadores dessas relações: idade, afinidades, gênero e influência das relações fraternais. Assim, com base nos objetivos específicos, examina-se a seguir as percepções da família dentre os núcleos temáticos apresentados.

5.2.1 Concepções de família

O primeiro propósito desse núcleo temático é *levantar o que os primos entendem por família, quem faz parte, e o que contam sobre as interações na teia relacional da família*. Para tanto, se apoia no pressuposto de família como um conjunto de emoções e sentimentos, que permite representá-la como uma instituição que amplia os quadros biológicos e legais do parentesco (BARROS, 1987) pois, após perscrutar os participantes em suas subjetividades e as

posições de cada self, se confere percepções de mundo particularizadas por ordens dos sentidos semióticos e a individuação dos indivíduos.

Destarte, foram identificadas três categorias para denominação de família: *Família é base*, que contempla a noção de estrutura que dá sustentação, apoio, cuidado e proteção; *Família é consanguinidade*, engloba os laços consanguíneos ou não, como os parentes por afinidade e afetividade que se entrelaçam na rede relacional; *Família é vínculo*, intermediando relações e convivência como valor que gera identidade e pertencimento individual e familiar. Não havendo prevalência ou distinções de mais afetividade conferida à família materna ou paterna, nem associada a gênero e/ou, as gerações perscrutadas, mas ao envolvimento relacional, onde em alguns casos os participantes apontam vivências mais próximas à família materna, noutros, o envolvimento com a parentela paterna é inexistente, como também há quem associe sentimentos equivalentes às duas famílias.

Dentre os aspectos levantados, se observa congruências aos estudos realizados com crianças, jovens universitários e avós, por Moreira; Rabinovich (2008, 2012, 2017); Gómez; Guardiola (2014) já elencados na fundamentação teórica. Entretanto, a partir das respostas obtidas, deduziu-se que a família é objeto de valia e apreço para as pessoas, ocupa grau de relevância em suas vidas, sentido de existência, noção de amparo, valores e princípios que são transmitidos por meio da transgeracionalidade (WAGNER; FALCKE, 2014), sendo fonte de afetividade, de aprendizado a convivência humana dentro e fora da família e como modelo para as demais relações com o mundo.

Essas percepções estão confluentes com o pensamento de Minuchin e Fishmam (2007) ao postular que as famílias são sistemas multi-individuais de extrema complexidade, por envolver subsistemas ou holos de unidades mais amplas como a família extensa, a vizinhança e a sociedade como um todo.

No entanto, as famílias têm subsistemas diferenciados, pois cada indivíduo é um subsistema, assim como as díades: marido/mulher, mãe/filho, mãe/filha, pai/filha, pai/filho. Neste estudo, as díades são representadas por mãe/filha (famílias 1 e 2), mãe/filho (família 4), pai/filho (família 3) e pai/filha (família 5). Além dos "subgrupos mais amplos formados por geração (subsistema de irmão), o sexo (avó, pai e filho) ou a tarefa (subsistema parental). As pessoas se acomodam caleidoscopicamente a esses diferentes subsistemas." (MINUCHIN; FISHMAM, 2007, p. 25).

Resguardadas as particularidades, o sentido de família e quem são seus integrantes é ampliado com a entrada do novo membro no sistema familiar (MINUCHIN, 1990), ao agregar, conseqüentemente, os parentes por afinidade (DINERO, 2009; NEVES, 2015), assim como prevê os dispositivos legais em Direito de família (EVANGELISTA; MADEIRA; GUERRA, 2010). Acerca dessa perspectiva, não foram evidenciados conflitos na inclusão dos novos membros nos sistemas familiares participantes, sequer houve menção a esse respeito entre as famílias 1, 3 e 4 onde se configuram subsistemas conjugais formados por primos.

A questão disparadora, apoiada na condição "ser" e "ter" primos propiciou uma abertura importante no processo de lembranças e afetos significativos, pois de acordo com Assis (2012), a afetividade pode ser pensada como algo dinâmico, maleável e flexível, que passa pelo sentir, expressar, demonstrar e compartilhar sensações. Assim:

Ao optarmos por um olhar intergeracional e observarmos o contexto no interior das histórias familiares narradas, tenta-se entender com um recorte diferenciado, à época, a cultura, o gênero, o processo recursivo e as transmissões de valores afetivos da família. Ouvir sentimentos e esta memória afetiva, observar padrões de interações nos relacionamentos, assim como os modos de comunicar esses padrões, contribuem sobremaneira para uma maior compreensão de afetos. (ASSIS, 2012, p. 272).

Dessa maneira, denota-se nas narrativas das duas gerações e em cada sistema familiar perscrutado, convergências e divergências, ao elencar os marcadores e dimensões interacionais que as relações entre primos alcançam nas experiências relacionais na família, de onde emerge, diversos aspectos entre complexidades inerentes a cada subsistema envolvido no estudo e, ressalta influências tanto da família nuclear, quanto a de origem e da extensa.

Para Minuchin e Fishman (2007), a concepção de família extensa com várias gerações, que vive em íntima relação, é provavelmente a configuração familiar mais típica em todo o mundo, e ressalta que, em contexto urbano ocidental, a família multigeracional tende a ser mais característica em famílias de classe média baixa e entre grupos socioeconômicos inferiores, no entanto, graças da longevidade e a qualidade de vida no momento atual, é possível encontrar a multigeracionalidade em todas as classes.

Dentre outros aspectos, os autores advertem que a influência da família extensa nas funções da nuclear nunca deve ser subestimada, afirmação que também se pôde constatar na percepção dos participantes.

5.2.2 O sentido de "ser" "ter" primos

Diante do emergente decréscimo das relações de parentesco colateral numa perspectiva intergeracional, espreita no *Quadro 2* que a redução do número de filhos nas famílias contemporâneas também tem tornado a posição primo, cada vez mais restrita. Comparando os dados obtidos entre as gerações participantes desse estudo, foram apurados o total de 638 primos na primeira geração e 203 na segunda. Ao tomar a família 4 como referência, por ser a mais numerosa, essa diferença é ainda mais vertiginosa, já que a primeira geração tem 310 primos, a segunda 123 e na terceira apenas dez. Embora denote ser um exemplo extremo, é sugestivo da iminente transformação transgeracional que se configura na atualidade.

Ao perscrutar os sistemas familiares envolvidos nesse estudo, foi identificada a unanimidade entre eles, quanto ao grau de importância que a família representa para os participantes, a diminuição do número de primos entre as gerações, a relevância do sentido de "ser" e "ter" primos e o lugar que esses protagonistas ocuparam ao longo das fases do desenvolvimento humano e da família.

Tendo em vista a recomendação encontrada em Georgas *et al.* (2001) que seria mais significativo fazer perguntas sobre as relações funcionais entre membros da família nuclear e seus parentes, do que sobre sua estrutura, as respostas encontradas em todos os participantes as ratificam pela simbologia positiva da condição de "ser" e "ter" primos, essa provocação conduziu a um espaço/tempo/interior e a revisitar afetos, vínculos e estado de presença que são evidenciados entre sentidos *sui generis* nas narrativas.

Nunca tinha pensado por essa perspectiva do "ser", mas é uma posição da qual eu gosto muito, e da qual eu cuido. Ter primos faz parte da importância que é a família, que ela tem; eles trazem um pouco disso. (ENTREVISTA, GABRIELA, 2018).

E tendo mais de 50 primos, posso perfeitamente escolher 10, 20, 30 para viver essa festiva relação. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

Os relatos elencados na família 1 revelam diferentes posicionamentos na díade mãe/filha. Contudo, evidenciam a importância dessas interações, bem como a percepção das gerações mais nova sobre o fenômeno da diminuição do número de primos, ao olhar para outras famílias contemporâneas.

Para mim ter primos é uma sorte muito grande, sei que hoje em dia tem muita gente que não tem, ou tem poucos. (ENTREVISTA, GABRIELA, 2018).

Ressalta outra díade de mãe/filha (família 2) a seguinte interpretação para a condição de “ser” e “ter” primos:

Meus primos sempre fizeram parte da minha vida, é difícil dissociar assim como seria a minha vida sem eles, alguns são muito próximos. Ter primos para mim é fundamental para o nosso crescimento e expansão de conexão, meus irmãos são uma base mais sólida, mas meus primos são uma extensão dos meus irmãos. (ENTREVISTA, RAFAELA, 2019).

Essa percepção e incorporação dos primos à fratria também foi reconhecida por alguns participantes e discutida na análise do caso 5, que envolve a díade pai/filha. Então, se buscou compreender a primandade observando as relações fraternais, ao identificar que o gênero poderia influenciar os relacionamentos, assim como "pares de irmãos do mesmo gênero relatam níveis mais altos de intimidade e menos hostilidade do que díades de gênero oposto." (OLIVA, ARRANZ, 2005; FERNANDES, 2002, *apud* SÁ; RABINOVICH, 2016, p. 335). Tal argumento é confirmado entre relatos nas relações entre primos, contudo, não se reduzem a eles como uma condição determinante, uma vez que duas participantes da segunda geração do estudo nas famílias 1 e 5 reconhecem justamente o primo do sexo oposto como o mais significativo.

Quanto ao sentido de ser mais e menos prazeroso nas relações entre primos, foram elencados diversos aspectos da teia relacional, prevalendo, os mais prazerosos; onde são destacados sentimentos como união, presença, confiança, reciprocidade, trocas de experiências, aconselhamento, sentar para conversar e ter contato, as diversões com as brincadeiras, férias, festas e encontros.

A coisa mais legal dos nossos relacionamentos com primos hoje são as referências internas. Têm algumas coisas que só primos sabem, às vezes alguma coisa que a gente entende como ruim, eles transformam em bom, eles ressignificam aquilo. Algo que estamos passando e aí por eles serem mais velhos e, porque já passou por aquilo também, termina nos orientando: faz isso aí então! Às vezes rola o contrário, porque esse primo também é muito frio, e eu sou muito sensível às pessoas, aí a gente troca. (ENTREVISTA, URIEL, 2019).

O menos prazeroso geralmente é apontado como não percebido, ou seja, não consciente porque não havia se dado conta, para outras pessoas isso era inexistente, como também foram citados o viver distante, não se relacionar, aceitar o outro e ter tolerância, principalmente, nas interações nos grupos de WhatsApp.

Entre as narrativas são identificados os marcadores e as dimensões da rede relacional situadas entre as lembranças da infância e adolescência, com interações pontuais na vida adulta, onde a topofilia, ou seja, "a representação de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material" (TUAM, 1974, p. 107) está mais presente e conferida a alguns locais específicos, como a casa dos avós, tios, de praia, sítios, fazendas, as casas de farinha e as roças. O que reforça a postulação de Magalhães (2018,) ao refletir a identidade territorial sob vínculos familiares e moradia, uma vez que a casa pode gerar sentimentos positivos e negativos, mas são os sentimentos positivos que "demonstram que à medida que o local de moradia se aproxima de aspectos mais subjetivos, transformando o espaço em lugar, a apropriação e o apego se fortalecem juntamente com o desejo de permanência e o sentimento de pertencimento" (p. 35).

As interações relacionais são diferenciadas pelo caráter das férias, aniversários, encontros de família e das atividades inerentes ao contexto de produção agrícola. Esse último, representado, sobretudo, pela primeira geração da família 4, onde os primos se encontravam nos períodos de colheitas nas roças. Porém, na compreensão de **Franciele**, essas tarefas eram vistas como brincadeiras e espaços facilitadores da primandade, pois não era toda família que permitia que os filhos fossem à casa dos primos, ou tivesse contato, a não ser para finalidade do trabalho na lavoura, o que configura o uso da mão de obra infantil como um sistema de trocas e ajuda mútua, mas que favorecia o intercâmbio entre os primos.

Contudo, vale destacar que essa permissão para que os primos interagissem e que fossem à casa de um ou de outro, também foi mencionado por **Micaela** (família 1).

Ficávamos de longe, de olho cumprido acompanhando a movimentação da primarada noutros sítios. Mas lá em casa, que também era sítio, todos eram bem-vindos, e muitos deles adoravam passar as férias em nossa casa.

Muito embora as vivências entre perímetro urbano e rural tivessem sido elemento comum entre as narrativas das famílias, esse dado não aparece nas experiências relatadas por **Ariel**, o que não significa dizer que não vivenciou, apenas não emergiu como ordem de sentido.

De acordo com Minuchin e Fishman (2007, p. 21), a família como grupo natural vem, por meio da ação dos tempos, desenvolver padrões de interação que facilite e permita "desenvolver suas tarefas essenciais e dar apoio para a individuação e prover sentido de pertinência". Portanto, as relações entre primos perpassam pelas interações entre núcleos familiares, são neles e através deles que elas são influenciadas entre proximidades e distanciamentos, que tanto podem se dar de maneira física, relacional ou simbólica.

A gente têm muita convivência, além dos eventos da família, aqui em casa também por causa de meus pais. Tem uma tia irmã da minha mãe que mora num bairro próximo, hoje mesmo a filhinha da minha prima ficou com a gente porque minha tia não pôde. Tem meu avô paterno que mora aqui perto, e aí meus tios passam sempre aqui em casa, e tem um primo que vem todo mês aqui em Salvador/BA e passa aqui em casa também. (ENTREVISTA, GABRIELA, 2018).

Essa narrativa, além de traduzir interações entre os núcleos familiares e família extensa, evidência também as relações transgeracionais na família contemporânea, nesse caso da família 1, há envolvimento da avó, tia-avó e da prima na rede de apoio e cuidados entre as gerações (MOREIRA; RABINOVICH, 2017). Contudo, somente uma representante (família 5) mencionou especificamente a presença da bisavó (parentela paterna) influenciando positivamente as interações entre os primos.

Eu gostava de ir para casa da minha avó (paterna) e chegando lá era aquela festa. Todo mundo queria dormir junto, eu e meus dois primos, aí juntava a cama da minha avó e de minha bisavó para caber a gente. (ENTREVISTA, ARIEL, 2019).

Embora alguns estudos apontem a existência de uma “quantidade excepcional de pessoas vivenciando os papéis de avós e bisavós na atualidade, se levarmos em conta que até meados do século XIX poucas pessoas ultrapassavam 60 anos...” (ARATANGY; POSTERNCK, 2005, *apud* DIAS, 2015, p. 465), apenas a participante **Ariel** mencionou o protagonismo da bisavó, contudo, não se torna prova passível de presunção de que nos demais sistemas perscrutados não exista a convivência com bisavó/vô entre as gerações, ficando subentendida a sua presença em outras narrativas, como as encontradas nas famílias 1 e 2.

Para Cervený (2001, p. 49-50):

As famílias repetem a si mesmas, e o que sucede numa geração tenderá a aparecer nas gerações subsequentes ainda de forma diferente. [...] modelos interacionais e vinculares em uma geração podem fornecer modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração posterior.

Foi justamente o que os participantes deste estudo trouxeram ao expressar valores e sentimentos muito particularizados das suas relações na família nuclear, de origem e extensa, identificados conforme as experiências vivenciadas em seu tempo, dentre padrões relacionais e culturais compartilhados, que expressam aproximações e distanciamentos entre as relações entre primos, evidenciadas sobretudo nas narrativas das famílias 1 e 5. Também deflagrada de forma subliminar na família 3, pois enquanto a primeira geração do estudo diz conhecer constantemente os primos em várias linhas colaterais, através dos encontros de família, a

segunda geração menciona se relacionar com um número limitado, mas com o desejo de conhecer a parentela.

Tenho vontade de conhecer todos os meus primos, o restante deles. Sabia que meus pais eram primos, mas não conheço nada da vida de meu avô, só sei que ele era uma pessoa muito querida e meu irmão tem o nome dele. (ENTREVISTA, ARIEL, 2019).

No que tange às relações que afetam ou são afetadas pela interação entre primos, as famílias trouxeram ponderações convergentes e também diferenciadas:

A família paterna era pequena e de pouco contato. O tio padre não teve filho, outro tio foi morar em São Paulo e teve nove filhos. Mas quando vinha para o Ceará, era totalmente diferente da relação que tínhamos com esses primos dessa minha tia por parte da minha mãe, que também teve nove filhos como a minha mãe. Se a gente ver esses primos de lá na rua, a gente não sabe quem são, esses primos se perderam, não tem ligação e nem afetividade alguma. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

A relação entre eu e meu irmão também teve influência e, influenciou as relações entre nós e dois irmãos (primos), de idade similares às nossas. Nós ficamos muito próximos porque quando estávamos juntos acabávamos formando duas duplas de idades similares. Por outro lado, penso que a afinidade entre os primos tenha servido também para reforçar a amizade entre as mães (que são irmãs), pois não deixa de ser uma tranquilidade para ambas saber que filhos se dão bem e cuidam uns dos outros. (ENTREVISTA, MICHEL, 2019).

Diante do exposto, se constata que as relações entre primos são mediadas e influenciadas pelo nível de interações nas relações fraternas, tanto nas gerações que os antecedem, quanto entre seus pares, onde se encontra no aporte da abordagem estrutural de Minuchin (1982) considerações sobre o subsistema fraterno, o "primeiro laboratório social", que corrobora a compreensão de como as relações entre irmãos afetam as dos primos, uma vez que nesse subsistema há diferenças entre as crianças mais novas e mais velhas, homens e mulheres e quanto à aquisição de autonomia na relação com os outros subsistemas, que se entrelaçam pelas tramas de lealdades familiares e se expressam:

Nos alinhamentos (aqueles que seguem uma linha de pensamento defendem um ponto de vista sobre um assunto qualquer), cisões (separações, rupturas, distanciamentos, esfriamento de relações, etc.) alianças (aproximações por motivos afetivos) formações de subgrupo (por alguns dos fatores acima, ou por constituírem subsistemas – de irmãos, de irmãs, de primos, etc.). (AUN, 2007, p. 389).

Alguns relatos sugerem que a aproximação entre os pais e a idade aproximada entre as fratrias são facilitadores das relações entre primos; entretanto, na vida adulta essas particularidades já não são tão preponderantes. Em algumas famílias o sistema fraternal e subsistemas de primos parecem fusionados, pois a maioria dos participantes menciona o seu

sentimento de primandade, associando-o aos primos mais significativos, ou com quem tiveram relações mais significativas:

Esses primos aqui são mais irmãos seus que alguns irmãos biológicos. Você pode trocar; colocar esses primos de cá e deixava lá (Ceará), e pegava esses irmãos de lá (Ceará) e colocava aqui no lugar de primo. Sempre tive essa relação de primo irmão. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

Tenho uma prima que considero prima irmã. Ela sempre esteve presente em todas as fases da minha vida. (ENTREVISTA, RAFAELA, 2019).

Primo é como se fosse irmão. Eu tenho os primos carnais como irmãos. (ENTREVISTA, MIGUEL, 2019).

Tenho primos praticamente irmãos por terem sido mais próximos pela convivência, companheirismo, com quem dividir as mesmas aventuras. Eu sempre mudei muito de escola e não tenho muito laço com essas pessoas, e nem com o pessoal na rua onde morávamos, assim como estabeleci com os primos que eram meus vizinhos da infância a adolescência. Meus amigos de infância são meus primos. (ENTREVISTA, MICHEL, 2019).

Essas expressões indicam que a percepção de primandade, assim como no holon fraterno (Minuchin e Fishman, 2007, p. 29) podem ser um "processo que promove o senso de pertinência a um grupo e seu senso de escolhas individuais e alternativas dentro de um sistema", e se tornam-se importante articulador do pertencimento e na manutenção dos contatos na rede de parentesco, contribuindo na sustentação e preservação das relações na família extensa.

Nós temos dois primos que são aviadores nos Estados Unidos, são filhos de uma prima que morou lá em casa quando veio estudar, então sempre acompanhei a vida dela (casou com americano) e dos filhos também. Eu me relaciono com muitos primos de várias gerações na família, estou sempre fazendo esse elo. (ENTREVISTA, MIGUEL, 2019).

Desse modo, se notou na confluência relacional entre as díades dos casos 3, 4 e 5, que têm ligações de parentesco, alguns aspectos que corroboram na perspectiva de *identificar de que modo as relações entre primos se mantêm ao longo do tempo e como outras relações na família (nuclear e extensa) as influenciam*, como também é possível observar nas ligações estabelecidas a partir dos subsistemas conjugais entre primos e apresentados nas famílias 1 e 3.

Vale destacar que o fato de **Miguel** ter casado com uma prima de primeiro grau, que é fruto do segundo casamento de seu tio materno, o faz se relacionar duplamente com os participantes das famílias 3, 4 e 5. Conforme Vargas (2004), o vínculo de casal inclui a relação conjugal, mas não se restringe somente a ela, neste caso específico envolve outros enlaces na rede de parentesco. Toma-se **Miguel** de exemplo, para análise da sua relação com alguns participantes observando as diferentes posições na linha do parentesco.

Com relação a **Franciele**, se torna simultaneamente primo por afinidade e concunhado, ainda que para efeito jurídico, de acordo com Evangelista; Madeira e Guerra (2010) concunhados não são considerados parentes por afinidade, pois já estão na condição de afins de afins, contudo, na rede relacional marcada pelos afetos e sentidos semióticos talvez essa distinção não seja tênue.

Miguel, no entanto, acumula na relação com **Jael** e **Michel** posições simultâneas de primos de segundo grau e tio por afinidade porque a sua cônjuge é também tia deles. Na sequência das relações nesses sistemas e entre as gerações participantes do estudo, ele está na condição de primo de terceiro grau de **Ariel** e tio por afinidade, sendo pai e também primo de segundo grau, em relação a **Uriel**.

Frente às dinâmicas dos arranjos familiares e especificidades dos casos, se observa que as famílias 1 e 3 assemelham-se quanto à posição de parentesco ocupado pelas díades mãe/filha, pai/filho, pois em cada uma delas, genitores e filhos, acumulam paralelamente a condição de primos, subsequente dos enlaces matrimoniais entre primos.

Nesse sentido, a base epistemológica da teoria sistêmica sobre os sistemas familiares desenvolvida por Bowen (1989) reforça as observações em Minuchin e Fishman (2007), por acreditarem que as famílias humanas seriam unidades emocionais e seus membros estariam ligados uns aos outros de forma que o funcionamento de cada um deles, automaticamente, afetaria os demais. (PAPERO, 1998).

Conforme a narrativa de Uriel, é possível deduzir que os eventos identificados nos subsistemas da família 3 serviram de elo para integração de outros subsistemas: primos.

Teve uma boda de prata de uma tia, eu tinha uns onze anos. Eu e esses dois primos mais próximos com 15 e 16 anos, a gente olhava um para a cara do outro se perguntando o que a gente está fazendo ali, achava um saco. Mas terminou que esse evento uniu bastante a gente, e o que unia era o simples fato de estarmos juntos, e as conversas que eram legais porque ligavam a gente. Para mim a ideia de estar com essas pessoas da família era muito legal. Nessa fase aí eles já estavam interessados em fazer sexo com as garotas ou entrar na faculdade, e eu ainda nem pensava nisso, eu estava na fase de ficar jogando vídeo game e eles vinham jogar comigo, era muito legal também. (ENTREVISTA, URIEL, 2019).

Nesse caso específico, um evento no subsistema conjugal afetou outros subsistemas, entre irmão e sobrinhos e trouxe como consequência a união na parentela e subsistemas de primos. Dessa maneira, elencam-se os ganhos secundários promovidos pelas festas nas famílias, ao promover o encontro e reencontro com pessoas significativas, troca de afetos,

interação e integração entre os membros e família extensa, como possibilidade de estreitamento dos laços relacionais.

5.2.3 A Família frente a mudanças

A família diante das *diferentes compreensões sobre as relações entre primos no passado e no tempo presente*, se mostra sensível e impactada pelo distanciamento relacional consequente da dinâmica da vida cotidiana, que propicia o afastamento entre as pessoas. Mas por outro lado, se percebe que os sentimentos construídos ao longo das primeiras fases da vida, como a infância e adolescência, são fortalecedores para manutenção do elo emocional existente entre seus integrantes na vida adulta, onde os vínculos simbólicos se mantêm, os ancoram e sustentam como base, mediando sentimentos consciente e inconscientemente gerados pelo pertencimento familiar.

De modo geral, todas as famílias identificam mudanças na interação relacional entre primos, afetadas pela dinâmica social, o que confirma a postulação de Pires (2000) sobre proximidades e distanciamentos nessas relações, como uma característica das sociedades industriais, onde poucas pessoas mantêm ao longo de toda vida, relações mais estreitas com seus primos diretos.

Nesse estudo, apenas o participante **Miguel** destacou ter tido aproximações constantes com seus primos ao longo das fases do seu desenvolvimento, sem especificar ou eleger os mais significativos, ou mais próximos, onde as interações na família extensa possibilitaram a construção da sua rica experiência de primandade, como uma forma simbólica de vivenciar as relações fraterna, conferindo aos primos o lugar de irmãos. Nos demais casos, os participantes distinguem momentos pontuais e diferenciados entre as fases.

São apontados como fatores influenciadores para mudanças nas relações entre primos, que contribuem para diferenciação e afastamento dos contatos: a maturidade (família 2 e 4), os traços de personalidade e interesses na vida adulta que se tornam menos congruentes e afins (família 2), novas escolhas no caminho de vida (família 5) e outros consequentes das etapas do

ciclo vital, da mudança de cidade, de estado civil, princípios e valores incongruentes identificados ao longo do tempo (famílias 1, 2 e 5).

As famílias destacam ações a fim de mitigar os distanciamentos nas relações e entre as parentelas, através das festas e encontros de família, ou seja, eventos específicos para promoção de momentos de interação e integração na família extensa pois, assim como as escolhas, as trajetórias e os caminhos de vida terminam com o passar do tempo a distanciar os contatos, e as festas de família servem para criar a reconexão (FRANÇA, 2009, WEDIG; MENASCHE, 2013), tangenciam o estreitamento dos laços relacionais e a aproximação entre as gerações no grande clã que é a família extensa.

Contudo, dos cinco sistemas perscrutados, apenas a família 1 não apresenta a sistematização de eventos dessa natureza como nas demais. No entanto, os participantes revelam que os grandes eventos que envolvem os membros da família extensa, terminam se transformando numa festa de família.

A gente teve um marco que foi o centenário de meu avô (ele já falecido), essa festa mobilizou muito a gente, foi no interior do Ceará. Imagine, eles tiveram 13 filhos, então multiplique isso aí por filhos e netos! Foi muita gente para lá, mas a gente já saiu da festa querendo programar o centenário de minha avó da parte da família materna. E não interessava mais se alguém tivesse vivo, a gente não quer saber, a gente se interessa muito por festa, não interessava que tivesse um motivo. Mesmo sendo um aniversário de alguém, mesmo que a gente fique gozando porque é a festa de fulano, a gente vai, porque aí é “uma festa dentro da festa”. Agora vai ter a festa dos 70 anos do meu irmão, e são três dias de festa, teve aqui os meus 50 anos e do meu esposo, agora aguardamos essa de lá. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

Essa narrativa sintetiza o desejo e necessidade da parentela estar junta, se reunir e mobilizar esforços em prol da interação no grande clã.

Resguardadas as diferenças motivacionais, os distintos tipos de festas e reuniões que agregam a parentela, se tornam importantes marcadores e articuladores das interações interpessoais e nas relações de parentesco, sobretudo porque tendem a propiciar o entrelaçamento dos núcleos familiares no tear da família extensa e, minimiza o impacto dos distanciamentos relacionais nas famílias de origem, frente à dinâmica social da vida cotidiana.

Nesse sentido, as famílias 3, 4 e 5, que compartilham a mesma parentela e laços consanguíneos, realizam os encontros de família há treze anos. De modo geral, os eventos denominados encontros ou festas de família contemplam apenas uma parte da parentela, reunindo pessoas de uma mesma linhagem: materna ou paterna, mas neste estudo se encontra a exceção na família 3, pois na posição de **Uriel**, que é fruto das relações conjugais entre primos,

é possível agregar as duas parentelas numa mesma descendência, como também se repete essa condição na parentela paterna de **Jael** e **Michel** (famílias 4 e 5), porque seus avós são primos de primeiro grau.

Contudo, a família 4, que é a mais populosa desse estudo, é a única que registra a sistematização bilateral desses eventos, ou seja, em momentos diferentes a díade mãe/filho participa dos encontros dos dois lados da parentela. Enquanto um lado já vivencia o 13º, o outro realiza o 1º encontro da família. Apesar do grande número de primos neste último sistema, Franciele destaca que muitos não se conheciam, destarte, esses eventos têm se tornado importantes articuladores na mitigação do distanciamento e afastamento familiar, na integração dos novos membros e na aproximação da parentela, e se converge à postulação de França (2009) sobre a ascensão desse fenômeno social também na família contemporânea brasileira.

Todavia, vale destacar que na família 2, esses encontros já fazem parte da cultura familiar há muito tempo, um movimento que se estende de maneira transgeracional e antecede a primeira geração participante do estudo, antes promovido por seus tios (irmãos de seu pai) e agora organizados pelos primos.

Outro aspecto que diferencia essa família das demais, muito embora todos os sistemas familiares apontassem a questão da rede de solidariedade entre a parentela como algo comum à sua família, mas que nesta se particulariza, é o senso de solidariedade e espírito humanitário que atravessam as fronteiras dos subsistemas familiares e envolve toda a família extensa, para além da perpetuação do padrão transgeracional que é seguido desde as gerações que lhes antecedem, e que no momento atual se estende à sociedade.

Temos uma rede Irmã Dulce, participam meus primos, os primos dos meus filhos e por aí vai. Chamamos grupo do barulho porque toda hora toca com alguma campanha para angariar donativos, aí um dá o carro porque precisa que alguém vá pegar ou levar coisa maior. Agora estamos com a campanha volta às aulas. Também, quando alguém não quer mais alguma coisa pergunta primeiro no grupo da família antes de doar. (ENTREVISTA, MIRELA, 2019).

Indistintamente, as famílias descrevem o desejo de mitigar os efeitos do distanciamento relacional entre primos, hoje impactados pela dinâmica da vida contemporânea, mas que vem se retomando através das ferramentas e instrumentos tecnológicos, cujo WhatsApp é, sobremaneira, apontado por todos os participantes como recurso facilitador na manutenção dos vínculos, inclusive no contexto rural. Porém, apesar de propiciar uma interação mais cotidiana,

não invalida a necessidade de contatos presenciais, aspecto elucidado nas narrativas das gerações nas famílias 1, 2, 4 e 5.

Ao comparar as visões das diferentes gerações quanto ao vínculo entre primos e identificar possíveis mudanças, foi possível constatar que a família 1 é a que melhor representa a percepção de tais modificações nessas relações e diferenças transgeracionais na atualidade. Inicialmente, ao ponderar que há redução do número de primos e/ou inexistência desses protagonistas em algumas famílias contemporâneas, também por conter o subsistema conjugal formado por primos, que possibilita constantes comparações ao longo das fases do desenvolvimento humano e do ciclo vital da família, numa grande rede de compartilhamento de experiências de vida e, entre concepções diferenciadas pelas gerações participantes, como as observações que emergiram nas seguintes narrativas:

Hoje eu percebo que as relações entre primos nas novas gerações é totalmente diferente da nossa, eles não têm o mesmo olhar que a gente tem, mesmo a gente tendo vindo daquela relação tão ali desde crianças, a gente cresceu quase que unido mesmo, e eles não pensam assim, eles têm um "tagzinho" separados. Já eles tiveram um equilíbrio maior na convivência das duas partes da família, porque conviveram com os primos de cá, e com os primos de lá da minha família. Todos os anos eles iam para Fortaleza/CE desde bem pequenos; às vezes minha mãe me ligava para dizer que a menor estava chorando, e eu dizia que não podia fazer nada. Eu fazia questão que meus filhos convivessem com os primos de lá também. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

A segunda geração destaca a importância da participação nos eventos que reúnem a família extensa, ratifica as diferenciações nas relações entre primos do ponto de vista intergeracional.

Tem muito tempo que não vou aos eventos da família. Esse ano teve um que foi muito bom, o aniversário dessa tia que mora aqui, mas foi comemorado lá em Recife/PE. Teve uma adesão muito legal, todo mundo foi para lá, eu não pude ir por causa do trabalho. Então, essa relação desse lado da família que a gente não tem uma convivência diária, ela também importa; esses eventos servem para agregar, porque a geração da minha mãe tem isso muito forte nas relações entre primos, de se reunirem, de se encontrarem, falo das gerações anteriores a nossa. (ENTREVISTA, RAFAELA, 2019).

Mas como eles são adultos a mais tempo que nós, sempre tiveram mais liberdade para viajarem, para se encontrar. Nós dependemos de outros fatores, precisa viajar e nem todo mundo trabalha ou é maior de idade, mas a gente gosta muito, a gente se cobra, um pergunta ao outro: e aí você vai? É mais uma geração que a gente está tentando trazer a mesma força da anterior. (ENTREVISTA, RAFAELA, 2019).

Por outro lado, **Micaela** acrescenta que o fato de estar casada com primo termina a envolvendo de forma mais intensa nos problemas do outro lado da fratria, mas que o mesmo não é internalizado pela geração sucessora.

Quando há questão dos problemas, eles são muito diluídos com os nossos. Aqui mesmo os meninos às vezes têm conflitos com isso, porque eles dizem: "minha mãe, isso é problema deles lá". Eles não entendem a minha relação com meus primos, que a relação que a gente tem é diferente, e eles nunca vão ter. A relação deles é outra, é de amizade, mas muito para o que for conveniente, para o que for bom. Não tem assim uma interação maior, um comprometimento maior. Eu digo assim, um acolhimento mesmo, e isso afeta as relações porque sempre que a gente relata algum problema, eles têm outra postura, outra coisa. Eu digo: vocês não entendem que isso é um bolo só. (ENTREVISTA, MICAELA, 2018).

Esse posicionamento ratifica o pensamento de Passos (2005) ao preconizar a necessidade de levar ao debate a metamorfose da família, já que a “cada momento surgem novas questões, outras ressurgem, enquanto muitas deixam de fazer sentido no quadro geral das mudanças processadas no contexto familiar.” (p. 11). Assim, frente as contínuas modificações que envolvem as estruturas e interações relacionais entre os familiares, o presente estudo leva a inferir que as relações entre primos, apesar de sofrerem consequências e influências da vida cotidiana como foram expostas, continuam sendo uma referência importante de afeto e proteção para o indivíduo.

A família extensa é o espaço relacional e ambiência favorável a tais interações, cuja convivência com a rede de parentesco estrutura e tende a fortalecer os vínculos humanos, favorece o processo de articulação entre as pessoas em diferentes etapas do desenvolvimento, intermediando os papéis que os subsistemas individuais desempenham num sistema familiar mais abrangente.

Diante do compartilhamento exposto por cada sistema familiar aqui envolvido, e pelo que foi possível ser explorado, descrito e explicado no momento pelas evidências objetivadas, que convalidam esse estudo de casos múltiplos como descrito por Yin (2010), mostra-se que apesar da subjetividade e dos traços de personalidade diferenciar cada participante, eles revelam que a expressão dos vínculos, das múltiplas redes de contatos e afetos entre primos, influenciados pelas interações e convivências com as famílias de origem e na complexidade das famílias extensas, tornaram-se recursos imprescindíveis na compreensão da primandade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou conhecer e descrever como membros (genitores e seus filhos) de duas gerações diferentes de uma mesma família compreendiam, através das suas experiências, as relações entre primos, contextualizada no universo que entrelaça a família nuclear, de origem e extensas. Cujo interesse em investigar, especificamente, essa relação, a partir de um olhar introspectivo e autoetnográfico, ou seja, de uma abordagem que parte da experiência do próprio sujeito e do seu contexto social, incluindo pensamentos, emoções ou percepções físicas, frente ao fenômeno da diminuição do número de primos, como consequência da redução do número de filhos entre as famílias e na observância de que as interações nessas relações sinalizam mudanças em conformidade ao modo de viver na sociedade contemporânea.

Destarte, ao refletir a importância que a família extensa tem para formação e manutenção dos vínculos relacionais, se delineou objetivos que respondessem a algumas inquietações, para compreender o *modus operandi* da rede relacional, ao levantar o sentido de família e de "ser" e "ter" primos. Sendo possível alcançar o seu propósito ao propiciar uma abertura para que as famílias contassem as suas histórias e interações relacionais, entre meandros da memória individual e coletiva, mediada pela técnica da entrevista narrativa, que se tornou um elemento fundamental no processo de evocação e construção das lembranças.

Decerto, isso fez com que os participantes pudessem transitar na linha do tempo e elencar os marcadores, as dimensões, os eventos, as diferenças, os vínculos e revelar mudanças na maneira de interagir, onde a tecnologia e suas *interfaces* tem intermediado as interações de forma positiva, ao possibilitar o alcance e estreitamento das distâncias relacionais e geográfica, e a aproximação de pessoas e contextos em seu modo de viver à vida, no cenário urbano e rural, na contemporaneidade.

Contudo, evidencia que tal facilidade não invalida a necessidade de contato físico e de manter as relações de forma sistemática. Assim, os aniversários, os eventos religiosos e culturais, as festas "na" e "de" família e até mesmo os sepultamentos, tornam-se facilitadores da teia relacional familiar, dando sustentação ao sentido de família e ao prazer do reencontro, pois com a dinâmica da vida cotidiana, o modo de morar, as estruturas arquitetônicas das novas habitações, a ampliação do rol de compromissos sociais para além das famílias consanguíneas,

por afinidade, amigos e outros atrativos de lazer, têm contribuído para que os encontros com os familiares sejam cada vez mais esporádicos, ou inexistente, como, por exemplo, um simples almoço de família aos domingos, o que tem propiciado ainda mais o distanciamento familiar.

Distanciamento e afastamento familiar não são sinônimos, o distanciamento aparece como localizador de relações que se perderam e/ou dissolveram a convivência ao longo do tempo, entre pessoas e/ou gerações, independente da vontade daquele que é afetado por ele. Já o afastamento traz a ideia de desejo, de consciência e escolha de ter ou não por perto, geralmente é decorrente de um conflito que levou ao esfriamento ou rompimento da relação com alguém, com parte, ou com toda família. Tanto pode ter sido iniciado pelo sujeito, ou ter herdado de outras relações, sendo possível ressignificar e reatar a interação por si mesmo, ou em nome de algum outro membro do sistema.

A reconciliação visa reestabelece não somente os vínculos, mas a harmonia e o sentido de família, onde a pessoa responsável por essa tarefa pode estar envolvida e/ou afetada direta ou indiretamente no conflito, ou talvez nunca saiba o motivo, nem mesmo quando surgiu o rompimento das relações, mas tornar-se mediadora, seja pelo desejo de ter ou ser da família, e/ou manter consciente/inconscientemente o legado familiar.

Ainda que os afastamentos e/ou distanciamentos entre a parentela sejam minimizados pelos encontros de família e nas interações sistemáticas realizadas através dos recursos tecnológicos, propiciando as interseções ou pontes relacionais para o estreitamento dos laços e vinculações, é possível perceber que em alguns casos isso não ocorre de forma absoluta, justamente, porque o elo se rompeu, e a trama familiar entre parte da parentela se torna inexistente. Porém, seus fios não deixam de existir e podem ser retomados e retramados ao tecido relacional a qualquer tempo, sendo também uma forma de encontrar a própria identidade e/ou ancestralidade e honrá-las.

O tear das relações entre primos na contemporaneidade visava justamente mapear as tramas que entrelaçam os membros do sistema familiar entre subsistemas individuais, parentais, conjugais e fraternais, na configuração das famílias nucleares, de origem e extensa na atualidade, para identificar de que forma essas relações afetam e são afetadas por outras e pelos subsistemas. Mas, surpreende-se com os resultados obtidos, sobremaneira, com os relatos da família 5, o que leva a presumir que o processo da primandade retroalimenta e realinha o sistema familiar entre as gerações, com o estreitamento das interações na fratria, no qual as

díades: irmão/irmão (os pais dos primos), primos/primos e irmãos/primos (irmãos com primos) são nutridas pela rede de afetos que se estende na família extensa, ao longo da vida.

Esse passeio no tempo e na memória afetiva, mediada pelos objetivos específicos acerca dessa temática, possibilitou que os participantes revisitassem, num espaço/tempo/interior, aproximações e distanciamentos, registros de primos mais significativos e até mesmo os não percebidos, assim se deduz que tanto o sentido de família quanto da primandade são simbólicos, relacionais e afetivos, marcados por presenças, afetos, vínculos e por momentos de apoios e tensões.

Portanto, foram demarcados os locais, os mediadores dessas relações com o compartilhamento das experiências, as aventuras e descobertas entre as diferentes fases do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital e da família, ora diferenciados, outros congruentes, mas dotados de particularidades entre as gerações participantes.

O que se identifica como primandade, são as relações com primos mais significativos, entrelaçadas por sentimentos que se diferem das relações fraternas e com os outros primos e demais parentes, pois as questões que são sentidas e compartilhadas na família entre eles lhes são próprias, engloba confidências, desabafos e percepções de outras relações do sistema e dos subsistemas familiar, que às vezes não é possível estabelecer entre irmãos e tios, no entanto, só quem é da família poderia entender a sua dimensão.

A primandade revela simbologias e tessituras muito particular, dado o nível de intimidade, confidencialidade e reciprocidade afetuosa diferenciada, que não são compartilhadas da mesma forma com outros membros da família, ainda que não se saiba dizer por que, mas há uma consciência de que esta se particulariza entre idiossincrasias, lealdades e afetos mútuos específicos desta relação.

A seleção do/a primo/a mais significativo/a é feita de maneira inconsciente, independente de similaridade de gênero, idade ou estágio das fases do ciclo vital e/ou consanguinidade, algumas dessas relações são perenes, ou seja, mantidas ao longo de toda existência, e pode se dar desde a infância, outras, instituídas na adolescência ou vida adulta.

Essas relações também podem variar ao longo do desenvolvimento humano, uma vez que um/a primo/a significativo/a da infância e ou adolescência, pode não ser mais na vida adulta, sendo destituída a interação. Contudo, o afeto e estima das relações entre primos podem perdurar, ainda que não se vejam ou falem de maneira sistemática, mas quando se encontram é

como se tivessem conectados a fios invisíveis da espiritualidade, não no sentido religioso, mas de afinidade, onde não é possível descrever ou mensurar. Em alguns casos são deferidos *status* de irmão/irmã, como se fosse uma tentativa inconsciente de nomear os sentimentos inefáveis.

A escuta ativa, ou seja, atenda a ordem de sentido para o outro a sua frente, possibilitou compreender os momentos mobilizadores, os conteúdos manifestos e subentendidos através da linguagem verbal e não verbal, como também a importância e o prazer que os participantes associaram a esse estudo, pois, ao término das entrevistas, sempre se colocavam entusiasmados e disponíveis para falar mais sobre o tema, com demonstrações de afeto e sentimentos positivos nesse movimento de conversações de lembranças e sentido da primandade, com ensejo de retomar os fios que os ligam às tramas e tecelagem que a família extensa tece em suas memórias mais significativas.

Vale ressaltar que as famílias ficaram mais receptivas para falar das relações, do que as questões que mapeavam a estrutura familiar, fato que chamou a atenção, em todas as finalizações das entrevistas narrativas, dada a ênfase e manifestação do desejo de falar mais sobre essas experiências relacionais, como os trechos selecionados e transcritos das narrativas de quatro pessoas diferentes: *"Oh! Acabou?"*; *"Estava tão bom!"*; *"Gostei muito de participar dessa pesquisa, é a primeira vez que sou entrevistada, pode me procurar mais vezes"*; *"Oh!... adorei, foi muito bom falar sobre os primos; eu amo"*; *"Volte mais, e quantas vezes você quiser"*.

Certamente, esses convites eram muito mais que um gesto cortês, pois revelavam a necessidade de falar mais sobre a sua história de vida, de reviver momentos que ficaram marcados na memória individual e coletiva, que podiam ser revisitadas pelo simbolismo que a família extensa representa, possibilitando o resgate memorável das experiências vividas, por ora distanciadas, e/ou perdidas no tempo relacional.

Isso demonstra que as famílias estão receptivas para falar de suas relações e se abrem às possibilidades de investigação de novas temáticas acerca das relações entre primos, que não puderam ser aprofundadas nesse estudo, como o decrescimento transgeracional, as questões da homossexualidade/transsexualidade, diferenças entre gêneros, divórcios, e o adensamento acerca da primandade, para melhor compreensão dessas relações.

Embora as conclusões fortaleçam a compreensão inicial de que a temática da primandade é rica de elementos, aqui objeto de investigações preliminares, que abrem novas possibilidades e compreensões acerca do fenômeno social emergente, sobre a diminuição da

quantidade de primos e seu impacto nas relações e entre gerações, na família contemporânea, se observa que as inclusões dos novos membros oriundos das relações por afinidade e recasamentos, tendem a amenizar a percepção de constrição da família extensa e fomenta a elasticidade do clã familiar.

A primandade é um termo que ainda não faz parte do repertório acadêmico, mas traz uma compreensão das relações na família que se particulariza e é muito diferente dos outros membros do sistema familiar, "*A gente têm uma visão diferente da visão dos nossos tios, dos pais, dos avós*" como afirma um dos participantes. Assim, transformam-se as narrativas, como parte formal do banco de dados, como sugeriu Yin (2010) e os dados obtidos com esse trabalho investigativo serão compartilhados no acervo acadêmico, pois esse estudo não se esvaiu, mas se abre para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. V. A. Reminiscência da leitura: retalhos de uma infância. *In*: RABINOVICH. E.P.; LEAL, T. C. M.; REINA, W. S.; REIS, L. P. C. (org.). **Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 35-42.

ALMEIDA, H. B. Família e relações de parentesco. *In*: CARVALHO, J. S. (org.) **Direitos Humanos e Educação para Democracia. Vozes**, Petropolis, RJ: 2004. p. 1-16. Disponível em:
https://www.academia.edu/4236920/Família_e_relações_de_parentesco_contribuições_antropológicas. Acesso em: 14 out. 2018.

ASSIS. W. R. C. L. Família e afetividade. *In*: CERVENY, C.M. O. (org.). **Família e ...: intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, lutos, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 254-283. (Coleção Família e...).

AUGÉ, M. **Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

AUN. J. G. Família como sistema mais amplo que a família, sistema determinado pelo problema. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S.V.; VASCONCELOS, M. J. E.; SLUZKI, C. E. *In*: **A rede social na prática sistêmica. Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: – o**

processo de atendimento sistêmico, Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosas, 2007. V. 2, p. 13-37.

BALIEIRO, C. R. B.; CERVENY, C. M. de O. Família e doença. *In*: C. M. O. CERVENY (Org). **Família e...: comunicação, divórcio, mudanças, resiliência, lei, bioética, doenças, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 147-161.

BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. **Psicologia da Família: Teoria, avaliação e intervenção**. São Paulo: Artmed, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BARONI, C. D. Sogra é parente por afinidade com vínculo permanente. **Revista Consultor Jurídico**. 28 abr. 2011. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2011-abr-28/sogra-parente-afinidade-mantem-vinculo-mesmo-fim-casamento>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BARROS, M. M. **Autoridade e afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BASTOS, A. C. S. Entre dois. *In*: RABINOVICH, E.P. *et al.* **Autoetnografia colaborativa e investigação autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares**. Curitiba: Juruá, 2016. p. 165-175.

BASTOS, A. C. S. **Modos de compartilhar: a criança e o cotidiano da família**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2001.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [s. 1.], v. 31, n. 4, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/22221/17983>. Acesso em: 01 out. 2018.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOLDARINE, R. F. **Representações, narrativas e práticas de leitura: Um estudo com professores de uma escola pública**. 2010, 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/boldarine_rf_me_mar.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

BOWEN, M. **La terapia familiar em la praticas clinicas**. Bilbao: desclée de Bower, 1989. (Original inglês – publicado em 1978).

BOWLBY, J. **Teoria do apego e a natureza dos vínculos**. Tradução: Álvaro Cabral, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, v.1.

BRASIL, **Banco Brasileiro de Dissertações e Teses**. Disponível em <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em 6 jun. 2017.

CALADO, A. V. Parentesco por afinidade socioafetiva e obrigação alimentar. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 13, n. 74, mar 2010. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-74/parentesco-por-afinidade-socioafetiva-e-obrigacao-alimentar/> Acesso em: 2 out. 2018.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. – 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2019.

CAPRA. F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: N. R. Eichaemberg. São Paulo: Cultrix, 2003.

CARTER, B.; MCGOLDRIK, M. (col.). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. Tradução M^a. Adriana Veronese. *In*: CARTER, B; MCGOLDRIK, M. (org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. (Título original: The changing family life cycle: a framework for family therapy. Publicado em 1989).

CERVENY, C.M. de O. Ciclo vital e a família brasileira. *In*: BASTOS, A. C. de S.; MOREIRA, L. V. de C.; PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A. R. de (org.). **Família no Brasil**: recursos para pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 151-170

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. Campinas: Livro Pleno, 2001.

CERVENY, C.M. de O. Família e intergeracionalidade. *In*: CERVENY, C.M. O. (org.). **Família e...: intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, lutos, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 254-283. (Coleção Família e...)

CERVENY, C.M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CERVENY, C. M. O.; OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de Terapia Familiar**. São Paulo: Artmed, 2009.

CEZAR-FERREIRA. V. A. M. **Família separação e mediação**: uma visão psicojurídica. 4. ed. Atual. e amp. Curitiba: Editora CRV, 2017.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **What Do Narrative Inquirers Do? Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research**. 1 ed. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000. p. 48-62.

- COELHO, S. V. Aspectos estruturais do sistema familiar. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S. V.; VASCONCELOS, M. J. E. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais** - O processo de atendimento sistêmico. 3. ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosas, 2007. v. 2, t. 2. p. 434-486.
- COELHO, S. V. Estudos da Família: Uma introdução. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S. V.; VASCONCELOS, M. J. E. de; **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosas, 2012. v. 1, p. 180-186.
- COELHO, S. V. Relações Intergeracionais na família. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S. V.; VASCONCELOS, M. J. E. de; **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosas, 2012. v. 1, p. 246-263.
- COELHO, S. V. Representações de gênero nas relações familiares. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S. V.; VASCONCELOS, M. J. E.; **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosas, 2012. V. 1, p. 204-212.
- COLOMBO, P. A casa da Infância. *In*: Rabinovich, E.P. *et al.* **Autoetnografia colaborativa e investigação autobiográfica**: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares. Curitiba: Juruá, 2016. p. 171-181.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução M. L. Lopes. Consultoria, supervisão e revisão técnica da edição; D. da Silva, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELL'AGLIO, D. D.; SIQUEIRA, A. C. Avaliação da rede de apoio familiar: a utilização do Mapa dos Cinco Campos. *In*: BAPTISTA, M.N.; TEODORO, M. L. M (org.). **Psicologia da família**: teoria, avaliação e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 225-238.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografias e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução e revisão científica, Maria da Conceição Passegi;, J.G. da S. Neto; L. Passegi. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014.
- DI NICOLA, V. Um estranho na Família: Cultura, Famílias e Terapia. Tradução: D. A. Paré. **Family Process**, Porto Alegre: Artmed, v. 341, n. 1, p. 1-19, 1998. (Título do original: Of families and other cultures: The shifting paradigm of family therapy).
- DIAS, C. M. S. B. A Literatura Brasileira sobre avós na atualidade: as diversas facetas do cuidar. *In*: BASTOS, et al. (org.) **Família no Brasil** - Recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá Editora, 2015. p. 465-482.
- DIAS, M. B. Manual de direito das famílias. 6. ed. rev. e atual. e ampl. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2010.
- DINERO, R. E. *et al.* Influence of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. **J Fam Psychol**. Author manuscript; available in PMC 2009 August 1. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2689376/pdf/nihms-111178.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2019.

DINIZ, G. Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. *In*: FÉRES-CARNEIRO (org.) **Casal e Família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 12-23.

DONATI, P. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Tradução João Carlos Petrine. São Paulo: Paulinas, 2008.

DÓREA, M. A. S. O cheiro do Banco. *In*: Rabinovich, *et al.* **Autoetnografia colaborativa e investigação autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares. I.**, Curitiba: Juruá, 2016, p. 249-252.

EVANGELISTA, A. P.; MADEIRA, A. S.; GUERRA, L. D. C. L. **Curso de direito de família: atualizado até a Lei 12.318/10 (alienação parental) – agosto /2010, inclui a EC 66/2010 (nova regra do divórcio)**. Rio de Janeiro: Lumien Juris, 2010.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica da familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. *In*: WAGNER, A. (coord). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 25-46.

FLEXOR, M. H. O. História da família no Brasil (Parte I). *In*: BASTOS, A. C. S. *et al.* (org.). **Família no Brasil: um recurso para pessoa e a sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 21-66.

FONSECA, C. Concepções de Família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 50-59, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n2/06.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

FONSECA, C. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cardenos Padu**, n. 26, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30384.pdf>. Acessado em 3 de mar de 2019.

FRANÇA. M. C. C. C. **Memórias familiares em festas: estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares**. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15913/000693939.pdf. Acesso em: 12 maio 2018.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução: W. O. Schlupp; C. C. Aveline. 40. ed. São Leopoldo: SINDONAL; Petrópolis: Vozes, 2016.

GALANO, M. H. Família e o tempo. *In*: CERVENY, C. M. O. (org.). **Família e...: intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, lutos, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 118-139. (Coleção Família e...).

GAMELLA, J. F.; CARRASCO-MUÑOZ. "Vente Conmigo, primita" El matrimonio entre primos hermanos en los gitanos. Andaluces. **Gazeta de antropologia**, v. 24, n. 2, art. 33, 2008. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/6922>. Acesso em: 11 mar. 2018.

GEORGAS, J. *et al.* Functional relationships in nuclear and extend family: A 16 culture study. **International Journal of Psychology**, v. 36, n. 5, p. 289-300, 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1080/00207590143000045>. Acesso em: 1 fev. 2019.

GOMES, M.A.; PEREIRA, M. L. D. Famílias em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 2. p. 357-363, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2>. Acesso em: 10 out. 2018.

GÓMEZ, E. O.; GUARDIOLA, V. J. V. Hacia un concepto interdisciplinario de la familia em la globalización. **Husticia Juris**, v. 10, n. 1, p. 11-20, Jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/jusju/v10n1/v10n1a02.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado**: Uma análise epistemológica e hermeneutica da prática clínica; 3. ed. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2011.

GROISMAN, M. **Família é Deus**: descubra como a família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado Núcleo-Pesquisa, 2000.

GUERRA, F. F.; WAJNMAN, S.; TURRA, C. M. **Disponibilidade de irmãos no Brasil**: um estudo metodológico sobre relações de parentesco. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/810/pdf_669. Acesso em: 20 ago. 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Schaffter, L. L. 2. ed. São Paulo: Edições Vértices, 1990. (De la memoire collective).

HELLINGER, B.; HOVEL, G. T. **Constelações familiares**: o reconhecimento das ordens do amor. Tradução Eloisa Gioncoli Tironi, Tsuyuko Jinno-Spelter. São Paulo: Cultrix, 2007.

HUNDEIDE, K. Socio-cultural Tracks of Development, Opportunity Situations and Access Skills. **Culture & Psychology**. SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi). 2005. v. 11, n. 2, p. 241–261. DOI: 10.1177/1354067x05052353.

JARDIM, D. F. **Famílias palestinas no extremo sul do Brasil**: experiências identitárias e aduaneira. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644824>. Acesso em: 10 mar. 2018.

KAUARK, F.C. M; MEDEIROS, C.H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KEHL, M. R. **Em defesa da família tentacular**. Disponível em: www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf. Acesso em: 20 mar. 2017.

KROM, M. **Família e mitos: prevenção e terapias: resgatando histórias.** São Paulo: Sammus, 2000.

KUBLIKOWSKI, I. A identidade narrativa: o sujeito produzido/produtor de si. **Psicologia Revista**, 2004 Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=2Bt21wsAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 28 out. 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. **Minhas Palavras.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1991.

MACEDO, M.; KUBLIKOWSKI, I.; GRANDESSO, M. Interpretação em pesquisa qualitativa: A construção do significado. *In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO BRASIL DE PESQUISA QUALITATIVA*, 1. 2004, Taubaté. Anais: I CIBRAPEQ. São Paulo: Tec Art Editora Ltda, 2004. p.83 - 93; 01/2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322698041> Acesso em: 28 out. 2018

MAGALHÃES, J. M. **A influência da moradia nas relações familiares: uma análise das famílias em risco social.** 2018. 35 f. Monografia (Especialização em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-BCUS74>. Acesso em: 5 jan. 2019.

MARCONI, M. A.; PREZOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução.** 6. ed. 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

MARIANI, F.; MATTOS, M. CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa narrativa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFE, 2011. 250 p. **R. Educ.pbl.** Cuiabá, v. 21, n. 47, p 663 - 667, Set./Dez. 2012. DOI 10.29286/rep.v21i47.1766. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/1766/1329> Acessado em: 5 mai. 2018.

MCGOLDRIK, M. (col.) Etnicidade e o ciclo da dita. *In: CARTER, B; MCGOLDRIK, M. (org.). As mudanças no ciclo de vida familiar.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 65-83. (Título original: The changing family life cycle: a framework for family therapy, 1989).

MEIRELES, M. M. Entrevista narrativa e hermenêutica de si: fonte de pesquisa de (auto) biográfica e perspectiva de análises. *In: SOUZA, E. C. de. (org.). (Auto) biografias e documentação narrativa: rede de pesquisa e formação,* Salvador: EDUFBA, 2015. p. 285-296.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 29. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2010.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa. *In: MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 261-297.

MINUCHIN, S. **Família: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1982. (Original inglês publicado em 1974).

MINUCHIN, S. FISHMAN, C H. **Técnicas e Terapia familiar**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2007.

MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. Envolvimento de avós maternos e paternos nos cuidados e na educação de netos em idade escolar. *In*: MOREIRA, L. V. C. RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. de S. B. (Org.). **A voz dos avós: família e sociedade**. Curitiba: Editora CRV, 2017. p. 111-129.

MORGAM, A. **O que é terapia narrativa?** Uma introdução de fácil leitura. Porto Alegre: Centro de estudos e práticas narrativas, 2007.

NEVES, S. D. ... E eu declaro: “Casada para sempre”: Excertos autobiográfica da noção da conjugalidade na minha vida, a partir da infância. *In*: RABINOVICH, E. P.; LEAL, T. C. M.; REINA, W. S.; REIS, L. P. C (org.). **Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 133-142.

NEVES, S. D. **O casal e as relações de parentesco por afinidades: os sogros**. 2015, 281 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/156>. Acesso em: 8 jan. 2019.

NIEMEYER, T. Brigas de família e a dinâmica do parentesco entre judeus do Suriname. **Mana**, v 20, n. 2, Rio de Janeiro, 2014, p. 307-330. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000200004>. Acesso em: 9 ago. 2018.

NOGUEIRA, M. B. A família: conceito e evolução histórica e sua importância. Portal e-digital, inclusão digital e sociedade do conhecimento, digital BuscaLegis.ccj.ufsc.br, 2011. **E-EGOV - Portal de e-governo, inclusão e sociedade do conhecimento**. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/18496-18497-1-PB.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2017.

OLIVA, A. Sibling relationships during adolescence, **European Journal of developmental psychology**, v. 2 n. 3, p. 253-270, 2005.

OLIVEIRA, M. E. O narrador e a narrativa em A gloriosa família e A rainha dos cárceres da Grécia – um estudo. **Cadernos CESPUC de Pesquisa: Literatura Brasileira – O Brasil colonial na literatura contemporânea, discurso, ensaios, conferências**. Belo Horizonte: PUCMINAS – CESPUC, 1996. Série Ensaios n. 8, jun. 2001. (Série Ensaios).

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAIVA, V. L. M. O. Pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

- PAPERO, D. V. A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. *In: ELKAIM, M. (Org) **Panorama das terapias familiares.*** Tradução: Heller, E. C. São Paulo: Sammus, 1998. v. 1, p. 71-100.
- PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. *In: FERES-CARNEIRO, T. (Org). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade.*** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. p. 11-23.
- PERALTA, E. Abordagem teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da memória. **Antropologia, Escala e Memória**, n. 2, 2007. (nova série). Disponível em: [http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf). Acesso em: 12 set. 2018.
- PETRINI, J. C.; DIAS, M. C. **Família no debate cultural e político contemporâneo.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2015.
- PIATRO, R. S.; ALVES, R. N.; MARTINS, S.R. C. Conceito de família contemporânea: uma revisão bibliográfica dos anos 2006-2010. **Nova perspectiva sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 41-56, dez. 2013. Disponível em: <http://revistanps.com.br/nps/article/view/131/99>. Acesso em: 20 maio 2018.
- PICHON-RIVIERE. E. **Teoria do vínculo.** Tradução: E.T. Zamikhosuwsky, 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (2. tir., 2000).
- PINTO, H. R.; RIBEIRO, T. Há festas na família... Contributos da psicologia para o estudo de rotinas, tradições, celebrações e rituais familiares. **Comunicação & Cultura**, n. 10, 2010, p. 73-86. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/04.-H.R.Pinto-M.T.Ribeiro.pdf> . Acesso: 5 jul. 2018.
- PIRES, C. da S. A. Família, parentesco e casamento. Assimetria espaciais e temporais. **Revista Administração**, nº 48, v. 12, p. 617-639, 2. sem. 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/370698543/Familia-Parentesco-e-Casamento-Assimetrias-Espaciais>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- PISZEZMAN, M. L. R. M. **Famílias e estruturas: Uma abordagem estrutural e a terapia de família.** *In: CERVENY, C. M. O.* São Paulo, Caso do Psicólogo, 2006.
- PORTUGAL, S.; NOGUEIRA. C.; HESPANHA, P. As teias que a doença tece: a análise das redes sociais no cuidado da doença mental. **Revista de ciências sociais.** Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 935-968, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9000295-As-teias-que-a-doenca-tece-a-analise-das-redes-sociais-no-cuidado-da-doenca-mental.html>. Acesso em: 9 abr. 2018.
- RABINOVICH, E. P. A poética da casa da infância ou como ser criança escreveu minha vida. *In: RABINOVICH. E. P.; LEAL, T. C. M; REINA, W. S.; REIS, L. P. C (org.). **Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos.*** Curitiba: Juruá, 2013. p. 53-60.
- RABINOVICH, E. P. *et al.* (org.). **Nomes de Família: Subjetividade, Geneologia, Juridicidade e Historicidade.** Salvador: Quarteto, 2013.

RABINOVICH, E. P. *et al.* **Autoetnografia colaborativa e investigação autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares.** Curitiba: Juruá, 2016.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; Significado de família para crianças paulistas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, p. 447-455, jul./set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a05.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2019.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividade e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/16.pdf>. Acesso em: 20 maio, 2018.

RIOS, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. DOI: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>. Acesso em: 21 ago. 2018.

ROSA, P. C. Romance de primas com primas e o problema dos afetos. Parentesco e micropolítica de relacionamentos entre interlocutores tikuna, sudoeste amazônico. **Cadernos pagu**, n. 41, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645094>. Acesso em: 3 jul. 2018.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; Rede de significações: alguns conceitos básicos. *In*: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A (org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, S. M. P. **A presença da pessoa com deficiência na família:** com a palavra, o irmão. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/129>. Acesso em: 8 jan. 2019.

SÁ, S. M. P. Relatos da minha infância no que deu... *In*: RABINOVICH, E. P.; LEAL, T. C. M; REINA, W. S.; REIS, L. P. C (org.). **Família e poéticas da infância:** relatos autobiográficos. Curitiba: Juruá, 2013. p. 143-151.

SÁ, S. M. P.; RABINOVICH, E.P. Relações fraternas na família. *In*: MOREIRA, L. V. C. (org.). **Relações Familiares.** Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 332-339.

SANCHEZ, F. A. Família na visão sistêmica. *In*: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M (org.). **Psicologia da família:** teoria, avaliação e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 38-47.

SANTANA, N. *et al.* Multirreferencialidade: amplitude para perscrutar - cuidar a família. *In*: SILVA, L. W. S. (org.). **Família em contexto:** multiversas abordagens em investigação qualitativa. Salvador: Arcádia, 2012. p. 53-89.

SANTOS, J. P. **Apego e formação de vínculos em uma perspectiva sistêmica**: de Bowlby à uma compreensão novo-paradigmática, 2014. 36 f. Monografia (Especialização em Psicologia) - Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2014. Disponível em: http://web.fja.edu.br/pergamum/docs_pergamum/000001/000001F9.doc.pdf Acesso em: 20 jun. 2018.

SARAMAGO, J. **Todas as letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Revista Psicologia - USP**, v. 15, n. 3, p. 11-18, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42289/45962>. Acesso em: 5 set. 2017.

SARTI, C. A. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Revista Psicologia - USP**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 69-76, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34459/37197>. Acesso em: 2 out. 2017.

SARTI, C. A. **Famílias enredadas**. Disponível em: http://www.cortezeditora.com/Algumas_paginas/Familia.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

SCALON, C.; SALATA, A. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 2, . p. 387-407, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n2/a09v27n2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVA, A.I. Avós: memória e patrimônio cultural na região de Açores. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. S. B. (org). **A voz dos avós: família e sociedade**. Curitiba: Editora CRV, 2017. p 39-57.

SILVA, S. C. M. **Reconstrução da maternidade por mães na transição dos filhos para a vida adulta**. 2012, 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/sandra_silva.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**, Tradução: C. E. Peixoto. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

SOUZA, E. C.; MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Ed. da UFM, 2007. p. 13-21.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. PASSERELLI, C. A. F. *et al.*(org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodologias**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TÔRRES, O. D. S. História da minha vida familiar sob olhar de mim-criança. RABINOVICH, E. P.; LEAL, T. C. M; REINA, W. S.; REIS, L. P. C. (org.). **Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 115-123.

TUAN, Y. F; **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo, Difel, 1980.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida; tradução e revisão técnica: BASTOS, A. C. S. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VARGAS, N. S. **Terapia de casais**: uma visão junguiana. São Paulo: Madras Editora, 2004.

VASCONCELLOS, M. J. E. Panorama das abordagens transgeracionais em terapia familiar. p. 230-258. *In*: AUN, J. G.; COELHO, S.V.; VASCONCELOS, M. J. E. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**: Fundamentos teóricos e epistemológicos. 3. ed. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosas, 2012. v. 1, p. 230-258.

VELHO, G. Individualismo e cultura. **Notas de uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VILLAMIZAR, Y. P. Lá familia extensa: una estrategia local ante crisis sociales y económicas. **Revista del Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Humanas**: Trabajo Social n. 6, págs 77-86, 2004. [Universidade Nacional de Colombia]. Disponível em: <http://bdigital.unal.edu.co/12665/1/yolandapuyanavillamizar.2004.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2018.

WAGNER, A.; FALCKE, D. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: *definição de conceitos*. WAGNER, A. (coord.) **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos de família. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 25-46.

WEDIG, J.C.; MENASCHE, R. Campesinato, festas de família e significados do parentesco. **Tessituras**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 150-172, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/2568/2679>. Acesso em: 8 set. 2018.

WHITE, M. **Mapas da prática narrativa**. Tradução: Adriano Migliavaca. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

YACCOUB, H. A Chamada “nova classe média”: cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 36. p. 197-231, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n36/v17n36a09.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 4. ed. São Paulo: Bookman, 2010.

Outras referências:

ENCONTRO da família Monteiro. Disponível em: <http://104.196.129.229/> Acesso em: 3 mai. 2018.

LIMA, F. **Primos são irmãos que nascem do ventre de nossas tias**. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_amizade_carinho_primos_primas/. Acesso em: 3 maio 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE I - FICHA DE DADOS DA FAMÍLIA

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE I

FICHA DE DADOS DA FAMÍLIA

Data: ____/____/____ -Início: ____ h ____ min. Término: ____ h ____ min.

Cidade/Bairro: _____ Sobrenome da Família _____

I – Dados sobre o entrevistado (a) Anjo/Arcanjo _____

1. Idade:	2. Sexo: () F () M	3. Estado Civil: () Solteiro () Casado () Outros	
4. Escolaridade: Ensino	() Fundamental () Médio () Superior	() Pós-Graduação () Mestrado () Doutorado	() Completo () Incompleto
5. Profissão:			
6. Ocupação:	Empregado ()	Desempregado ()	Autônomo () Estudante ()
7. Renda familiar SM = salário mínimo vigente (R\$998,00)	De: 3 a 5 SM ()	De: 5 a 10 SM ()	De: 10 a 15 SM ()
	De: 10 a 20 SM ()	Acima de 20 SM ()	Não soube dizer () Não quis opinar ()
8. Membro na família por laço:	Consanguíneo ()		Parental/Adotiva ()
9. Posição na:	Geração/estudo		Fratria:
	Primeira ()	Segunda ()	Nº de irmãos:

II – Concepção de Família:

10 - O que você compreende por família?

11 - Quem faz parte da sua família?

III – Dados de caracterização das famílias de origem: Materna (FM) Paterna (FP)

12. Quantitativo de Tios:			13. Quantitativo de Primos:		
Família	Materna	Paterna	Família	Materna	Paterna

ENTREVISTA NARRATIVA

IV - Questão Norteadora:

O que é para você “ser” e “ter” primos, e o que tem a dizer sobre as relações entre primos em sua família?

Temário de Questões:

<p>Que eventos ou lugares são marcadores das relações entre primos em sua família?</p> <p>Que aspecto você considera como mais prazerosos e menos prazerosos nas relações entre primos?</p> <p>O que contribui ou dificulta na manutenção das relações entre primos?</p> <p>O que mais gostaria de acrescentar sobre suas experiências com seus primos.</p>

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/A senhor/a está sendo convidado/a a participar, como voluntário/a, de uma pesquisa intitulada: O TEAR DAS RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA CONTEMPORANEIDADE, que será desenvolvida pelas pesquisadoras Mariza Carla Monteiro Souza (mestranda) e Ana Cecília de Sousa Bastos (professora), do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer como os primos de diferentes gerações compreendem as relações entre eles na teia relacional da família. A sua participação no estudo consiste em responder algumas questões elaboradas pela pesquisadora na forma de entrevista narrativa. Tendo um roteiro temários de questões preestabelecidas que inclui perguntas relacionadas a caracterização da família e das relações entre primos, que terá duração aproximada de 50 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o/a senhor/a poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o/a senhor/a (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o/a senhor/a poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.

As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Caso o/a senhor/a autorize, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo/a senhor/a, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda das pesquisadoras que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.

Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o/a senhor/a será ressarcido/a.

O estudo apresenta benefícios conforme o CNS ou CNP RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo/a a refletir sobre a relevância das relações entre primos na família. Além disso, será ampliada a investigação sobre primos na cidade do Salvador - BA.

Há o risco de constrangimento em decorrência da entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, o/a senhor/a receberá amparo e apoio psicológico, caso não dispunha de plano de saúde no momento, a pesquisadora estará disponível para encaminhá-lo (a) para uma das instituições como: CEFAC, COFAN ou NUCEPS, assim como a relação com os endereços e telefones dessas clínicas sociais que realizam atendimento psicoterapêutico, onde o/a senhor/a poderá escolher a que melhor lhe convier.

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o/a senhor/a e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Mariza Carla Monteiro Souza

Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- Ba, CEP: 40.231-902 Fone/Fax: (71) 3203-8902.

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TEAR DAS RELAÇÕES ENTRE PRIMOS NA CONTEMPORANEIDADE

Pesquisador: MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 03454818.2.0000.5628

Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.142.982

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório que será realizada com primos, residentes na cidade do Salvador – BA. Serão incluídos como informantes-chave primos na faixa etária de 18 a 60 anos que descendem no universo de duas gerações de uma mesma família de classe média, que tenham vivido a experiência de ser e ter primo. Serão incluídos como informantes chave primos de três famílias diferentes. Serão excluídos os primos que tenham idade inferior a 18 anos devido a necessidade de consentimento dos pais, e famílias que descendem apenas uma geração entre a faixa etária de inclusão. O critério para seleção dos participantes será o de acessibilidade, ou seja, através de indicações de pessoas do rol social da pesquisadora. A pesquisa será realizada no período de Janeiro de 2019 a Fevereiro de 2019. A coleta acontecerá em um ambiente calmo e tranquilo, livre de ruídos, na residência dos participantes ou em outro lugar que melhor lhes convier conforme marcação prévia. A metodologia utilizada será a pesquisa narrativa, o método utilizado na coleta de dados será a entrevista narrativa semiestruturada, com base em um roteiro de questões pré estabelecidas elaborada pela autora da pesquisa. Este roteiro busca: a) levantar o que os primos entendem por família, quem faz parte, e o que contam sobre as interações na teia relacional da família; b) elencar os marcadores e as dimensões interacionais que as relações entre primos alcançam nas experiências relacionais na família; c) examinar se

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 3.142.982

há diferenças na compreensão sobre as relações entre primos no passado e no tempo presente da família; d) identificar de que modo as relações entre primos se mantêm ao longo do tempo e como são afetadas ou afeta outras relações na família (nuclear e extensa); e) comparar as visões das diferentes gerações quanto ao vínculo entre primos e identificar possíveis mudanças; As entrevistas ocorrerão face a face com os entrevistados, serão gravadas em celular Samsung J7 Prime 2, e transcritas na íntegra para subsequente análise das narrativas. Serão encerradas ao atingirem o ponto de saturação. O método para análise de dados será a análise de conteúdo, e após leitura global das entrevistas será construído um mapa analítico-compreensivo (MEIRELES, 2015), apreendendo a totalidade dos dados, e serão delimitadas as categorias de análise das unidades de sentidos nos principais fatos/eventos biográficos narrados, a fim de construir um inventário sistemático das narrativas. Pois, é a partir da compreensão das histórias vividas narradas que "a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis" (MARIANI e MATTOS, 2011). Serão utilizando descritores como pertencimento, lealdade, vínculos e fronteiras. Vale ressaltar que os informantes chave terão seus nomes preservados sendo identificados por nomes de anjos e arcanjos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Conhecer como os primos de diferentes gerações compreendem as relações entre eles na teia relacional da família.

Objetivos Secundários:

- Levantar o que os primos entendem por família, quem faz parte, e o que contam sobre as interações na teia relacional da família;
- Elencar os marcadores e as dimensões interacionais que as relações entre primos alcançam nas experiências relacionais na família;
- Examinar se há diferenças na compreensão sobre as relações entre primos no passado e no tempo presente da família;
- Identificar de que modo as relações entre primos se mantêm ao longo do tempo, e como são afetadas ou afeta outras relações na família (nuclear e extensa);

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 3.142.982

- Comparar as visões das diferentes gerações quanto ao vínculo entre primos e identificar possíveis mudanças;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Por reviverem momentos de lembranças, felizes ou mobilizadoras, os participantes podem apresentar labilidade emocional representando possível risco ou desconforto. O risco ou desconforto poderá ser minimizado mediante encaminhamento a atendimento psicológico se necessário. Caso o participante não disponha de plano de saúde ou recursos financeiros, será disponibilizada uma relação de clínicas sociais que prestam atendimento psicoterapêutico, podendo escolher a que melhor lhe convier.

Benefícios:

O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo/a a refletir sobre a relevância das relações entre primos na família. Além disso, será ampliada a investigação sobre primos na cidade do Salvador - BA

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem redigida e referendada, objetivos e métodos claros, inclusive os critérios de inclusão e exclusão dos participantes, assim como os riscos e benefícios.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados conforme resolução 466/12.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em concordância com o parecer do relator em 12/02/2019, fica deliberado que o projeto está aprovado, considerando que a pesquisadora cumpriu com as recomendações e as pendências emitidas no parecer do dia 12/12/2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU CEP: 41.740-090
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.142.982

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1262172.pdf	13/12/2018 17:09:22		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	13/12/2018 17:08:08	MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA	Aceito
Outros	ATENDIMENTO.pdf	13/12/2018 17:06:48	MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	26/11/2018 16:36:54	MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAPB.pdf	23/11/2018 17:11:22	MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA	Aceito
Outros	Roteiro.pdf	23/11/2018 16:31:23	MARIZA CARLA MONTEIRO SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 12 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

ANDERSON ABBEHUSEN FREIRE DE CARVALHO
(Coordenador(a))

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br